

Bhagwan Shree Rajneesh

DO SEXO À SUPRACONSCIÊNCIA



Cultrix

BHAGWAN SHREE RAJNEESH

DO SEXO À SUPRACONSCIÊNCIA

**TRADUÇÃO
DE
ELZA CAROLINA PIACENTINI**

**EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO**

Titulo do original:
From Sex to Superconsciousness

© 1979 Rajneesh Foundation International

Edição	Ano
--------	-----

1-2-3.4-5-6-7-8-9	84-85-86-87-88-89-90-91-92-93
-------------------	-------------------------------

Direitos reservados.

EDITORA CULTRIX

Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270 S. Paulo, SP - fone: 63-3141

Impresso nas oficinas da Editora Pensamento.

Sumário

INTRODUÇÃO.....5

Sexo, a gênese do amor7

Da repressão à emancipação.....29

O pináculo da meditação49

Sexo, o superátomo69

Da luxúria ao Senhor84

INTRODUÇÃO

Tenho um amigo, John, que vive no Canadá. Encontramo-nos numa festa de despedida, quando parti para a Índia pela primeira vez, e depois, dezoito meses mais tarde, quando voltei. Ele estava de jeans azul e eu, de laranja, um discípulo colorido de Bhagwan Shree Rajneesh.

John levou-me para um canto e me fez uma pergunta. Algo o estava perturbando profundamente e ele esperava que talvez eu pudesse ajudá-lo. Respondi sua pergunta a partir de minha própria experiência na Índia e do que Bhagwan me mostrara. Quando terminei de falar, John olhou-me um momento e disse: "Você acabou de destruir totalmente tudo o que sempre me ensinaram a acreditar".

Isso foi há mais de quatro anos e, desde então, nunca mais o vi.

Esta edição de *Do Sexo à Supraconsciência* foi feita para John.

Os cinco discursos publicados neste livro foram pronunciados em Bombaim, durante o fim do verão e o começo do outono de 1968. Agora estamos em 1978, e o que você pode ver no SHREE RAJNEESH ASHRAM em Poona, atualmente, está muito distante, em muitos níveis, do que você teria visto em Bombaim, naquelas tardes quentes e abafadas das monções, dez anos atrás.

Já estou indo para meu sexto ano com Bhagwan e, durante esse período, vim observando-o mudar. Amor é amor, não-condenação é não-condenação, compaixão é compaixão — e isso é tão intenso e incondicional hoje, quanto da primeira vez que o vi — mas ele está diferente. Como descrever? Tudo o que posso dizer é que as vibrações de Bhagwan estão mais refinadas, muito mais sutis do que antes, como se ele estivesse desaparecendo lentamente. Agora há um silêncio profundo, um sereno frescor à sua volta. Em Bombaim, em 1968, você teria encontrado um fogo crepitante.

Naquele tempo, por toda a Índia, falava-se de um jovem, um Professor, um Acharya Rajneesh, de Kuchwada, pequeno vilarejo do Estado de Madhya Pradesh, no centro-norte da Índia. Dizia-se que ele viera de uma respeitável família jaina e que, dois anos antes, abandonara uma carreira brilhante como professor na Universidade Saugar, em Jabalpur, para dedicar sua vida a Deus. Dizia-se também que ele tinha 36 anos, era bacharel, muito bonito, orador eloquente e que já tinha um grupo considerável de seguidores. Em alguns círculos dizia-se que ele era iluminado.

Um grupo de amigos convidou-o para fazer uma série de conferências, em Bombaim, e o tema escolhido por eles foi "Amor".

Acredito que, em seu discurso de abertura, Bhagwan destruiu totalmente tudo o que os organizadores sempre foram ensinados a acreditar. Ao contrário de meu amigo John, eles nem mesmo esperaram que Bhagwan terminasse: debandaram na metade do discurso. As conferências foram canceladas e Bhagwan voltou para Jabalpur.

Entretanto, algumas pessoas ouviram e, apesar da atitude com relação ao sexo na Índia ser comparável à da Inglaterra no começo do século, essas pessoas quiseram ouvir mais. Um mês depois, Bhagwan voltou a Bombaim e falou durante mais quatro tardes diante de 15.000 pessoas, no Gowalia Tank Maidan.

Gostaria de dizer ainda uma outra coisa.

Nestas páginas, entre muitos outros toques de alerta, você encontrará uma visão de um homem melhor — um potencial, uma possibilidade. Já li inúmeros livros nos quais o autor propõe um plano para uma humanidade melhor; você também já deve ter lido vários. Mas você percebe que está lendo uma fantasia; pode ser bela e Impressionante, mas não passa de um sonho. A visão de Bhagwan, anunciada publicamente há dez anos, está no processo de se tornar uma realidade.

Atualmente, dentro e em volta de seu Ashram em Poona e em muitos países do mundo, dezenas de milhares de *sannyasins* de Bhagwan Shree Rajneesh estão de fato passando lentamente através do sexo em direção a seu quarto e último estágio, ao celibato, ao que na Índia é chamado de *brahmacharya*, à suprema união com a existência. E quando isso acontecer, quando as crianças nascerem de uma profunda união espiritual de casais, nos quais a energia sexual floresceu na supraconsciência, haverá uma nova raça sobre a terra. Será uma raça de homens e mulheres que trarão encanto e benevolência a um planeta assediado e oprimido. Uma raça que só será pequena em número.

Bhagwan se dissolverá como uma gota de chuva no oceano e nós, seus *sannyasins*, também desapareceremos. Mas deixaremos atrás de todos nós uma chama.

Se você vier a Poona e olhar em volta, verá que a visão de Bhagwan, as preces que você vai ler agora, estão a caminho da realização.

Swami Krishna Prem

Poona.

Sexo, a gênese do amor

1º Discurso

Auditório Bharatiya Vidya Bhavan

28 de agosto de 1968

Bombaim

Amor.

O que é amor?

Sentir amor é fácil, mas defini-lo é realmente difícil.

Se você perguntar a um peixe o que é o mar, ele dirá: "O mar é isto. O mar é tudo o que está ao meu redor. E pronto!" Mas se você insistir — "Por favor, defina o mar" — então o problema será realmente muito difícil.

Tudo o que há de mais belo e sutil na vida pode ser vivenciado, mas dificilmente definido, descrito.

A miséria do homem é esta: durante os últimos quatro a cinco mil anos, o homem tem apenas falado sobre algo que ele deveria estar vivendo intensamente, sobre algo que deveria estar sendo realizado em seu interior — o amor. Tem havido grandes discursos sobre o amor, inúmeras músicas de amor têm sido cantadas e hinos devocionais continuamente são entoados em templos e igrejas. O que não é feito em nome do amor? — mesmo assim não existe lugar para o amor na vida do homem. Se pesquisarmos profundamente as linguagens do gênero humano, não encontraremos uma palavra mais falsa do que "amor".

Todas as religiões pregam o amor, mas o tipo de amor que é encontrado em todos os lugares, o tipo de amor que tem envolvido o homem como um infortúnio hereditário, tem conseguido apenas fechar todas as portas para o amor em sua vida. Entretanto, as massas veneram os líderes religiosos como criadores de amor. Eles têm falsificado o amor, têm bloqueado todas as correntes de amor. E, quanto a isto, não existe diferença básica entre o Oriente e o Ocidente, entre a Índia e a América.

A corrente do amor ainda não veio à superfície no homem. E atribuímos isto ao próprio homem. Dizemos que isto acontece porque o homem está deteriorado, e que é por causa disto que o amor não evoluiu que é por causa disto que, nenhuma corrente de amor existe em nossas vidas. E colocamos toda a culpa na mente; dizemos que é a mente que envenena. A mente não é veneno. Aqueles que

degradam a mente são os que envenenaram o amor, os que não permitiram o crescimento do amor. Nada neste mundo é veneno. Não existe nada de ruim em toda a criação de Deus; tudo é um néctar. Foi o homem que transformou este copo cheio de néctar em veneno. E os maiores criminosos são os chamados professores, os homens sagrados e santos, os políticos.

Refleta sobre isto profundamente. Se essa doença não for compreendida imediatamente, se ela não for curada completamente, não haverá nenhuma possibilidade — agora ou no futuro — de amor na vida do homem.

A ironia da coisa é que aceitamos cegamente as razões para tal estado, oferecidas justamente pelas mesmas fontes responsáveis pelo amor não estar despontando em primeiro lugar no horizonte humano. Se princípios enganadores são repetidos e reiterados por séculos, falhamos em ver as fraudes básicas que existem por trás dos conceitos originais. Então, o caos é criado, porque o homem é intrinsecamente incapaz de tornar-se o que essas regras desnaturais dizem que ele deve ser. Simplesmente aceitamos que o homem está errado.

Ouvi contar que, há muito tempo, um mascate de leques costumava passar todos os dias pelo palácio do rei, vangloriando-se dos maravilhosos e incomparáveis leques que vendia. Ele proclamava que ninguém nunca havia visto leques como aqueles.

O rei possuía uma coleção de leques de todos os tipos, de cada parte do mundo, por isso ficou curioso. Um dia, ele se inclinou sobre sua sacada para dar uma olhada nesse vendedor de leques únicos e maravilhosos. Para ele, os leques pareciam comuna, dificilmente valeriam um "tostão", mas mesmo assim resolveu pedir ao homem para subir. O rei perguntou: "O que há de especial em seus leques? E qual o preço deles?"

O mascate respondeu: "Sua Majestade, eles não custam muito. Considerando a qualidade que possuem, o preço é muito baixo: cem rúpias cada um".

O rei ficou intrigado: "Cem rúpias! Esse tipo de leque pode ser encontrado em qualquer feira. E você pede cem rúpias! O que há de tão especial nesses leques?"

O mascate disse: "A qualidade! Cada leque tem a garantia de cem anos. Mesmo em cem anos ele não se desmantelará".

"Pela aparência, acho que não duram nem uma semana. Está querendo me trapacear? Isto é uma fraude. E está fazendo isto com o rei?"

O vendedor respondeu: "Meu Senhor, como poderia eu me atrever? O senhor bem sabe, Majestade, que passo diariamente em frente ao seu palácio, vendendo meus leques. O preço é de cem rúpias e sou o responsável, caso eles não durem cem anos. Estarei à sua disposição na rua diariamente. E, além do mais, é o senhor quem dita as leis neste país. Como eu poderia me safar se o enganasse?"

O leque foi comprado pelo preço estipulado. Embora o rei não confiasse no mascate, estava morrendo de curiosidade para saber que motivos o homem tinha para fazer tal afirmação. O vendedor recebeu a ordem de comparecer novamente após sete dias.

A vareta central do leque partiu-se no terceiro dia e o leque desintegrou-se totalmente antes de completar uma semana.

O rei estava certo de que o vendedor nunca mais voltaria mas, para sua surpresa, o homem compareceu como lhe havia sido ordenado, no prazo certo, no sétimo dia.

"Às suas ordens, Majestade."

O rei ficou furioso: "Seu patife! Seu idiota! Olhe. Aqui está seu leque, partido em pedaços. Veja em que condições está em uma semana, e você me garantiu que duraria cem anos! Você é louco ou apenas um grande trapaceiro?"

O homem replicou humildemente: "Com o devido respeito, parece-me que Vossa Majestade não sabe usar leques. O leque deveria durar cem anos; ele tem esta garantia. Como é que o senhor se abana?"

O rei disse: "Oh, meu Deus! Agora terei de aprender como me abanar também?"

"Por favor, não fique com raiva. Como o leque chegou a este estado em apenas sete dias? Como o senhor se abana?"

O rei ergueu o leque, mostrando a maneira normal das pessoas se abanarem.

O homem disse: "Agora compreendo. O senhor não deve se abanar assim".

"E que outra maneira existe?", perguntou o rei.

O homem explicou: "Segure o leque imóvel. Conserve-o imóvel à sua frente e mova sua cabeça para lá e para cá. O leque durará cem anos. O senhor morrerá, mas o leque permanecerá intacto. Não há nada de errado com o leque; o modo de se abanar é que está errado. Conserve-o fixo e mova sua cabeça. Em que meu leque falhou? A falha é sua e não do leque".

O gênero humano é acusado de falha semelhante. Olhe para a humanidade. O homem está doente, cheio de doenças acumuladas em cinco, seis, dez mil anos. Repetidamente tem-se dito que o homem é que está errado, não a cultura. O homem está se degenerando e a cultura continua sendo louvada. Nossa grande cultura! Nossa grande religião! Tudo é ótimo! E veja os frutos disso!

Dizem: "O homem está errado; o homem deve se transformar"; entretanto, ninguém pergunta se as coisas não são como são porque nossa cultura e nossa religião, incapazes de preencher com amor o homem, após dez mil anos, estão

baseadas em falsos valores. Se o amor não se expandiu nos últimos dez mil anos, isto nos leva a crer que não existe nenhuma possibilidade futura de ver um homem sequer amoroso nesta cultura e nesta religião. O que não pôde ser alcançado nos últimos dez mil anos não poderá ser conseguido nos próximos dez mil. O homem de hoje será o mesmo amanhã. Embora o invólucro, a etiqueta, a civilização e a tecnologia mudem de tempos em tempos, o homem é e sempre será o mesmo.

Nós não estamos preparados para revisar nossa cultura e nossa religião, mas vivemos elogiando-as com alarde e beijando os pés dos seus santos e guardiões. Não queremos nem mesmo concordar em olhar para trás e refletir sobre nossos caminhos, sobre a direção do nosso pensamento, para verificarmos se não estão nos desviando, para vermos se não estão todos errados.

O que eu quero dizer é que a base está defeituosa, que os valores são falsos. A prova é o homem atual. Que outra prova pode haver?

Se plantamos uma semente e o fruto sai envenenado e amargo, o que isto prova? Prova que a semente estava envenenada e amarga. Mas é difícil, naturalmente, predizer se uma determinada semente dará frutos amargos ou não. Você pode observá-la cuidadosamente, pressioná-la ou abri-la, mas não pode predizer com segurança se o fruto será doce ou amargo. Terá de esperar o teste do tempo.

Plante uma semente. Um broto surgirá. Anos se passarão. Uma árvore surgirá, expandirá seus galhos para o céu e produzirá frutos. Só então será possível saber se a semente plantada era amarga ou não. O homem moderno é o fruto dessas sementes da cultura e da religião que foram plantadas há dez mil anos e que têm sido alimentadas desde então. E o fruto é amargo, cheio de conflitos e misérias.

Mas nós somos justamente as pessoas que louvam essas sementes e esperam que o amor floresça delas. Isto não acontecerá, eu repito, porque todas as possibilidades de nascimento do amor foram assassinadas pela religião. As possibilidades foram envenenadas. Muito mais do que no homem, o amor pode ser visto nos pássaros, nos animais, nas plantas e naqueles que não têm nenhuma cultura ou religião. O amor é mais evidente no homem não civilizado, nos atrasados homens do campo, do que nos chamados evoluídos, cultos e civilizados. E lembre-se, o povo aborígine não desenvolveu nenhuma civilização, cultura ou religião.

Por que o homem está se tomando progressivamente mais e mais árido de amor, quando ele aparenta ser cada vez mais civilizado, culto e religioso, freqüentando templos e igrejas para rezar? Existem algumas razões e eu gostaria de expô-las. Se elas puderem ser compreendidas, a eterna corrente de amor poderá brotar. Mas ela está bloqueada por pedras e não pode vir à tona. Está murada por todos os lados e o Ganges não pode jorrar, não pode fluir livremente.

O amor está dentro do homem. Não é importado do exterior. Não é algo que

possa ser adquirido nas lojas. É a fragrância da vida. Está no interior de cada um. A busca do amor, o cortejo do amor, não é uma ação positiva, não é um ato exterior de sair para extrair o amor de algum lugar.

Um escultor estava trabalhando em uma rocha. Uma pessoa veio para ver como uma estátua é feita e não viu nenhum sinal de estátua, viu apenas uma pedra sendo talhada aqui e ali, por um cinzel e um martelo.

"O que você está fazendo?", o homem perguntou. "Por que você não está fazendo uma estátua? Vim para ver uma estátua sendo feita, mas a única coisa que vejo é você talhando uma pedra."

O artista disse: "A estátua já está escondida aí dentro. Não há necessidade de fazê-la. De algum modo, a camada de pedra inútil que está fundida a ela tem de ser retirada para que a estátua se mostre. As estátuas não são feitas, são descobertas. É preciso descobri-las, trazê-las à luz".

O amor está preso dentro do homem; basta libertá-lo. A questão não é produzi-lo, mas sim descobri-lo. Com o que nós o cobrimos? O que é que impede o amor de vir à superfície?

Tente perguntar a um médico o que é saúde. É muito estranho, mas nenhum médico no mundo pode dizer o que é saúde! Com toda a ciência médica preocupada com a saúde, não há ninguém capaz de dizer o que é saúde? Se você perguntar a um médico, ele poderá lhe dizer apenas o que são as doenças ou quais os seus sintomas. Ele poderá saber o termo técnico específico para cada doença e também prescrever a sua cura. Mas e a saúde? Sobre saúde, ele não sabe nada. Pode afirmar apenas que quando não há nenhuma doença, existe saúde. Isto porque a saúde está oculta dentro do homem. A saúde está além de qualquer definição humana.

A doença vem do exterior e, portanto, pode ser definida; a saúde vem do interior e, por isto, não pode ser definida. A saúde desafia a definição. Podemos dizer apenas que saúde é a ausência de doença. Na verdade, a saúde não precisa ser criada; ou está oculta pela doença, ou se revela quando a doença é curada. A saúde está em nosso interior. É a nossa natureza.

O amor também está em nosso interior. O amor é nossa natureza intrínseca. Basicamente, é errado esperar que o homem crie amor. O problema não é criar amor, mas investigar e descobrir por que ele não está sendo capaz de se manifestar. Qual é a barreira? Qual é a dificuldade? Onde está o dique que o bloqueia?

Se não houver nenhuma barreira, o amor mostrar-se-á. Não será necessário persuadi-lo ou guiá-lo. Todo homem seria repleto de amor não fossem as barreiras da falsa cultura e das tradições degradantes e prejudiciais. Nada pode acabar com o amor. O amor é inevitável. O amor é a nossa natureza.

O Ganges flui do Himalaia. Ele é água; simplesmente flui — não pergunta a

nenhum padre o caminho para o oceano. Você já viu um rio parado num cruzamento, perguntando a um policial o paradeiro do oceano? Por mais distante que o oceano possa estar, por mais oculto que possa estar, o rio certamente encontrará o caminho. É inevitável: ele tem um impulso interno. Não possui nenhum livro-guia, mas infalivelmente chegará a seu destino. Abrirá fendas através das montanhas, cruzará planícies e atravessará terras em sua corrida para chegar ao oceano. Um desejo insaciável, uma força, uma energia existe dentro do seu coração, bem no centro do seu coração.

Mas, suponhamos que obstruções sejam feitas em seu caminho, pelo homem. Suponhamos que o homem construa diques. O rio pode vencer e romper barreiras naturais afinal, para ele, elas não são barreiras de modo algum — mas se barreiras forem criadas pelo homem, se diques forem construídos para barrá-lo, é possível que ele não consiga chegar ao oceano. O homem, a suprema inteligência da criação, pode impedir um rio de chegar ao oceano, se assim o decidir.

Há uma harmonia, uma unidade fundamental na natureza. Os obstáculos naturais, as oposições aparentes vistas na natureza são desafios para despertar energia; servem, como sons de clarim, para despertar o que está latente no interior. Não existe nenhuma desarmonia na natureza.

Quando plantamos uma semente, parece que a camada de terra colocada sobre a semente está pressionando-a para baixo, obstruindo seu crescimento. Parece assim, mas na realidade essa camada de terra não é uma obstrução; sem essa camada, a semente não pode germinar. A terra pressiona a semente para baixo de modo que possa amadurecer, desintegrar-se e transformar-se em nova árvore. Exterioirmente, é como se o solo a sufocasse, mas a terra está apenas desempenhando a função de um amigo. É uma operação clínica.

Quando uma semente não se torna planta, dizemos que a terra pode não ter sido propícia, que a semente pode não ter recebido água ou luz solar suficientes — nunca colocamos a culpa na semente. Mas se não desabrocham flores na vida do homem, dizemos que ele é o responsável por isto. Ninguém pensa se o adubo foi pouco, se houve escassez de água ou falta de sol, e faz algo em relação a isso; o próprio homem é acusado de ser mau. Assim, a planta-homem tem permanecido subdesenvolvida, oprimida pela hostilidade e incapaz de alcançar o estágio do florescimento.

Natureza é harmonia rítmica. Mas a artificialidade que o homem tem imposto à natureza, as coisas que ele tem construído sobre ela e as invenções mecânicas que tem lançado na corrente da vida criaram obstáculos em muitos lugares, paralisaram o fluxo. E o rio foi transformado em réu. As pessoas dizem: "O homem é mau; a semente é venenosa".

Gostaria de chamar sua atenção para o fato de que as obstruções básicas são

feitas pelo homem, são criadas pelo próprio homem — do contrário, o rio do amor poderia fluir livremente e alcançar o oceano de Deus. O amor é inerente ao homem. Se as obstruções forem removidas conscientemente, o amor poderá fluir, poderá elevar-se até tocar Deus, até tocar o Supremo.

Quais são esses obstáculos criados pelo homem? Em primeiro lugar, a obstrução mais óbvia tem sido a oposição ao sexo, a censura da paixão. Esta barreira tem destruído a possibilidade do nascimento do amor no homem.

A verdade simples é que o sexo é o ponto inicial do amor. O sexo é o começo da jornada para o amor. A origem, o Gangotri do Ganges do amor é o sexo, a paixão — e todo o mundo comporta-se como seu inimigo. Qualquer cultura, religião, guru ou vidente tem atacado este Gangotri, esta fonte, e o rio permanece refreado. O clamor público tem sido sempre este: "Sexo é pecado. Sexo é anti-religioso. Sexo é veneno", e nunca compreendemos que, no final, é a própria energia sexual que viaja e alcança o oceano interno do amor. O amor é a transformação da energia sexual. O florescimento do amor vem da semente do sexo.

Olhando para o carvão, nunca lhe ocorreria que ele se transforma no diamante. Os elementos contidos num pedaço de carvão são os mesmos encontrados no diamante. Essencialmente, não há nenhuma diferença básica entre eles. Após passar por um processo que leva milhares de anos, o carvão toma-se diamante.

Mas o carvão não é considerado importante. Ao ser guardado numa casa, o carvão é armazenado onde não possa ser visto pelas visitas, enquanto os diamantes são usados ao redor do pescoço ou no peito para que todos possam vê-lo. O diamante e o carvão são a mesma coisa: são dois pontos da jornada de um mesmo elemento. Se você estiver contra o carvão por ele não ter, à primeira vista, nada para oferecer além de fuligem negra, a possibilidade dele se transformar em diamante acaba aí mesmo. O carvão pode ser transformado em diamante. Mas nós o odiamos. E assim, a possibilidade de qualquer progresso é fechada.

Apenas a energia do sexo pode florescer no amor. Mas todo o mundo, incluindo os grandes pensadores da espécie humana, está contra ele. Esta oposição não permite que a semente germine, e o palácio do amor é destruído nos alicerces. A inimizade pelo sexo tem destruído a possibilidade de amor. Deste modo, o carvão é incapaz de tomar-se diamante.

Por causa desses conceitos básicos errôneos, ninguém sente a necessidade de passar pelos estágios de reconhecimento e desenvolvimento sexuais e pelos seus processos de transformação. Como podemos transformar aquele de quem somos inimigos, a quem nos opomos, com quem estamos continuamente em guerra? Uma batalha entre o homem e sua energia tem sido continuamente forçada. O homem tem sido ensinado a lutar contra sua energia sexual, a se opor contra sua necessidade sexual.

"A mente é venenosa, lute contra ela", tem sido dito ao homem. A mente existe no homem assim como o sexo — e, no entanto, espera-se que o homem fique livre dos conflitos internos. Uma existência harmoniosa é esperada dele. Ele tem de lutar e ser pacífico ao mesmo tempo. Tais são os sentimentos desses líderes. De um lado levam o homem à locura, e de outro, abrem asilos para tratá-lo. Disseminam os germes da doença e constroem hospitais para curar o doente.

Outra consideração importante é que o homem não pode ser separado do sexo. O sexo é seu ponto inicial; ele nasce dele. Deus fez da energia sexual o ponto de partida da criação. E os grandes homens chamam de pecaminoso o que o próprio Deus não considera pecado! Se Deus considerasse o sexo pecado, não haveria maior pecador neste universo do que Deus.

Você nunca percebeu que o desabrochar de uma flor é uma expressão de paixão, é um ato sexual? A dança do pavão em plena glória é cantada por poetas, enche os santos de alegria — mas será que eles estão conscientes de que a dança também é uma expressão patente de paixão, que é primariamente um ato sexual? O pavão dança para agradar a quem? Para chamar sua esposa, sua amada. O papiha está cantando; o cuco está cantando; um menino tornou-se adolescente; uma moça está se tomando mulher. O que é tudo isto? Que jogo, que *leela* é este? Isto tudo são indicações de amor, de energia sexual. Essas manifestações de amor são expressões de sexo transformadas — borbulhantes de energia, declaradamente sexuais.

18

Através da vida inteira de uma pessoa, todos os atos de amor, todas as atitudes e premências de amor, são florescimentos da energia sexual primária.

A religião e a cultura derramam veneno contra o sexo na mente do homem. Criam conflitos e guerras; envolvem o homem numa batalha contra sua própria energia básica e o tornam fraco, vulgar, tosco, desprovido de amor e repleto de vazio. A amizade e não a inimizade deve ser feita com o sexo. O sexo deve ser elevado às mais puras alturas.

Enquanto abençoava um casal, um sábio disse à noiva: "Que você possa ser a mãe de dez crianças e, no final, que seu marido seja seu décimo primeiro filho".

Quando a paixão é transformada, a esposa pode tornar-se mãe; quando a luxúria é transcendida, o sexo pode tornar-se amor. Apenas a energia sexual pode florescer numa força de amor. Mas temos incutido no homem antagonismos sobre o sexo, e o resultado tem sido o não florescimento do amor. O que vem depois, o vir-a-ser só é possível pela aceitação do sexo. A corrente do amor não pode jorrar por causa da forte oposição. O sexo, por outro lado, fica se agitando por dentro, e a consciência do homem turva-se com a sexualidade.

A consciência do homem está se tomando cada vez mais sexual. Nossas

canções, poemas, pinturas e até as figuras dos templos giram em torno do sexo — isto porque nossa mente também se revolve ao redor do eixo do sexo. Nenhum animal no mundo é tão sexual quanto o homem. O homem é sexual em todas as horas — acordado ou dormindo, em seus hábitos assim como em suas etiquetas. A todo momento, o homem está obcecado pelo sexo.

Por causa dessa inimizade pelo sexo, dessa oposição e repressão, o homem está decaindo interiormente. Ele não pode se livrar de algo que é a própria raiz da sua vida, e em função desse constante conflito interior todo seu ser tornou-se neurótico. Ele está doente. Essa sexualidade pervertida, tão evidente no gênero humano, existe por causa desses homens chamados de líderes e santos; são eles os responsáveis por isto. Até que o homem se livre de tais professores, moralizadores, líderes religiosos e de seus falsos sermões, a possibilidade do amor vir à tona será nula.

Lembro-me de uma estória:

Num domingo, um pobre fazendeiro estava saindo de sua casa e encontrou no portão um amigo de infância que tinha vindo para vê-lo. O fazendeiro lhe disse: "Seja bem-vindo! Onde você esteve por todos estes anos? Entre! Olhe, prometi ir ver alguns amigos e seria difícil adiar a visita agora. Assim, por favor, descanse em minha casa. Voltarei dentro de mais ou menos uma hora, e então, poderemos ter um longo bate-papo".

O amigo disse: "Oh, não seria melhor que eu fosse com você? Só que minhas roupas estão muito sujas. Se você puder me dar algo limpo, trocarei de roupa e irei com você".

Há algum tempo, o rei havia dado ao fazendeiro algumas roupas valiosas e o fazendeiro as estava guardando para uma ocasião especial. Alegrementemente, ele trouxe essas roupas para o amigo.

O amigo colocou o precioso casaco, o turbante, o *dhoti* e os sapatos que eram muito bonitos. Ficou parecido com o próprio rei. Olhando para ele, o fazendeiro ficou um pouco enciumado, pois, comparado ao amigo, ele parecia um servo.

Tentou acalmar sua mente, vendo-se como um bom amigo, um homem de Deus. Decidiu que pensaria apenas em Deus e em coisas nobres: "Além do mais, que importância têm um casaco fino e um turbante caro?" Mas quanto mais tentava convencer-se, mais o casaco e o turbante tomavam conta de sua mente.

No caminho, embora estivessem caminhando juntos, as pessoas que passavam olhavam apenas para seu amigo; ninguém o notava. Ele começou a sentir-se deprimido. Estava tagarelando com o amigo, mas por dentro não pensava em outra coisa além do casaco e do turbante!

Chegaram à casa das pessoas que iam visitar e ele apresentou o amigo: "Este é um amigo meu, um amigo de infância. É um homem encantador". E, de repente,

soltou: "Quanto às roupas, elas são minhas!"

O amigo ficou estupefato. Os donos da casa também ficaram surpresos. O pobre fazendeiro compreendeu que o comentário havia sido inoportuno, mas então já era tarde demais. Arrependeu-se da sua asneira e reprovou-se interiormente.

Ao saírem da casa, ele desculpou-se com seu amigo.

O amigo disse: "Eu fiquei atônito. Como você pôde dizer uma coisa dessas?"

O fazendeiro disse: "Sinto muito. Foi essa minha língua. Cometi um erro".

Mas a língua nunca mente. As palavras só escapam da boca de alguém quando existe alguma coisa na mente; a língua nunca comete erros. Ele disse: "Perdoe-me. Não sei como pude dizer uma coisas dessas". Mas ele sabia muito bem que o pensamento havia surgido da sua mente.

Dirigiram-se então para a casa de um outro amigo. O fazendeiro havia resolvido firmemente não dizer que as roupas eram dele, e tentou endurecer sua mente. Quando chegaram ao portão, reafirmou a decisão irrevogável de não dizer que as roupas eram dele.

Aquele pobre homem não sabia que quanto mais resolvia não dizer nada, mais firmemente se enraizava a consciência interna de que as roupas pertenciam a ele. Na verdade, quando essas decisões são tomadas? Quando um homem toma uma firme resolução, como o voto de celibato, por exemplo, isto significa que sua sexualidade está pressionando desesperadamente para precipitar-se para fora. Se um homem resolve comer menos ou jejuar, a partir de um determinado dia, isto implica num profundo desejo de comer mais. Tais esforços resultam inevitavelmente em conflitos internos. Somos o que nossas fraquezas são. Mas se decidimos refreá-las, se resolvemos lutar contra elas, naturalmente isto torna-se uma fonte de conflitos subconscientes.

Assim, em meio a esse combate interno, nosso fazendeiro entrou na casa. E começou muito cuidadosamente: "Este homem é meu amigo" — mas notou que ninguém estava prestando atenção nele; as pessoas olhavam para seu amigo e suas roupas com admiração, e isto o tocou: "Este casaco é meu! E o turbante também!" Mas lembrou-se a tempo de que havia resolvido não falar sobre as roupas, e explicou para si mesmo: "Todo mundo tem roupas de um tipo ou de outro, pobres ou ricas. Isto é algo trivial". Mas as roupas oscilavam diante de seus olhos como um pêndulo, de um lado para o outro.

Assim, ele resumiu a apresentação: "Ele é meu amigo. Um amigo de infância. Um cavalheiro muito honrado. Quanto às roupas, são dele e não minhas".

As pessoas ficaram surpresas. Nunca tinham ouvido uma tal apresentação: "As roupas são dele e não minhas!"

Depois de terem saído da casa, ele novamente se desculpou profundamente: "Que grande asneira", ele admitiu. Agora, estava confuso sobre o que fazer ou não fazer. Ele disse: "Roupas nunca tiveram qualquer importância para mim antes! Oh, meu Deus, o que está me acontecendo?"

O que estava acontecendo com ele? O pobre sujeito não sabia que usando consigo mesmo tal técnica, nem o próprio Deus conseguiria se livrar da importância das roupas!

O amigo, agora totalmente indignado, disse que não iria mais a lugar algum com ele. O fazendeiro agarrou seu braço e disse: "Por favor, não faça isso. Ficarei infeliz pelo resto de minha vida por ter demonstrado tão péssimas maneiras a um amigo. Prometo não mencionar as roupas novamente. De todo o coração, juro por Deus que não mencionarei mais as roupas".

Entretanto, deve-se desconfiar daqueles que juram, porque há algo mais profundo envolvido quando alguém jura por alguma coisa. As resoluções são tomadas pela mente superficial, e a coisa contra a qual a resolução foi tomada permanece no interior, nos labirintos da mente subconsciente. Se a mente estivesse dividida em dez partes, essa que toma a resolução seria apenas uma delas, e justamente a mais exterior; as nove restantes estariam contra ela. O voto do celibato, por exemplo, é tomado por uma das partes da mente, enquanto o restante da mente está louco por sexo, está clamando por aquilo que foi implantado no homem por Deus.

Os dois amigos foram então à terceira casa. O fazendeiro manteve-se rigorosamente firme. Pessoas controladas são muito perigosas, porque existe dentro delas um vulcão vivo. Exteriormente, são rígidas, contidas e reservadas, e por dentro, sua ânsia de abandonar-se está completamente amarrada.

Lembrem-se: tudo que é forçado não pode ser contínuo nem completo devido ao imenso esforço envolvido. Você tem de relaxar de vez em quando, tem de descansar. Quanto tempo você consegue ficar com o punho cerrado? Vinte e quatro horas? Quanto mais tensão for usada para cerrá-lo, mais se cansará, e mais rapidamente se abrirá. Trabalhe arduamente, gaste alguma energia a mais, e rapidamente se cansará. Para cada ação há sempre uma reação que vem prontamente. Sua mão pode permanecer sempre aberta, mas não pode ficar cerrada o tempo todo. Tudo o que o cansa não pode ser parte natural da vida. Sempre que algo é forçado, segue-se um período de descanso. Assim, quanto mais aplicado é um santo, mais perigoso. Após vinte e quatro horas de repressão seguindo regras das escrituras, ele tem de relaxar pelo menos uma hora, e neste período haverá uma tal revolta dos pecados reprimidos, que ele acabará se sentindo no meio do inferno.

Assim, o fazendeiro ficou se vigiando rigorosamente para não falar das roupas. Imagine a situação. Se você for pelo menos um pouco religioso poderá imaginar seu

estado mental. Se você já fez um juramento ou um voto, se já se reprimiu por alguma causa religiosa, compreenderá muito bem o estado lamentável de sua mente.

Ao chegarem à casa seguinte, o fazendeiro estava transpirando por todos os poros, exausto. O amigo também estava preocupado.

O fazendeiro estava completamente angustiado. Devagar, cuidadosamente, pronunciou cada palavra da apresentação: "Apresento meu amigo. É um velho amigo. Um homem muito bom".

Por um momento, vacilou. Um enorme impulso lhe veio de dentro.

Ele sabia que estava sendo arrastado. Então, falou bem alto, abruptamente: "Quanto às roupas, perdoem-me, mas não direi nada sobre elas. Jurei que não diria nada sobre as roupas!"

O que aconteceu a esse homem acontece a todo o gênero humano. Por causa da condenação, o sexo tornou-se obsessão, doença, perversão. Ficou envenenado.

Desde os primeiros anos, as crianças são ensinadas a pensar que sexo é pecado. Uma menina e um menino crescem, chegam à adolescência e casam-se — então a jornada através da paixão se inicia com a convicção predeterminada de que o sexo é pecado. Na Índia, também é dito à mulher que seu marido é Deus. Como pode ela reverenciar como Deus alguém que a toma em pecado? Ao rapaz é dito: "Esta é sua esposa, companheira e parceira", Mas se as escrituras dizem que a mulher é a porta para o inferno, a fonte dos pecados, o rapaz sente que tem por companheira de vida, um perfeito demônio. O rapaz pensa: "Esta é minha esposa — o limiar do inferno, um ser dirigido pelo pecado?" Como poderá haver qualquer harmonia em suas vidas?

Os ensinamentos tradicionais têm destruído a vida marital no mundo inteiro. Quando a vida conjugal é repleta de preconceitos, cheia de veneno, não há nenhuma possibilidade para o amor. Se um marido e uma esposa não podem se amar livremente, primária e naturalmente, então quem pode amar a quem? Mas esta situação de distúrbio pode ser modificada; o amor enlameado pode ser purificado. Esse amor pode ser levado a picos tão sublimes que romperá todas as barreiras, dissolverá todos os complexos, e marido e mulher mergulharão numa alegria pura e divina. Este amor sublime é possível. Mas se for cortado pela raiz, se for reprimido ou envenenado, o que crescerá a partir disso? Como poderá florescer daí uma rosa de amor supremo?

Um andarilho asceta acampou em uma vila. Um homem veio e lhe disse que desejava chegar à compreensão de Deus.

O asceta perguntou: "Você já amou alguém?"

"Não, não pratico uma coisa tão mundana", o homem replicou. "Nunca descii tão baixo. Quero chegar a Deus."

O asceta perguntou novamente: "Você nunca sentiu as aflições do amor?"

O homem que buscava Deus respondeu enfaticamente: "Estou dizendo a verdade".

O pobre homem estava sendo honesto. Na esfera da religião, amar é uma desqualificação. Ele estava certo de que se dissesse ter amado alguém, o asceta lhe diria para deixar o amor de lado, renunciar ao apego e abandonar todas as emoções mundanas, antes de pedir sua orientação. Assim, mesmo que tivesse amado alguém, sentiu que devia negar. Onde se pode achar um homem que nunca tenha amado, nem mesmo um pouquinho?

O monge perguntou pela terceira vez: "Diga-me algo. Pense cuidadosamente antes de responder. Não houve nem mesmo um pequeno amor por alguém, por qualquer pessoa? Você nunca amou ninguém nem um pouco?"

O aspirante disse: "Perdoe-me, mas por que o senhor continua fazendo a mesma pergunta? Eu não tocaria no amor nem com uma vara de três metros. Quero chegar à auto-realização, à Divindade".

Em vista disso, o asceta replicou: "Então, você terá de me desculpar. Por favor, vá procurar outra pessoa. Minha experiência me diz que se você tivesse amado alguém, qualquer pessoa, se tivesse tido ao menos um vislumbre do amor, eu poderia ajudá-lo, poderia auxiliar o amor a Crescer — provavelmente até chegar a Deus. Mas se nunca amou, não existe nada em você, não existe nenhuma semente para transformar-se em árvore. Vá e faça suas indagações para outra pessoa. Na ausência de amor, meu amigo, não vejo qualquer abertura para Deus".

Do mesmo modo, se não houver nenhum amor entre o marido e a esposa...

Você está muito enganado se pensa que o marido que não ama sua esposa é capaz de amar seus filhos. A esposa será capaz de amar seu filho só no mesmo grau em que amar seu marido, porque a criança é um reflexo do marido. Se não houver amor pelo marido, como poderá haver amor pela criança? E se um filho não recebe amor, se sua alimentação e criação não acontecem com amor, como pode você esperar que ele ame seu pai ou sua mãe? Uma família é uma unidade de vida; o próprio mundo é uma vasta família. Mas a vida familiar tem sido envenenada pela condenação do sexo. E lamentamos que o amor não possa ser encontrado em lugar nenhum! Sob estas circunstâncias, como espera você encontrar o amor em algum lugar?

Todo o mundo diz que ama. Mães, esposas, filhos, irmãos, irmãs, amigos — todos dizem que amam. Mas se você observar a vida em sua totalidade, não encontrará na vida nenhum amor evidente. Se tantas pessoas estão repletas de amor, deveria haver uma enxurrada de amor; deveria haver um jardim repleto de flores, cada vez com mais e mais flores. Se houvesse uma lâmpada de amor brilhando

em cada casa, quanta luz haveria neste mundo! Entretanto, encontramos uma atmosfera impregnada de repulsa.

Não se encontra nem um simples raio de amor nesse lamentável estado de coisas.

É esnobismo acreditar que o amor está em todo lugar. Enquanto permanecermos nessa ilusão, a busca da verdade não poderá sequer começar. Aqui ninguém ama ninguém. E até que o sexo seja aceito sem reservas, não poderá haver amor. Até então, ninguém poderá amar ninguém.

O que eu quero dizer é isto: o sexo é divino. A energia primária do sexo tem em si o reflexo de Deus. É óbvio: ela é a energia que cria novas vidas. E esta é a maior, a mais misteriosa força que existe.

Acabemos com essa inimizade com o sexo! Se você quiser um jorro de amor em sua vida, renuncie a esse conflito com o sexo. Aceite o sexo com alegria. Reconheça sua qualidade sagrada. Receba-o agradecido e compreenda-o cada vez mais profundamente. Você ficará surpreso ao perceber o quanto o sexo pode ser sagrado e isso ele revelará na medida de sua aceitação. Quanto mais pecaminosa e irreverente for sua maneira de abordá-lo, mais feio e pecaminoso será o sexo com o qual você se defrontará.

Quando um homem se aproxima de sua esposa deve ter um sentimento sagrado, como se estivesse se dirigindo a um templo. E quando uma mulher vai com seu marido, deve sentir a mesma reverência que tem ao se aproximar de Deus. Nos momentos de sexo, os amantes praticam o coito, e este estado é muito próximo do templo de Deus, é onde Ele se manifesta em sua criatividade sem forma.

Penso que o homem teve seu primeiro vislumbre de *samadhi* durante a experiência de relação sexual. Foi nesses momentos de coito que o homem compreendeu que é possível sentir um amor tão profundo, vivenciar uma bênção tão luminosa. E aqueles que meditaram sobre esta verdade numa correta disposição de espírito, aqueles que meditaram sobre o fenômeno do sexo, da relação sexual, chegaram à conclusão de que nesses momentos de clímax, a mente torna-se vazia de pensamentos. Nesse instante, todos os pensamentos se esgotam. E esse vazio da mente, essa lacuna, esse vácuo, esse congelamento da mente, é a causa do jorro de alegria divina.

Tendo desvendado o segredo até esse ponto, o homem descobriu um pouco mais. Ele raciocinou: se a mente puder ser libertada dos pensamentos, se as ondulações da consciência puderem ser paralisadas por algum outro processo, o homem poderá chegar à felicidade pura! E foi a partir desse raciocínio que o sistema de *yoga* se desenvolveu; foi daí que surgiu a meditação e a oração. Essa nova abordagem provou que mesmo sem o coito, a consciência pode ser paralisada e os pensamentos evaporados.

O homem descobriu que o deleite de surpreendentes proporções, obtido durante um ato sexual, pode ser obtido também sem ele.

Pela sua natureza, o ato do coito só pode ser momentâneo, porque envolve a consumação de um fluxo de energia. O gozo puro, o perfeito amor, o conforto beatífico no qual o *yogi* vive o tempo todo, é alcançado na cópula, apenas por um momento. Mas não existe diferença básica entre eles. Quem diz que o *vishyanand* e o *brahamanand*, a pessoa que se entrega aos seus sentidos e a que se entrega a Deus, são irmãos, afirmou inadvertidamente uma verdade. Ambos vêm do mesmo útero. A única diferença é a distância entre o céu e a terra.

Neste momento, gostaria de lhe dar o primeiro princípio. Se você quiser conhecer a verdade elementar sobre o amor, o primeiro requisito é aceitar o sexo como algo sagrado, aceitar a divindade do sexo do mesmo modo que aceita a existência de Deus — com o coração aberto. Quanto mais completamente você aceitar o sexo com o coração e a mente abertos, mais livre estará dele. E quanto mais o reprimir, mais você ficará preso a ele, como aquele fazendeiro que se tornou escravo das suas roupas. A medida da tua aceitação é a medida da sua libertação. A total aceitação da vida, de tudo o que é natural na vida, de tudo o que é dado por Deus, dirigi-lo-á às mais elevadas esferas de divindade, aos picos desconhecidos, aos cumes sublimes.

Chamo essa aceitação de teísmo. Essa fé no que Deus dá é a porta para a libertação.

Considero ateísmo aqueles preceitos que impedem o homem de aceitar o que é natural na vida e no plano divino. "Oponha-se a isto; reprima aquilo. O natural é pecaminoso, mau, libidinoso. Abandone isto; abandone aquilo" — a meu ver, tudo isso constitui o ateísmo. Aqueles que pregam a renúncia são ateus.

Aceite a vida em sua forma pura e natural e floresça em sua plenitude. A própria plenitude o elevará, passo a passo. A própria aceitação do sexo o elevará a picos tão serenos como você nunca imaginou. Se o sexo é carvão, certamente virá o dia em que será diamante. Este é o primeiro princípio.

O segundo ponto fundamental sobre o qual quero falar é o que tem, até este momento, se solidificado dentro de nós pela civilização, pela cultura e pela religião: o ego, a consciência de que "eu sou".

A natureza da energia sexual estimula o fluxo do amor, mas o obstáculo do "eu" cercou essa energia como um muro, e o amor não consegue fluir. O "eu" é muito poderoso, tanto nas pessoas más como nas boas, tanto no ímpio como no santo. As pessoas más podem afirmar o "eu" de muitas maneiras, mas as boas também proclamam o "eu" com alarde: elas querem ir para o céu; querem ser libertadas; renunciam ao mundo; constroem templos; não pecam; querem fazer isto; querem fazer aquilo. Mas o "eu", esse ponto de referência, está sempre presente.

Quanto mais forte é o ego da pessoa, mais difícil é para ela unir-se a alguém. O ego fica no meio; o "eu" reivindica os seus direitos. É um muro. Ele proclama: "Você é você e eu sou eu". E assim, mesmo as experiências mais íntimas não aproximam uma pessoa da outra. Os corpos podem estar perto, mas as pessoas estão muitos separadas. Enquanto existir o "eu" no interior, esse sentimento de separação não poderá ser evitado.

Um dia, Sartre disse uma coisa maravilhosa: "O inferno é o outro". Mas ele não explicou mais nada, não explicou por que o outro é o inferno, por que o outro é o outro. O outro é o outro porque eu sou eu, e enquanto eu for eu, o mundo ao redor será o outro — algo diferente, à parte, segregado — e não existirá nenhuma relação.

Enquanto houver esse sentimento de separação, o amor não poderá ser conhecido. O amor é a experiência da unidade. A experiência de amar significa a demolição dos muros, a fusão de duas energias. Amor é o êxtase que acontece quando os muros entre duas pessoas desmoronam, quando duas vidas se encontram, quando duas vidas se unem.

Quando tal harmonia existe entre duas pessoas, chamo isto de amor. E quando existe entre um homem e as massas, chamo isto de comunhão com Deus. Se você puder imergir comigo em tal experiência, a fim de que todas as barreiras se dissolvam, e uma osmose aconteça no plano espiritual — então isto será amor. Se uma unidade assim acontece entre eu e todas as pessoas e perco minha identidade no Todo, então essa realização, essa fusão, é com Deus, com o Onipotente, com o Onisciente, com a Consciência Universal, com o Supremo ou seja lá como você quiser chamá-lo. Assim digo que o amor é o primeiro passo e Deus o último passo — o destino puro e final.

Como posso apagar a mim mesmo?

A menos que eu me dissolva, como o outro poderá unir-se a mim? O outro é criado como uma reação ao meu "eu". Quanto mais alto eu grito "eu", mais forte torna-se a existência do outro. O outro é o eco do "eu".

E o que é esse "eu"? Você já pensou calmamente sobre isso? Ele está em sua perna, em sua mão, em sua cabeça ou no coração? Ou ele é apenas o ego?

O que é e onde está seu "eu", seu ego? O sentimento de que ele existe está presente, mas não pode ser encontrado em nenhum lugar específico. Sente-se quietamente por um momento e procure esse "eu". Você ficará surpreso, pois apesar da intensa busca não o encontrará em lugar nenhum. Quando buscar profundamente dentro de você, compreenderá que não existe nenhum "eu". O ego, como tal, não existe. Quando a verdade do ser existe, o "eu" não está presente.

O venerado monge Nagsen foi chamado pelo Imperador Malind para honrar sua corte.

O mensageiro foi a Nagsen e disse: "Monge Nagsen, o Imperador gostaria de vê-lo. Vim aqui para convidá-lo".

Nagsen replicou: "Se vocês querem, eu irei. Mas, perdoe-me, não existe nenhum Nagsen aqui. Ele é apenas um nome, um rótulo temporário".

O cortesão contou ao Imperador que Nagsen era um homem muito estranho: "Ele disse que viria, mas que não havia nenhum Nagsen lá". O Imperador ficou intrigado com aquilo.

No dia e hora previstos, Nagsen chegou na carruagem real e o imperador foi recebê-lo no porte: "Monge Nagsen, desejo-lhe boas-vindas!"

Ouvindo isto, o monge começou a rir: "Aceito sua hospitalidade como Nagsen, mas por favor lembre-se de que não existe ninguém chamado Nagsen".

O Imperador disse: "O senhor fula por enigmas. Se o senhor não é o senhor, então quem está aceitando meu convite? Quem está respondendo a esta saudação de boas-vindas?"

Nagsen olhou para trás e disse: "Não é esta a carruagem em que eu vim?"

"Sim, é essa mesma."

"Por favor, solte os cavalos."

Isto foi feito.

Apontando para os cavalos, o monge perguntou: "Eles são a carruagem?"

O Imperador disse: "Como os cavalos podem ser chamados de carruagem?"

A um sinal do monge, os cavalos foram levados e as varas usadas para unir os cavalos à carruagem foram removidas.

"Estas varas são sua carruagem?"

"É claro que não, são apenas varas e não a carruagem."

O monge prosseguiu, ordenando a remoção das partes, uma a uma, e cada vez que perguntava se aquilo era a carruagem o Imperador tinha de responder: "Isto não é a carruagem".

No fim, nada permaneceu.

O monge perguntou: "Onde está sua carruagem agora? Para cada peça retirada, você disse: 'Isto não é a carruagem'. Então diga-me, onde está sua carruagem agora?"

A revelação chocou o Imperador.

O monge continuou: "Você me compreendeu? A carruagem era um conjunto,

uma coleção de determinadas coisas. A carruagem não tinha nenhum ser em si mesma. Por favor, olhe para dentro. Onde está seu ego? Onde está seu 'eu'?"

Você não encontrará esse "eu" em nenhum lugar. É uma manifestação de muitas energias, apenas isto. Pense em cada membro, em cada parte de si mesmo, e elimine-as uma a uma. No final, o nada permanecerá. O amor nasce desse nada. Esse nada é Deus.

Em certa cidade, um homem abriu uma peixaria e colocou um letreiro: "Vendem-se Peixes Frescos Aqui".

Logo no primeiro dia, um homem entrou na peixaria e leu: "Vendem-se Peixes Frescos Aqui". Ele riu. "Peixes Frescos? Existe algum lugar onde se vendam peixes estragados? Qual o sentido de se escrever 'frescos'?"

O vendedor achou que ele estava certo; além disso, 'fresco' dava a idéia de 'não-fresco' ao freguês. Ele retirou 'frescos' do letreiro. Agora, lia-se no quadro apenas "Vendem-se Peixes Aqui".

No dia seguinte, ao visitar a peixaria, uma velha senhora leu em voz alta: "Vendem-se Peixes Aqui"? Você vende peixes em algum outro lugar também?"

"Aqui" foi riscado. Agora, lia-se no quadro: "Vendem-se Peixes". No terceiro dia, outro freguês veio à loja e perguntou: "Vendem-se Peixes"? Existe alguém que dê peixes de graça?"

A palavra "Vendem-se" foi retirada. Apenas "Peixes" permaneceu. Um senhor idoso foi ao vendedor e disse: "Peixes"? Até um homem cego, de longa distância pode dizer, pelo cheiro, que são vendidos peixes aqui". "Peixes" foi removido. O letreiro ficou em branco.

Um passante perguntou: "Para que esse letreiro vazio?"

O letreiro também foi removido. Nada permaneceu após o processo de eliminação; todas as palavras foram removidas, uma a uma. E o que permaneceu foi o nada, o vazio.

O amor só pode nascer do vazio. Apenas um vazio pode fundir-se com outro vazio; apenas um zero pode unir-se totalmente a outro zero. Dois indivíduos não podem, mas dois vácuos podem se encontrar, pois não possuem nenhuma barreira. Tudo o mais tem muros; o vácuo não tem nada.

Assim, a segunda coisa a ser lembrada é: o amor nasce quando a individualidade se desvanece, quando o "eu" e o "outro" não existem mais. Então, seja lá o que for que permaneça, é tudo, é ilimitado — mas sem nenhum "eu". Com essa compreensão, todas as barreiras desmoronam-se e o avanço do Ganges retoma seu curso.

Nós cavamos um poço. A água já está dentro dele, não precisa ser trazida de nenhum lugar. É preciso apenas cavar a terra e remover as pedras. O que fazemos exatamente? Criamos um vazio a fim de que a água, que está lá dentro, possa encontrar um espaço para mover-se, um espaço para poder mostrar-se. O que está dentro quer lugar, quer espaço. Anseia por um vazio — que não está conseguindo — para poder vir à tona, para poder jorrar. Se um poço está cheio de areia e pedras, quando as removemos a água surge na superfície. Do mesmo modo, o homem está repleto de amor, mas o amor precisa de espaço para vir à tona. Enquanto seu coração e sua alma estiverem dizendo "eu", você será um poço de areia e pedras e o fluxo do amor não borbulhará em você.

Ouvi contar que existiu, certa vez, uma árvore antiga e majestosa, cujos galhos expandiam-se em direção ao céu. Quando estava na estação do florescimento, borboletas de todos os tipos, cores e tamanhos dançavam ao seu redor. Quando floria e dava frutos, pássaros de terras distantes vinham cantar sobre ela. Seus galhos, como mãos estiradas, abençoavam os que vinham e sentavam-se à sua sombra. Havia um menininho que costumava brincar embaixo dela, e a árvore desenvolveu grande afeição por ele.

O amor entre o grande e o pequeno é possível quando o grande não está consciente de que é grande. A árvore não sabia que era grande; apenas o homem tem esse tipo de conhecimento. O grande sempre tem o ego como preocupação principal; mas, para o amor, ninguém é grande ou pequeno. O amor abraça seja lá quem for que esteja por perto.

Assim, a árvore criou um amor por esse pequeno menino que costumava brincar perto dela. Seus galhos eram altos, mas ela os curvava e os inclinava para baixo de modo que o menino pudesse colher suas flores e apanhar seus frutos. O amor está sempre pronto a se inclinar; o ego nunca está pronto para curvar-se. Quando você se aproxima do ego, seus galhos se estendem ainda mais para cima; ele se estica para você não poder alcançá-lo.

A criança vinha brincar e a árvore inclinava seus galhos. A árvore ficava muito contente quando a criança colhia algumas flores; todo seu ser se preenchia com a alegria do amor. O amor está sempre feliz quando pode dar alguma coisa; o ego está sempre feliz quando consegue tomar.

O menino cresceu. Algumas vezes, dormia no regaço da árvore; outras comia suas frutas e outras ainda, fazia uma coroa com suas flores e brincava de rei. A pessoa torna-se rei quando as flores do amor estão presentes, mas torna-se pobre e miserável quando os espinhos do ego estão presentes. Ver o menino usando a coroa de flores e dançando enchia a árvore de alegria. Ela balançava de amor e cantava na brisa. O menino cresceu ainda mais e começou a trepar na árvore para balançar-se em seus galhos. Ela sentia-se muito feliz quando o menino descansava em seus galhos. O amor é feliz quando dá conforto a alguém; o ego é feliz apenas quando dá

desconforto.

Com o passar do tempo, outros afazeres e obrigações vieram ocupar o menino. A ambição cresceu; ele tinha exames para fazer; tinha amigos para conversar e passear — por isso, não ia ver a árvore com frequência. Mas ela esperava ansiosamente pela vinda dele. Chamava-o do fundo da alma: "Venha. Venha, Estou esperando por você". O amor espera dia e noite. E a árvore esperava. Ela sentia-se triste quando o menino não aparecia. O amor é triste quando não pode ser compartilhado; o amor é triste quando não pode dar. O amor é grato quando pode compartilhar. Quando pode render-se totalmente, o amor é muito feliz.

Na medida em que crescia, o menino vinha cada vez menos. O homem que se toma grande, o homem cuja ambição cresce, encontra cada vez menos tempo para amar. O menino, nessa altura, estava absorvido pelas ocupações do mundo.

Um dia, quando estava passando, a árvore lhe disse: "Estou sempre esperando por você, mas você não vem. Eu o espero todos os dias".

O menino disse: "O que você possui? Por que eu deveria vir a você? Você tem dinheiro? Estou à procura de dinheiro". O ego está sempre motivado. Só vem quando há algum propósito a ser preenchido. Mas o amor não precisa de motivação. O amor é sua própria recompensa.

A árvore ficou chocada e disse: "Você só virá se eu lhe der algo?" Aquele que nega não ama. O ego acumula, mas o amor dá incondicionalmente. A árvore disse: "Nós não temos essa doença e somos felizes. As flores nascem em nós. Muitas frutas crescem em nós. Damos sombra suavizante. Dançamos com a brisa e cantamos canções. Pássaros inocentes pulam em nossos galhos e gorjeiam mesmo que não tenhamos nenhum dinheiro. No dia em que nos envolvermos com dinheiro, teremos de ir aos templos como fazem vocês, homens fracos, para aprender a obter paz, para aprender a encontrar o amor. Não, nós não temos nenhuma necessidade de dinheiro".

O menino disse: "Então, por que devo vir a você? Irei onde houver dinheiro. Preciso de dinheiro". O ego pede dinheiro, porque precisa de poder.

A árvore pensou por um momento e disse: "Não vá a nenhum outro lugar, meu querido. Colha meus frutos e venda-os. Assim, você obterá dinheiro".

O menino imediatamente ficou radiante. Subiu na árvore e colheu todos os seus frutos, até aqueles que estavam verdes. A árvore sentiu-se feliz, apesar de alguns brotos e galhos quebrados, e algumas folhas caídas no chão. Ficar quebrado também faz o amor feliz; mas o ego, mesmo quando ganha algo, não fica feliz. O ego sempre deseja mais. A árvore nem notou que o rapaz não olhou para trás nenhuma vez para agradecê-la. Ela havia recebido o agradecimento no momento em que o rapaz aceitou colher e vender seus frutos.

O rapaz não voltou por longo tempo. Ele havia ganho dinheiro e estava ocupado em aumentar mais e mais esse dinheiro. Esqueceu-se completamente da árvore. Anos se passaram. A árvore ficou triste. Ansiava pela volta do rapaz — como uma mãe que está com os seios cheios de leite e o filho está perdido. Todo seu ser clama pelo filho; ela busca loucamente o filho para que ele possa vir aliviá-la. Tal era o lamento interior dessa árvore. Todo o seu ser estava em agonia.

Após muitos anos, agora já adulto, o rapaz foi até a árvore.

A árvore disse: "Venha, meu rapaz. Venha abraçar-me".

O homem disse: "Pare com esse sentimentalismo. Isso era coisa de infância. Não sou mais uma criança". O ego vê o amor como uma loucura, como uma fantasia infantil.

Mas a árvore convidou-o: "Venha, balance em meus galhos. Venha dançar, venha brincar comigo".

O homem disse: "Pare com essa conversa inútil! Eu preciso construir uma casa. Você pode me dar uma casa?"

A árvore exclamou: "Uma casa! Eu não tenho uma casa". Apenas os homens vivem em casas. Ninguém mais vive em casas, a não ser o homem. E você já notou em que condição se vê após confinar-se entre quatro paredes? Quanto maiores seus prédios, menor o homem se torna. "Nós não vivemos em casas, mas você pode cortar e levar meus galhos — assim, poderá construir sua casa."

Sem perder tempo, o homem trouxe um machado e cortou todos os galhos da árvore. Agora, ela era apenas um mero tronco. Mas o amor não se preocupa com tais coisas — mesmo que seus ramos sejam cortados pelo amado. Amar é dar; o amor está sempre pronto para dar.

O homem não se preocupou nem em agradecer à árvore e construiu sua casa.

Os dias tomaram-se anos. A árvore esperou e esperou. Queria chamar por ele, mas não tinha mais galhos nem folhas que lhe dessem forças. O vento soprava, mas ela não conseguia nem mesmo enviar uma mensagem para ele. Mas em sua alma ainda ressoava uma única prece: "Venha. Venha, meu querido. Venha". Mas nada aconteceu.

O tempo passou e o homem tornou-se velho. Certa vez, ele estava passando e parou ao lado da árvore.

A árvore perguntou: "O que mais posso fazer por você? Já faz tanto, tanto tempo que você não vem".

O velho disse: "O que mais você pode fazer por mim? Quero ir para terras distantes e ganhar mais dinheiro. Preciso de um barco para viajar".

Alegremente, a árvore disse: "Mas isso não é problema, meu amor. Corte meu tronco e faça um barco com ele. Ficarei muito feliz se puder ajudá-lo a ir para terras distantes ganhar dinheiro. Mas, por favor, lembre-se de que estarei sempre esperando pela sua volta".

O homem trouxe um serrote, cortou o tronco, fez um barco e navegou para longe.

Agora, a árvore era um pequeno toco. E esperava pelo retorno do seu amado. Ela esperou, esperou e esperou. Mas o homem nunca mais retomou; o ego só vai onde existe algo para ser ganho, e a árvore não tinha mais nada, absolutamente nada para oferecer. O ego não vai onde não existe nada para se ganhar. É um eterno mendigo, num contínuo estado de pedinte, e o amor é caridade. O amor é um rei, um Imperador! Existe algum rei maior do que o amor?

Uma noite, eu estava descansando perto desse toco de árvore. Ela sussurrou para mim: "Aquele meu amigo ainda não voltou. Estou muito preocupada, porque ele pode ter naufragado ou então ter-se perdido. Pode estar perdido em um desses países longínquos. Pode ser que nem esteja mais vivo. Como gostaria de receber notícias dele! Minha vida está próxima do fim e ficaria satisfeita se recebesse, pelo menos, algumas notícias. Então, morreria feliz. Sei que ele não virá, mesmo que eu consiga chamá-lo. Nada me restou para dar e ele só entende a linguagem do tomar e pegar".

O ego só entende essa linguagem; a linguagem do dar é amor.

Não posso dizer mais nada além disso. Na verdade, não existe mais nada para ser dito: se a vida puder tornar-se como essa árvore, expandindo seus galhos em todo o redor, a fim de que todos possam se abrigar em sua sombra, então compreenderemos o que é amor. Não existem escrituras, mapas, ou dicionários para o amor. Não há nenhum conjunto de regras para o amor.

O que mais eu poderia dizer sobre o amor! O amor é tão difícil de ser descrito. O amor está simplesmente aí. Talvez você possa vê-lo em meus olhos, se vier aqui e olhar dentro deles. Talvez possa senti-lo quando meus braços se estendem num abraço.

Amor.

O que é amor?

Se o amor não for sentido em meus olhos, em meus braços, em meu silêncio, então nunca poderá ser compreendido através das minhas palavras.

Estou grato por terem me ouvido pacientemente. E, para finalizar, inclino-me diante do Supremo que está no interior de todos nós.

Por favor, aceitem meus respeitos.

Da repressão à emancipação

2º Discurso

Gowalia Tank Maidan

29 de setembro de 1968

Bombaim

Certa manhã bem cedo, antes do sol nascer, um pescador foi a um rio. Chegando à margem, sentiu alguma coisa sob seus pés, e descobriu que era um saquinho de pedras. Ele o apanhou e, colocando sua rede de lado, sentou-se na margem do rio para esperar o sol nascer. Esperava pela alvorada para iniciar seu dia de trabalho. Preguiçosamente, pegou uma pedrinha de dentro do saco e atirou-a à água. Depois apanhou outra e mais outra. Na falta do que fazer, continuou jogando as pedras na água, uma após a outra.

Lentamente, o sol foi surgindo e iluminando. A essa altura, ele já havia jogado todas as pedras, menos uma; a última ficou em sua mão. Seu coração quase parou, quando viu, à luz do dia, o que segurava nas mãos. Era uma pedra preciosa! No escuro, ele havia jogado um saco inteiro delas! O que havia perdido sem saber! Cheio de pesar, amaldiçoou a si mesmo. Lamentou-se, chorou e quase enlouqueceu de desgosto.

Acidentalmente, havia encontrado a possibilidade de enriquecer pelo resto da vida, mas na escuridão, por ignorância, havia perdido a chance. Por outro lado, ainda teve sorte: sobrara-lhe uma pedra; a luz havia surgido antes que ele a tivesse jogado também. Geralmente as pessoas não têm tanta sorte.

Há escuridão por toda parte e o tempo voa. O sol ainda não surgiu e já desperdiçamos todas as pedras preciosas da vida. A vida é um imenso tesouro e o homem não faz nada além de jogá-lo fora. No momento em que compreendemos a importância da vida, o tempo já passou. O mistério, o segredo, a graça, a redenção, o paraíso — tudo é perdido. E a vida é desperdiçada.

Nos próximos dias pretendo falar sobre os tesouros da vida. Mas é difícil esclarecer as pessoas que tratam a vida como um saco de pedras. Elas ficam aborrecidas se você chama-lhes a atenção para o fato de que as coisas que estão jogando fora são pedras preciosas e não pedregulhos. Elas se irritam, não porque o que é dito esteja errado, mas porque lhes estão sendo mostradas suas próprias tolices, porque estão sendo alertadas para o que perderam. Seus egos interferem; elas ficam bravas.

Mesmo após ter perdido tanto; mesmo que a vida que lhe resta seja curta; mesmo que só lhe reste uma pedra, sua vida ainda pode ser salva. Nunca é muito tarde para aprender. Um auxílio ainda é possível e, especialmente na busca da verdade, nunca é tarde demais. Ainda há motivo para sentir confiança.

Entretanto, por ignorância e na escuridão, temos pensado que o saco da vida nada contém além de pedras. Os covardes simplesmente aceitam a derrota antes de fazer qualquer esforço para encontrar a verdade.

Para começar, quero alertá-los contra as armadilhas do fatalismo, contra a ilusão da derrota inevitável. A vida não é um monte de areia e pedras; se você tiver olhos para ver, encontrará muita coisa melhor. Encontrará na vida a escada para chegar a Deus.

Dentro desse corpo de sangue, carne e ossos, existe algo ou alguém que está além de tudo isso. Que não tem nada a ver com carne, sangue e ossos; que é imortal. Algo sem começo nem fim. Sem forma, ele está no âmago de cada um de nós. Da escuridão de sua ignorância, eu o incito a almejar por essa chama imperecível!

Mas a chama imortal está ofuscada pela fumaça da morte; por isso não podemos ver a luz. Encontramos a fumaça e recuamos. Os mais corajosos procuram um pouco, mas somente na fumaça, e assim não conseguem alcançar a chama, a fonte de luz.

Como podemos empreender essa viagem para a chama além da fumaça — para o eu que está dentro do corpo? Como podemos perceber o Eu Supremo, Universal? Como chegaremos a conhecer aquilo que está camuflado pela natureza, que está oculto na natureza?

Falarei sobre isso em três partes.

Em primeiro lugar, cobrimo-nos com tantos preconceitos, idéias enfatuadas e falsas filosofias, que nos privamos da capacidade de ver a verdade nua. Sem conhecer, sem buscar, sem qualquer curiosidade, adotamos hipóteses prontas sobre a vida. Durante milhares de anos, fomos ensinados que a vida não significa nada, que é inútil e miserável. Temos sido hipnotizados para crer que nossa existência é inútil, sem propósito, cheia de sofrimento; que a vida existe para ser desprezada, ignorada. Essa repetição constante nos estrangula, nos sufoca a tal ponto que acabamos sentindo que a vida nada mais é que um grande ruído, uma grande algazarra, um mar de misérias.

É só por causa desse desprezo pela vida que todo o prazer e amor têm sido perdidos pelo homem. O homem é agora apenas uma massa amorfa; é um turbulento mar de sofrimentos. E não é de se espantar que, por causa dessas falsas concepções, o homem tenha desistido de tentar refletir sobre si mesmo. Por que buscar pela beleza num monte de feiúra? E quando se acredita firmemente que a

vida só serve para ser jogada fora, para ser rejeitada, então, que sentido há em tentar apreciá-la, em tentar limpá-la e embelezá-la? Tudo parece fútil.

Nossa atitude para com a vida não é diferente da de um homem que está na sala de espera de uma estação de trem. Ele sabe que só estará ali durante um tempo, que logo irá embora. Então, que importância tem a sala de espera? Não tem importância nenhuma; é totalmente insignificante. A pessoa anda de um lado para outro, cospe no chão, suja-o, não pensa em nada; não se preocupa com seu comportamento; afinal, ela estará partindo em breve. Da mesma maneira, nós vemos a vida como uma residência temporária.

A tendência geral é perguntar para que se importar em buscar a verdade e a beleza da vida. Mas quero enfatizar que a vida chegará a um fim no seu devido tempo, e então não haverá como fugir da realidade da vida. Podemos mudar nossas casas, nossos corpos, mas a essência de nossas vidas permanece conosco. Esse é o Eu, com E maiúsculo. Não existe absolutamente nenhuma maneira de fugir dele.

Somos formados por aquilo que fazemos. No final, nossas ações nos formam ou nos mutilam. Elas mudam as nossas vidas. Configuram nossas vidas e moldam nossas almas. Como vivemos e o que fazemos de nossas vidas formulam o nosso futuro. A atitude de uma pessoa para com a vida guia os caminhos de sua alma: como ela irá se desenvolver, até que ponto desvendará os mistérios desconhecidos. Se o homem tivesse consciência de que sua atitude para com a vida molda o seu futuro, imediatamente abandonaria essa visão melancólica de que a vida é dissonante, de que a vida é inútil e insignificante. Então, ele poderia compreender o engano dessa crença de que a existência está cheia de infortúnios, de que não há nenhum arranjo para as coisas. Chegaria a saber que tudo o que se opõe à vida é irreligioso.

Mas ensinaram-nos a negação da vida em nome da religião. A filosofia da religião tem sido sempre orientada para a morte em vez da vida. A religião prega que o que vem depois da vida é importante, mas o que acontece antes da morte não significa nada. Até agora, a religião tem reverenciado a morte, e não tem mostrado nenhum respeito pela vida. Em nenhum lugar se encontra a aceitação jubilosa das flores e frutos da vida; em toda parte há um apego obstinado às flores mortas. Nossas vidas são elegias a flores mortas!

O foco da especulação religiosa tem sido sempre sobre o outro lado da morte — sobre o paraíso, sobre *moksha*, sobre *nirvana* — como se o que acontece antes da morte não tivesse nenhuma importância. Eu pergunto: se você não é capaz de viver com o que acontece antes da morte, como será capaz de enfrentar o que vem depois da vida? Será quase impossível! Se não podemos aproveitar aquilo que está aqui, antes da morte, não poderemos nunca nos preparar ou nos qualificar para o que vem depois dela. A preparação para a morte deve ser feita durante a vida! Se existe outro mundo após a morte, lá também nos confrontaremos com o que experimentamos nesta vida. Não há como escapar dos efeitos posteriores desta vida, a despeito de

toda a insistência em renunciá-la.

Digo que não há, e nem pode haver, nenhum Deus além da própria vida. Digo também que amar a vida é *sadhana*, é o caminho para Deus. A verdadeira religião é servir-se da vida. Compreender a suprema verdade que existe na vida é o primeiro passo auspicioso para se obter a libertação total. Aquele que perde a vida é quem certamente perderá tudo o mais.

Entretanto, a tendência da religião é exatamente o oposto: rejeitar a vida, renunciar ao mundo. A religião não aconselha a contemplação da vida; não o ajuda a conduzir sua vida; não lhe diz que você só encontrará a vida se vivê-lo, mas diz que se a sua vida tem sido miserável, é porque a sua percepção da vida é impura. A vida pode derramar felicidade sobre você, se souber apenas a maneira apropriada de vivê-la.

Chamo de religião a arte de viver. Religião não é um jeito de solapar a vida, é um veículo para se penetrar profundamente nos mistérios da existência. Religião não é voltar as costas para a vida, é encarar a vida diretamente. Religião não é fugir da vida; religião é aceitar a vida completamente. Religião é a total realização da vida.

Como resultado dessa incompreensão básica, apenas as pessoas idosas mostram algum interesse pela religião atualmente. Só são encontrados velhos nas casas de Deus — nos templos, nas igrejas, nos *gurudwaras* e nas mesquitas. Não se vê nenhum jovem. Por quê? Só existe uma explicação: nossa religião tornou-se uma religião para pessoas idosas; para os que são perseguidos pelo temor da morte, para aqueles que estão no fim de suas vidas, para os que estão cheios de ansiedade sobre o que virá após a morte.

Como uma religião baseada na filosofia da morte pode iluminar a vida? Mesmo depois de cinco mil anos de ensinamentos religiosos, a terra continua afundando constantemente, indo de mal a pior. Apesar de não faltarem templos, mesquitas, igrejas, padres, professores, ascetas e coisas do gênero neste planeta, sua gente ainda não se tomou religiosa. Isso por que a religião tem uma base falsa. A vida não está na sua raiz; a religião está construída sobre a morte. A religião não é um símbolo vivo; é uma sepultura. Este tipo de religião tendenciosa não pode jamais trazer vida às nossas vidas.

Qual é a causa de tudo isso?

Durante alguns dias, discutirei sobre a religião da vida, a religião da fé viva — e sobre um certo princípio elementar que o homem comum jamais foi encorajado a descobrir e nem mesmo ouviu falar a respeito. No passado, fazia-se todo o possível para jogar um pano sobre essa regra primordial da vida, para suprimir essa verdade básica. E o resultado desse grave erro desenvolveu-se numa moléstia universal.

Qual é a direção básica do homem comum?

Deus?

Não.

A alma?

Não.

A verdade?

Não.

Qual é o centro do homem? Qual o anseio básico existente nas profundezas do homem comum — na vida do homem médio, do homem que nunca medita, nunca busca sua alma, nunca sai em peregrinação religiosa?

Devoção?

Não.

Prece?

Não.

Liberação?

Não.

O Nirvana?

Absolutamente não.

Se olharmos o desejo básico do homem comum, se buscarmos a força que impulsiona sua vida, não encontraremos devoção, Deus, prece, nem sede de conhecimento. Encontraremos algo diferente — algo que está sendo empurrado para a escuridão, que nunca é encarado conscientemente, que jamais é valorizado. E o que é isso? O que você encontrará se dissecar o âmago do homem médio?

Deixemos o homem de lado por um momento. Se olharmos para o reino animal ou vegetal, o que encontraremos no âmago de qualquer coisa? Se observarmos a atividade de uma planta, o que descobriremos? Para onde o seu crescimento conduz? Toda a sua energia é dirigida para a produção de novas sementes. Todo o seu ser está ocupado em formar uma nova semente.

O que fazem os pássaros? E os animais? Se observarmos intimamente as atividades da natureza, descobriremos que existe um só processo, apenas um processo real acontecendo. E esse processo é o da criação contínua, da procriação, da criação de novas e diferentes formas de si mesmo. As flores têm sementes; os frutos têm sementes. E qual é o destino da semente? Ela está destinada a se desenvolver numa nova planta, numa nova flor, num novo fruto, numa nova semente — e assim o ciclo se repete. O processo de procriação é eterno. A vida é

uma força que está constantemente se regenerando. A vida é uma criatividade, um processo de autocriação.

O mesmo acontece ao homem. E nós batizamos o processo com o nome de "paixão", "sexo". Nós o chamamos também de "luxúria". Essa denominação é o mesmo que um insulto; é um tipo de depravação. E esse próprio menosprezo tem poluído a atmosfera.

Então, o que é luxúria? O que é paixão? O que é essa força chamada "sexo"?

Desde tempos imemoriais, infinitas ondas rolaram e rebentaram na praia. As ondas vêm, rebentam e retrocedem. De novo recomeçam. Arremetem-se, esforçam-se, dispersam-se e novamente retrocedem. A vida tem um Impulso Intrínseco de progredir, de ir adiante. Há uma certa intranquilidade nessas ondas, tanto quanto nas ondas da vida. Há um esforço constante para conseguir alguma coisa. Qual é a meta? É um desejo intenso por uma posição melhor; é uma paixão por atingir alturas maiores. Por trás dessa energia que não se acaba está a própria vida — a vida lutando por uma vida melhor, lutando por uma existência melhor.

Não faz muito tempo — apenas alguns milhares de anos — que o homem surgiu na terra. Antes disso, só havia animais. E também não faz muito tempo que os animais começaram a existir. Antes disso, houve um tempo em que não existiam nem animais, mas apenas plantas. E durante muito tempo, nem mesmo as plantas existiram neste planeta. Só havia rochas, montanhas, rios e oceanos.

E qual era a inquietação desse mundo de rochas, montanhas, rios e oceanos? O esforço para produzir plantas. E gradualmente, sempre muito gradualmente, as plantas começaram a existir. A força vital manifestou-se numa nova forma. Então a terra cobriu-se de vegetação. Ela continuou a gerar vida, continuou a procriar: as flores se abriram e os frutos cresceram.

Mas as plantas também não estavam tranqüilas. Também não estavam satisfeitas com elas mesmas, também desejavam algo superior; ansiavam por produzir animais e pássaros. E então os animais e os pássaros passaram a existir e ocupar este planeta por muitas eras. Mas ainda não se via o homem.

E, contudo, o homem sempre esteve presente, inerente aos animais, lutando para romper a barreira, lutando para nascer. Assim, no devido tempo, o homem passou a existir.

Agora, e o homem? O homem está incessantemente empenhado em criar uma nova vida. E damos a isso o nome de "sexo", de "paixão", de "luxúria". Mas o que significa essa luxúria?

O impulso básico é criar, produzir novas vidas. A vida em si não quer acabar. Mas para que tudo isso? Será que esse homem, interiormente, está tentando gerar um homem melhor, uma forma superior de si mesmo? Será que a vida está

esperando um ser muito melhor que o próprio homem? Sábios, de Nietzsche a Aurobindo, de Patanjali a Bertrand Russell, nutriram uma imagem dentro de seus corações, um sonho, de dar origem a um homem superior a eles — um super-homem. Perguntavam-se como um outro ser, melhor que o homem, poderia ser procriado.

Condenamos deliberadamente, durante milhares de anos, a necessidade de procriar. Em vez de aceitá-la, nós a depreciamos. Nós a relegamos ao plano mais baixo possível. Nós a escondemos e fingimos que não existia, como se não houvesse lugar para ela na vida, nenhum lugar nesta ordem de coisas.

A verdade é que não existe nada mais vital do que esse impulso. E ele deve ocupar o lugar certo. O homem não se livrou dele por escondê-lo e esmagá-lo; pelo contrário, enredou-se ainda mais. Essa repressão criou o resultado oposto daquele que se esperava.

Imagine um novato aprendendo a andar de bicicleta. Por mais largo que seja o caminho, se houver uma pequena pedra no chão, o ciclista terá medo de passar sobre ela. Existe uma chance em cem de que ele passe sobre a pedra — até um cego teria toda a probabilidade de passar longe dela — mas por causa do seu medo o ciclista fica consciente apenas da pedra. A pedra fica maior em sua mente e a estrada desaparece. Ele fica hipnotizado pela pedra, sente-se atraído por ela, e por fim acaba batendo nela. Colide exatamente com aquilo que fez tudo para evitar.

O caminho era largo, como esse homem conseguiu se acidentar?

O psicólogo Coué diz que a mente comum é governada pela Lei do Efeito Inverso. Colidimos com aquilo que estamos tentando evitar, porque o objeto do nosso medo torna-se o centro de nossa consciência. Da mesma maneira, o homem vem tentando livrar-se do sexo nestes últimos cinco mil anos. E como resultado, em todas as partes, em todos os cantos, é confrontado pelo sexo nas suas formas mais diversas. A Lei do Efeito Inverso capturou a alma do homem.

Você já observou que a mente é hipnotizada e atraída exatamente para aquilo que está tentando evitar? Aqueles que ensinaram o homem a ser contra o sexo são os únicos responsáveis por ele ter se tornado tão consciente do sexo. A supersexualidade que há no homem é o resultado de ensinamentos pervertidos.

Atualmente, tememos discutir o sexo. Por que temos um medo mortal desse assunto? É pelo pressuposto de que o homem possa tornar-se sexual só por falar em sexo. Essa visão está totalmente errada. Existe, na verdade, uma vasta diferença entre sexo e sexualidade. Nossa sociedade só estará livre do fantasma do sexo quando desenvolvermos a coragem de falar sobre ele de maneira racional e saudável.

Só entendendo o sexo em todos os seus aspectos é que seremos capazes de

transcendê-lo. Você não pode livrar-se de um problema fechando os olhos para ele. Somente um louco pode achar que seu inimigo desaparecerá se ele fechar os olhos. A avestruz no deserto pensa assim. Acredita que se enterrar a cabeça na areia, e não enxergar o inimigo, ele não estará lá. Esse tipo de lógica é compreensível no caso da **avestruz**, mas no homem é imperdoável.

No que diz respeito ao sexo, o homem não se comporta melhor do que a avestruz. Pensa que fechando os olhos e ignorando o sexo, ele se esvaírá. Se tal milagre pudesse ocorrer, a vida seria realmente fácil. Mas, infelizmente, nada desaparece apenas fechando-se as cortinas. Pelo contrário, isso prova que temos medo do sexo, que sua atração é mais poderosa que a nossa resistência. Por sentirmos que não podemos vencer o sexo, fechamos os olhos para ele.

Fechar os olhos é sinal de fraqueza, e a humanidade toda é culpada disso. O homem não só fecha os olhos terminantemente para o sexo como também entra em inúmeros conflitos internos com ele. Os resultados devastadores dessa guerra contra o sexo são muito bem conhecidos para serem enumerados aqui. Noventa e oito por cento das doenças mentais, das neuroses, são devidos à repressão sexual. Noventa e nove por cento das mulheres que sofrem de histeria e doenças afins têm distúrbios sexuais. A maior causa do medo, da dúvida, da ansiedade, da tensão e do esgotamento no homem contemporâneo é a premência da paixão. O homem voltou as costas para uma necessidade inerente e poderosa. Sem tentar entender o sexo, fechamos os olhos para ele, por medo. E os resultados têm sido realmente catastróficos.

Para ver a verdade disso, basta o homem olhar atentamente sua literatura, o espelho de sua mente. Se alguém da Lua ou de Marte viesse aqui e examinasse nossa literatura, se lesse nossos livros e poesias, ou visse nossas pinturas, ficaria surpreso. Iria perguntar porque toda a nossa arte e literatura giram em torno do sexo.

"Por que todos os poemas, romances, revistas e histórias do homem estão saturados de sexo? Por que há mulheres seminuas em todas as capas de revistas? Por que todos os filmes dizem respeito à luxúria?", perguntariam.

Ficariam perplexos. O visitante alienígena se perguntaria por que o homem não pensa em nada além de sexo. E ficaria ainda mais confuso se ele se encontrasse com um homem e conversassem, porque o homem tentaria, insistiria em convencê-lo de que está totalmente inocente da existência do sexo. O homem falaria sobre alma, Deus, paraíso, emancipação, mas não diria nenhuma palavra sobre sexo, embora todo o seu ser estivesse repleto de idéias sobre sexo. O alienígena ficaria aturdido ao perceber que o homem inventou mil e um truques para satisfazer um desejo sobre o qual nem mesmo uma palavra é proferida.

A religião orientada para a morte tornou o homem sexo-intencionado. E o perverteu também por outro lado, mostrando-lhe os pináculos dourados do celibato,

brahmacharya, mas não lhe dando nenhuma orientação para um primeiro passo seguro, para compreender a base, para compreender o sexo.

Antes de mais nada, temos que reconhecer o sexo e compreendê-lo; temos que compreender esse impulso elementar. Somente então poderemos nos esforçar para transcendê-lo, para sublimá-lo e, assim, alcançar o estado do celibato. Sem compreender essa força vital básica em todas as suas formas e facetas, todos os esforços do homem para retê-la e suprimi-la só servirão para ajudá-lo a se degenerar num lunático doente e incoerente. Mas nós não nos concentramos na doença básica e proclamamos os altos ideais do celibato. O homem nunca esteve tão mal, tão neurótico, tão miserável e tão infeliz. O homem está completamente pervertido. Ele está envenenado na raiz.

Certa vez passei por um hospital e li num cartaz: "Um homem picado por um escorpião foi tratado aqui. Curou-se em um dia e recebeu alta".

Em outro, lia-se: "Um homem mordido por uma cobra foi tratado aqui e ficou curado em três dias".

Um terceiro dizia: "Um homem foi mordido por um cachorro louco. Esteve sob tratamento nos últimos dez dias e em breve estará bem".

Num quarto cartaz estava escrito: "Um homem foi mordido por um outro homem. Isto aconteceu há algumas semanas atrás. Ele continua inconsciente e são mínimas suas chances de recuperação".

Fiquei surpreso. Será que a mordida de um homem pode ser assim tão venenosa?

Se observarmos bem, veremos que há muito veneno acumulado no homem. Talvez seja por causa de seus médicos charlatões, mas a maior razão é a sua recusa em aceitar o que é natural nele, sua recusa em aceitar o seu ser fundamental. Temos tentado em vão frear e aniquilar nossos impulsos inatos; não se faz nenhuma tentativa para transformá-los, para elevá-los. Forçamo-nos a controlar essa energia de maneira errada. Essa energia borbulhá dentro de nós como lava ardente; está sempre empurrando de dentro: se não temos cuidado, pode derrubar-nos a qualquer momento. E você sabe o que acontece quando ela consegue a menor abertura?

Ilustrarei com este exemplo:

Um avião sofreu um acidente. Você está por perto e corre para o local da cena. Qual é a primeira pergunta que surge em sua mente quando encontra um corpo entre os escombros?

"Será que é um indiano ou um chinês?"

Não.

"Será que é um hindu ou um muçulmano?"

Não.

Numa fração de segundo, antes de qualquer outra coisa, você vai ver se o corpo é de um homem ou de uma mulher.

Você percebe por que essa questão brota na mente antes das outras? É pelo sexo reprimido. É a repressão sexual que o torna tão consciente da diferença entre um homem e uma mulher. Você pode esquecer-se do nome, do rosto, da nacionalidade de alguém — se eu o encontrasse, poderia esquecer seu nome, seu rosto, sua casta, idade, *status*, tudo sobre você — mas ninguém se esquece do sexo de uma pessoa, nunca se esquece se alguém é homem ou mulher. Você tem qualquer dúvida que a pessoa com a qual conversou noutro dia, digamos no trem de Delhi, no ano passado, seja um homem?

Por quê? Se você esquece tudo sobre uma pessoa, por que não pode apagar esse aspecto da sua memória? É porque a consciência do sexo está tão firmemente enraizada na mente do homem, no seu processo de pensamento, que o sexo está sempre presente, sempre ativo.

Nem a nossa sociedade, nem o nosso planeta poderão ser saudáveis enquanto existir essa cortina de ferro, essa distância entre homens e mulheres. O homem não poderá ter paz consigo mesmo, enquanto arder dentro dele esse fogo e enquanto o estiver reprimindo tanto. Tem que lutar para suprimi-lo todos os dias, a todo momento. O fogo nos queima, arde em nós.

Mas mesmo assim, não estamos prontos para enfrentá-lo, não estamos preparados para olhar dentro dele.

O que é esse fogo?

Não é um inimigo, é um amigo.

Qual é a natureza desse fogo?

Quero lhes dizer que uma vez que conheçam esse fogo, ele deixará de ser um inimigo e se tomará um amigo. Se entenderem esse fogo, ele não os queimará. Aquecerá seus lares, alimentará vocês e ainda se tomará um amigo para toda a vida.

A eletricidade esteve na atmosfera por milhões de anos. Algumas vezes matou pessoas, mas nunca ninguém pensou que essa mesma energia um dia iria mover nossos ventiladores e iluminar nossas casas. Ninguém poderia imaginar então as possibilidades dessa energia. Mas hoje a eletricidade tomou-se nossa amiga. Como? Se tivéssemos fechado os olhos para ela, jamais penetraríamos seus segredos, jamais a teríamos utilizado; ela teria permanecido nossa inimiga, continuaria sendo sempre objeto de medo. Mas o homem adotou uma atitude amigável para com a eletricidade. O homem decidiu entendê-la, conhecê-la, e pouco a pouco uma

amizade duradoura se desenvolveu. Se isso não tivesse acontecido, dificilmente conseguiríamos nos arranjar hoje.

O sexo dentro do homem, sua libido, é ainda mais vital que a eletricidade. Uma partícula atômica de matéria aniquilou cem mil pessoas na cidade de Hiroshima, mas um átomo da energia do homem pode criar uma nova vida, uma pessoa! O sexo é mais poderoso que uma bomba atômica. Você já pensou sobre as infinitas possibilidades dessa força, em como podemos transformá-la para uma humanidade melhor? Um embrião pode tomar-se um Gandhi, um Mahavir, um Buda, um Cristo. Dele pode desenvolver-se um Einstein; pode manifestar-se um Newton. Um átomo infinitamente pequeno de energia sexual tem manifestado em si uma pessoa do calibre de um Gandhi!

Mas não estamos inclinados nem mesmo a tentar entender o sexo. Temos que juntar uma coragem imensa até para falarmos sobre ele em público. Que tipo de medo é esse que nos contamina a ponto de não estarmos preparados para entender a força da qual o mundo nasce? Que medo é esse? Por que o sexo nos alarma tanto?

As pessoas se chocaram quando falei sobre sexo no primeiro encontro no mês passado, em Bombaim. Recebi muitas cartas de reprovação pedindo-me que não falasse dessa maneira, dizendo-me que eu não deveria falar de modo algum sobre o assunto. Gostaria de saber por que não falar sobre o assunto? Quando esse impulso já nos é inerente, por que não falar sobre ele? A menos que possamos entender seu comportamento, que possamos analisá-lo, como poderemos esperar que ascenda a um plano mais alto? Pela compreensão, podemos transformá-lo, conquistá-lo, sublimá-lo. A menos que isso aconteça, morreremos e nem assim conseguiremos nos livrar das garras do sexo.

Minha opinião é que aqueles que condenam que se fale sobre sexo são os mesmos que empurraram a humanidade para o abismo do sexo. Aqueles que se assustam com o sexo, e que por isso se convenceram de que estão livres do sexo, são lunáticos. Eles conspiraram para tornar o mundo todo um gigantesco hospício.

A religião diz respeito à transformação da energia do homem. O objetivo da religião é integrar o ser interior do homem — tanto suas aspirações puras como seus desejos básicos. Também é verdade que a religião deve guiar o homem do mais baixo para o mais elevado, da escuridão à luz, do irreal para o real, do efêmero para o eterno.

Mas, para se chegar a algum lugar é preciso que se conheça o ponto de partida. Temos que começar de onde estamos; é imperativo que se saiba antes que lugar é esse. E, neste momento, isso é mais importante do que o ponto onde queremos chegar. Neste contexto, o sexo é o fato, é a realidade; o sexo é o ponto de partida. Mas, e Deus? Deus está longe daqui. Só poderemos chegar à verdade de Deus compreendendo o ponto inicial da jornada; caso contrário, não nos moveremos nem

uma polegada. Nos perderemos. Entraremos num carrossel que não leva a lugar nenhum.

Quando lhes falei no nosso primeiro encontro, vi que não estavam preparados para encarar as realidades da vida. Que mais então podemos fazer? O que podemos conseguir? Então todo esse tumulto que se faz em torno de Deus e da alma não significa nada. É totalmente vazio de convicção; é apenas conversa fiada.

Só adquirindo o conhecimento real sobre alguma coisa é que podemos ascender para além dela. Na verdade, conhecimento é transcendência. E antes de mais nada, um fato tem que ser completamente compreendido: o homem nasce do sexo. Todo seu ser existe por causa da prática do sexo. O homem está cheio de energia sexual. A própria energia da vida é a energia do sexo.

O que é essa energia sexual? Por que é um distúrbio tão poderoso em nossas vidas? Por que ele permeia todo o nosso ser? Por que nossas vidas giram em torno dele até o final? Qual é a fonte desse impulso?

Sábios e profetas têm rebaixado o sexo por milhares de anos, mas homem ainda não se convenceu. Há séculos, eles vêm pregando que devemos impugnar o sexo, que devemos banir todos os pensamentos sobre ele e todos os desejos, a fim de nos livrarmos de *maya*, do mundo ilusório — contudo, o homem ainda não conseguiu romper suas algemas. Você não pode escapar do sexo dessa maneira; a abordagem está errada.

Sempre que encontro prostitutas, elas nunca falam de sexo. Perguntam sobre a alma e sobre Deus. Encontro-me também com ascetas e monges, e sempre que estamos a sós, eles só querem saber sobre sexo. Foi uma surpresa descobrir que os ascetas, que estão sempre pregando contra o sexo, parecem estar fascinados por ele. Têm curiosidade e são perturbados por ele; todos têm essa confusão mental sobre o sexo, e ao mesmo tempo pregam sobre a religião e sobre os instintos animais do homem. E o sexo é tão natural.

Nós não quisemos e nem tentamos compreender esse problema. Nunca pesquisamos a razão de haver tanta atração pelo sexo.

Quem lhe ensina sexo?

Todo o mundo é contra ele ser ensinado. Os pais acham que os filhos nada devem saber sobre ele, e os professores concordam. As escrituras dizem a mesma coisa. Não existe nenhuma escola ou universidade que ensine esse assunto; todos os estabelecimentos de ensino proíbem esse conhecimento. Mas, na adolescência, um jovem descobre por si mesmo que todo o seu ser, seu *prana*, está repleto de ansiedade pelo sexo. Então as precauções dos mais velhos fracassam. E o sexo vence.

Como acontece isso? A verdade e o amor são pregados, mas os ensinamentos não se sustentam; são vulneráveis.

O sexo está firmemente enraizado no centro de nossos seres, mas onde está ancorado? Onde é o centro desse impulso natural, desse impulso tão poderoso, tão profundo? Aí está o mistério. E primeiro é necessário reconhecer o mistério; só então poderemos ir além dele.

Fundamentalmente, o que sentimos como atração sexual não é absolutamente atração sexual.

Depois de cada orgasmo, o homem sente-se esgotado, vazio, deprimido. Fica triste e desgostoso e pensa em abandonar essa prática no futuro. Então, qual é a fonte desse estado de espírito? É que ele deseja alguma coisa mais, que não é apenas a satisfação física.

O homem não pode, normalmente, alcançar as profundezas de seu ser, como alcança na consumação do ato sexual. No curso normal de sua vida, na sua rotina diária, o homem passa por uma variedade de experiências — faz compras, negocia, ganha seu sustento — mas a relação sexual revela-lhe a mais profunda das experiências. E essa experiência tem profundas dimensões religiosas: nela, o homem vai além de si mesmo; nela, ele transcende a si mesmo.

Duas coisas lhe acontecem nessas profundezas.

Primeiro, durante a cópula, o ego desaparece. É criado um estado de não ego. Por um instante, não existe "eu"; por um instante, a pessoa não se lembra de si mesma. Você sabia que o "eu" também se dissolve completamente na experiência religiosa, que na religião o ego também se dissolve no nada? No ato sexual o ego desaparece. O orgasmo é um estado de auto-obliteração.

A segunda coisa sobre a experiência do sexo é que por um instante o tempo se desfaz. Cria-se a atemporalidade, como Jesus Cristo falou sobre o *samadhi*: "Não haverá mais tempo". No orgasmo, a sensação do tempo não existe. Não há passado, não há futuro; só existe o momento presente. O presente não faz parte do tempo; o presente é a eternidade.

Esta é a segunda razão pela qual o homem tem tanta ânsia pelo sexo. O desejo do homem não é pelo corpo da mulher assim como o da mulher não é pelo corpo do homem; a paixão é por alguma coisa além: pelo não-ego, pela atemporalidade.

Esse clímax sexual dura só um momento, mas nesse breve momento o homem perde uma quantidade considerável de energia e vitalidade e, mais tarde, lamenta essa perda. Em algumas espécies de animais, o macho morre após um único ato sexual. Certo inseto da África só pode praticar o ato uma vez; sua energia cai e ele morre durante o próprio ato. Não que o homem não perceba que a relação sexual diminui seu poder, decresce sua energia e traz a morte para muito mais perto. Depois de cada experiência, ele se arrepende por ter cedido, mas em pouco tempo se apaixona outra vez. Certamente há um significado muito profundo nesse padrão

de comportamento do que os olhos podem ver.

Há um nível mais sutil na experiência sexual do que uma mera rotina física. É um nível essencialmente religioso. Para entender essa experiência é preciso prestar muita atenção. Se você não puder apreender o significado dessa experiência, acabará por viver e morrer apenas no sexo.

Relâmpagos brilham na escuridão da noite, mas a escuridão não faz parte do relâmpago. A única relação entre ambos é que o relâmpago só aparece à noite, somente na escuridão. E o mesmo acontece em relação ao sexo. Há uma realização, uma alegria, uma luz que brilha no sexo, mas esse fenômeno não vem do sexo. Embora estejam associados, é apenas um subproduto. A luz que brilha no orgasmo transcende o sexo; vem do além. Se pudermos compreender essa experiência do além, ascenderemos acima do sexo. Caso contrário, jamais conseguiremos.

Aqueles que se opõem cegamente ao sexo jamais conseguirão apreciar o fenômeno em sua perspectiva apropriada. Jamais serão capazes de analisar a causa desse desejo insaciável pelo sexo, dessa ânsia profunda. O que eu quero enfatizar é que essa atração forte e insistente pelo sexo é, na verdade, pela realização momentânea do *samadhi*.

Você poderá libertar-se do sexo se puder aprender a atingir o *samadhi* sem o sexo. Se for mostrado a um homem, que está querendo um artigo que custa mil cruzeiros, onde poderá obter esse mesmo artigo de graça, ele estará fora de juízo se for à loja para comprá-lo. Se for mostrado ao homem como alcançar o mesmo êxtase que ele consegue através do sexo por outros meios e numa medida muito maior, sua mente cessará automaticamente essa corrida em direção ao sexo e começará a correr em outra direção. O homem teve sua primeira realização de *samadhi* na experiência sexual. Mas o sexo custa caro, custa realmente caro. E não dura mais que um instante; depois de um clímax instantâneo, voltamos novamente à nossa posição original. Por um segundo, atingimos um plano diferente de existência; por um segundo, escalamos um pico de imensa satisfação.

O movimento é em direção ao pico, mas mal conseguimos dar um passo já estamos de volta ao ponto inicial. Uma onda aspira alcançar o céu, mas mal sobe um pouco e já começa a cair. Nós somos iguais. É por esse êxtase, por esse júbilo, por essa realização que, de tempos em tempos, acumulamos energia e começamos a escalada. Quase tocamos esse plano mais sutil, esse domínio superior, mas de novo voltamos à nossa posição inicial, com considerável quantidade de energia e poder a menos.

Enquanto a mente do homem estiver imersa nesse rio de sexo, ele subirá e cairá novamente. A vida é um esforço constante em direção ao não-ego, à atemporalidade — seja isso consciente ou inconsciente. Todo desejo do ser é conhecer o eu real, conhecer a verdade, conhecer a fonte original, eterna, atemporal

— unir-se àquilo que está além do tempo, alcançar o puro não-ego. É para satisfazer esse desejo interior e inconsciente da alma que o mundo gira em torno do eixo do sexo.

Mas como podemos entender ou desenvolver qualquer tipo de concordância com essa realização se continuamos a negar a existência desse fenômeno natural, interior e inclusivo? Quando nos opomos ao sexo tão veementemente quanto o fazemos, o sexo torna-se o centro de nossa consciência: não podemos nos livrar dele; tornamo-nos aprisionados a ele. A Lei do Efeito Inverso entra em ação e ficamos sujeitos a ela. Tentamos fugir do sexo, mas quanto mais tentamos, mais nos enredamos nele.

Um homem estava doente. Sua doença era estar com muita fome, o que, na verdade, não é doença. Ele leu que a negação da vida era o caminho da libertação, que jejuar era um ato religioso e que comer era pecaminoso. Disseram-lhe também que comer era violento e contrário aos preceitos da não-violência.

Mas, quanto mais pensava que comer era pecado, mais reprimia sua fome. E a fome reivindicava seus direitos em igual medida. O homem costumava jejuar durante três ou quatro dias e, então, no dia seguinte, comia de tudo e qualquer coisa, como um glutão. Depois de comer, arrependia-se por ter quebrado seu voto — além disso, comer demais tem suas próprias reações — e então, para reparar, fazia outro período de jejum. E de novo, depois disso, comia durante um tempo.

Por fim, decidiu que não era possível seguir o caminho certo enquanto estivesse vivendo em sua casa; assim, renunciou ao mundo, foi para a selva, subiu uma montanha e encontrou uma caverna solitária. As pessoas de sua casa entristeceram-se e sua mulher, supondo que ele tivesse superado a doença de comer em seu retiro, mandou-lhe um ramo de flores, desejando-lhe recuperação rápida e breve retorno.

O homem respondeu com um recado: "Agradeço muito pelas flores. Estavam deliciosas". Ele as havia comido. Não podemos imaginar alguém comendo flores em vez de comida, mas não experimentamos o *sadhana* de um jejum, como aquele homem fez. É claro que os devotados à comida realmente conseguirão compreender a situação muito bem. E em proporção maior ou menor, todo o mundo está comprometido com o sexo.

O homem começou uma guerra contra o sexo. E os resultados dessa guerra são difíceis de serem corretamente avaliados. O homossexualismo existe em outro lugar além das sociedades chamadas civilizadas? Os aborígenes que vivem em áreas atrasadas não podem sequer imaginar um homem mantendo relações sexuais com outro homem. Estive entre algumas tribos, e quando contei que as pessoas civilizadas tinham esse costume, ficaram aturdidos; não podiam acreditar. Mas no Ocidente existem clubes de homossexuais, existem associações que reivindicam ser antidemocrático proibir o homossexualismo quando tantos o praticam. Declaram

que a proibição dessa prática por lei é uma violação dos direitos humanos fundamentais, que é uma imposição de uma maioria contra uma minoria. A mentalidade que deu origem ao homossexualismo é o resultado da guerra contra o sexo.

A prostituição também existe em proporção direta à civilização de uma sociedade. Você já refletiu sobre como a prostituição instituída começou a existir? É possível encontrar prostitutas nas regiões montanhosas das populações tribais, ou nas aldeias distantes? Impossível. Essas pessoas nem mesmo imaginam que existem mulheres que vendem suas virtudes, que praticam o sexo em troca de remuneração. Mas esse comércio do sexo desenvolveu-se com o avanço da civilização do homem. Isso é um ato de comer flores. E ficaríamos ainda mais atônitos se fôssemos levar em conta todas as outras perversões sexuais, se examinássemos a vasta gama de todas as suas terríveis manifestações.

O que aconteceu ao homem? Quem é o responsável por toda essa coisa feia e debochada? Aqueles que ensinaram o homem a reprimir o sexo em vez de compreendê-lo são os responsáveis. Por causa dessa repressão, a energia sexual do homem transpira por poros errados. Toda a sociedade do homem está doente e miserável, e se essa sociedade cancerosa deve ser mudada, é essencial aceitar que a energia sexual é divina, que a atração pelo sexo é essencialmente religiosa.

Por que a atração pelo sexo é tão poderosa? Porque é claro que é poderosa. Se compreendermos os níveis básicos do sexo, poderemos ajudar o homem a sair do sexo. Só então o mundo de *rama* poderá emergir do mundo de *kama*; só então o mundo da compaixão surgirá deste mundo de paixão.

Fui com um grupo de amigos a Khajuraho para ver o templo mundialmente famoso que lá existe. A parede externa, a periferia do templo, é decorada com cenas do ato sexual, com as variadas posições do coito. Existem esculturas de muitas poses diferentes, todas elas em posturas sexuais. Meus amigos perguntaram por que aquelas esculturas estavam ali, decorando um templo.

Expliquei-lhes que os arquitetos que o construíram eram pessoas altamente inteligentes. Sabiam que a paixão e o sexo existem na circunferência da vida, e acreditavam que aqueles que ainda estavam apegados ao sexo não tinham o direito de entrar no templo.

Nós entramos. Dentro, não havia nenhum ídolo de Deus. Meus amigos ficaram surpresos por não verem ídolos em nenhum lugar. Expliquei-lhes que na parede externa da vida há paixão e luxúria, enquanto que o templo de Deus está no interior. Aqueles que ainda estão encantados pela paixão, pelo sexo, não podem alcançar o templo de Deus; ficam perambulando apenas ao redor da parede externa.

Os construtores daquele templo eram pessoas muito sensíveis. Aquilo era um centro de meditação — sexualidade na superfície, em toda a volta; paz e silêncio no

interior, no centro. Eles costumavam dizer aos aspirantes que meditassem antes sobre o sexo, que refletissem profundamente sobre a cópula esculpida nas paredes externas, e quando tivessem compreendido completamente o sexo e estivessem certos de que suas mentes estavam livres dele, então, que fossem para dentro. Somente então poderiam encarar Deus interiormente.

Mas, em nome da religião, destruímos qualquer possibilidade de entender o sexo. Declaramos guerra ao sexo, ao nosso próprio instinto básico. A regra padrão não é absolutamente ver o sexo, mas fechar os olhos e cambalear cegamente no templo de Deus. Mas alguém consegue chegar a algum lugar com os olhos fechados? Mesmo que você chegue, não conseguirá ver Deus com os olhos fechados. Em vez disso, só verá aquilo do qual vem fugindo!

Talvez alguns pensem que faço propaganda do sexo. Se isso ocorrer, por favor digam a essas pessoas que elas não me ouviram. É difícil, hoje em dia, encontrar maior inimigo do sexo que eu, sobre a face da terra. Se as pessoas prestarem atenção ao que digo — sem preconceitos — será possível libertar o homem do sexo. Este é o único caminho para uma humanidade melhor. Os pânditas que consideramos inimigos do sexo não são absolutamente inimigos, mas divulgadores. Criaram uma fascinação em torno do sexo; suas veementes oposições criaram uma louca atração pelo sexo.

Um homem me disse que não se interessava por nada que não fosse desaprovado, desafiante e ofensivo. Como todos nós sabemos, o fruto roubado é sempre mais doce do que o comprado. É por isso que a própria esposa não é tão apetitosa quanto a esposa do vizinho. A outra é como um fruto roubado; a outra é como um prazer proibido. E demos ao sexo a mesma posição. É muito tentador. Foi coberto por tal capa de mentiras que se tornou intensamente atraente.

Bertrand Russell escreveu que na era vitoriana, quando ainda era criança, as mulheres jamais mostravam as pernas em público. Suas roupas arrastavam-se pelo chão, cobrindo completamente os pés. Se por acaso ficasse visível apenas um dedo do pé da mulher, os homens imediatamente lançavam olhares cobiçosos para ele; isso acendia-lhes a paixão.

Russell escreveu depois que as mulheres de hoje andam quase nuas, com as pernas completamente à vista, mas isso já não nos afeta tanto. Isso prova, escreve ele, que quanto mais escondemos uma coisa, mais ela nos provoca a curiosidade.

O primeiro passo para livrar o mundo da sexualidade é permitir que as crianças fiquem nuas dentro de casa, o máximo possível. É aconselhável que as crianças tenham permissão, tanto os meninos quanto as meninas, para brincarem sem roupas, para que se familiarizem totalmente com o corpo um do outro. Assim, amanhã, não terão necessidade de ficar se agarrando pelas ruas. Não haverá necessidade de publicar nus nos livros. Elas estarão tão acostumadas ao corpo do

outro que nenhum tipo de atração pervertida será possível no futuro.

Mas o mundo faz exatamente o oposto. As pessoas que cobriam e escondiam o corpo criaram, sem querer, uma atração tão grande por ele que, apesar de ter tomado conta de nossas mentes, não sentimos ainda todo o impacto dessa atitude.

As crianças deveriam ficar nuas e assim brincar por longo tempo, para que nenhuma semente de loucura permanecesse para infestá-las durante o resto da vida.

Mas o mal já existe e está aumentando. A existência do mal pode ser observada na quantidade de literatura obscena publicada atualmente. As pessoas a lêem, escondendo-a por entre as capas do *Geeta* e da Bíblia. Nós gritamos que os livros obscenos deveriam ser banidos, mas nunca paramos para pensar de onde vêm os homens que os lêem; protestamos contra a exposição de desenhos e fotos de nus, mas nunca perguntamos por que eles são exibidos.

O sexo é natural, mas a sexualidade é o produto de ensinamentos anti-sexuais. Se esses ensinamentos forem seguidos, se os conselhos dados nesses sermões não científicos forem aceitos, a alma do homem ficará totalmente repleta de sexualidade. Isso quase acontece. Mas, graças a Deus, esses professores não são muito bem sucedidos. E por causa desse fracasso, o homem tem conseguido salvar parte de sua consciência, parte de seu discernimento. Se o homem entender o sexo de maneira apropriada, poderá ascender para além dele. Deve elevar-se para além dele; é necessário que isso aconteça.

Todos os nossos esforços até esta data deram maus resultados porque não acolhemos o sexo e sim declaramos guerra contra ele; usamos a repressão e falta de compreensão como meios de lidar com os problemas sexuais. Quanto mais profunda for a compreensão do homem, mais ele poderá elevar-se para além do sexo; quanto menor sua compreensão, maiores serão seus esforços para reprimi-lo. E os resultados da repressão não são frutíferos, agradáveis ou saudáveis.

O sexo é a energia mais vibrante do homem, mas não deve ser um fim em si mesmo: o sexo deve levar o homem à sua alma. A meta é da luxúria à luz.

Para alcançar o celibato, o sexo deve ser entendido. Conhecer o sexo é estar livre dele, transcendê-lo, mas mesmo depois de toda uma vida de experiência sexual, o homem não é capaz de perceber que o relacionamento sexual proporciona uma rápida experiência de *samadhi*, um relance da supra-consciência. Esse é o grande atrativo do sexo, a grande sedução: é a atração magnética do Supremo. Você tem que conhecer e meditar sobre esse vislumbre momentâneo; tem que enfocá-lo com atenção. Em todo o mundo essa atração é tremendamente forte.

Existem outras maneiras mais fáceis de se chegar exatamente à mesma experiência — meditação, ioga e prece são as outras alternativas — mas só o canal do sexo tem influência tão poderosa sobre o homem. É muito importante ponderar

sobre as várias maneiras que existem para se chegar ao mesmo objetivo.

Um amigo escreveu-me dizendo que achou embaraçoso o assunto de meu discurso. Pediu-me que imaginasse a desagradável situação de uma mãe sentada na platéia com sua filha ou acompanhada pelo filho. E também aconselhou-me a não discutir essas coisas na frente de qualquer pessoa.

Respondi-lhe que suas objeções não tinham fundamento e que ele perdera o juízo. Se uma mãe for sensível, ela contará suas experiências sexuais à filha no devido tempo, antes que ela escorregue pelos terrenos inferiores do sexo, antes que ela se perca no desconhecido de uma maneira imatura. Se um pai for sensível, ao exercer suas responsabilidades paternas, discutirá abertamente o assunto com seus filhos — para alertá-los contra os perigos mais comuns e poupar suas vidas de possíveis perversões futuras.

Mas o mais irônico é que nem a mãe nem o pai possuem qualquer experiência profunda e consciente sobre o assunto. Eles mesmos não saíram do nível físico do sexo e por isso temem que seus filhos fiquem presos nesse mesmo ponto. Mas, pergunto eu, alguém orientou você? Você se emaranhou. E seus filhos também farão o mesmo. E isso se repetirá na segunda e na terceira gerações, e assim por diante. Mas não é possível que, se seus filhos ouvissem, fossem ensinados, tivessem a permissão de pensar livremente por eles mesmos, poderiam evitar a dissipação de suas energias? Eles podem conservar suas energias. E podem transformá-las.

Muitas vezes já vimos o carvão. Os cientistas dizem que num espaço de alguns milhares de anos, o carvão transforma-se em diamante, e que não há diferença química ou estrutural entre o carvão e o diamante. O diamante é a manifestação transformada de um pedaço de carvão. O diamante é apenas carvão.

Quero dizer-lhes que o sexo é o carvão, enquanto que *brahmacharya*, celibato, é o diamante. O celibato é uma forma de sexo; o celibato é a transformação do sexo. O celibato é carvão, só que passou por um determinado processo. E creiam-me, não há nenhuma inimizade entre os dois extremos. Nenhum inimigo do sexo jamais se torna um *brahmacharya*.

O que significa *brahmacharya*, celibato? É o *charya* de *Brahma*; é a comunhão com Deus. É a realização da experiência divina, da experiência de Deus. E, pelo uso da compreensão consciente, é possível dirigir nossa energia sexual por esse caminho, o caminho de Deus.

Amanhã, pretendo falar sobre como a experiência de *kama*, a luxúria, pode ser sublimada na de *Rama*, a luz. Quero que ouçam com atenção para que não haja falsas interpretações. E sejam quais forem as questões que lhes vierem à mente, por favor, levantem-nas com honestidade. Mandem-nas por escrito para que eu possa falar sobre elas simples e diretamente, nos próximos dias. Não há necessidade de esconder quaisquer perguntas que surjam em suas mentes; não há por que esconder

a verdade. Não faz sentido tentar correr dela. A verdade continua sendo verdade quer fechemos os olhos para ela ou não. Somente aqueles que têm coragem para encarar a verdade são religiosos. Os que são fracos e covardes para enfrentar os fatos da vida, jamais poderão ser ajudados a se tornar religiosos.

Nos próximos dias, convido-os a ponderarem sobre este tópico. É um tópico sobre o qual não se espera que seus velhos sábios falem. E talvez vocês não estejam acostumados a ouvir discursos como estes. Suas mentes podem reagir com medo, mas insisto que sejam pacientes e ouçam com atenção. É bem possível que a compreensão do sexo os guie ao templo de suas almas. Esse é o meu desejo.

Que Deus satisfaça esse desejo.

O pináculo da meditação

3º Discurso

Gowalia Tank Maidan

29 de setembro de 1968

Bombaim

Resumo minha palestra com esta pequena história: Há muitos e muitos anos atrás, num certo país, vivia um pintor jovem e famoso. Ele decidiu criar um retrato realmente grandioso, um retrato vivo, repleto da alegria de Deus, o retrato de um homem cujos olhos irradiassem paz eterna. Assim, saiu em busca de alguém cujo rosto refletisse essa luz eterna, etérea,

O artista andou de uma aldeia a outra, atravessou selvas, em busca do seu objetivo, até que por fim encontrou um pastor de olhos brilhantes, com rosto e feições que continham a promessa de algum lar celestial. Um olhar bastou para convencer o pintor que Deus estava presente naquele jovem.

O artista fez um retrato do jovem pastor. Milhões de cópias foram feitas e vendidas por toda parte. O povo sentia imensa gratidão só por poder pendurar a pintura em suas paredes.

Quase vinte anos depois, quando já estava velho, o artista decidiu pintar um outro retrato. Sua experiência havia lhe mostrado que a vida não é só bondade, que Satã também existe no homem. A idéia de pintar um retrato do diabo persistiu. Realizando seu propósito, as duas obras se completariam e mostrariam um homem completo. Ele já retratara a divindade; agora queria retratar o mal encarnado.

Saiu em busca de um homem que não fosse um homem, mas o próprio diabo. Frequentou covis de malfeitores, tavernas e hospícios. O tema tinha que conter fogo do inferno; aquele rosto tinha que mostrar tudo o que há de mau, feio e sádico.

Depois de longa busca, o artista finalmente encontrou um prisioneiro numa cadeia. O homem havia cometido sete assassinatos e estava sentenciado à forca, daí a poucos dias. O inferno era evidente nos olhos do homem; eles esguichavam ódio. Seu rosto era o mais feio que se poderia encontrar. O artista começou a pintá-lo.

Quando acabou o retrato, trouxe o antigo e colocou-o ao lado do novo para ver o contraste. Do ponto de vista artístico, era difícil afirmar qual o melhor; ambos eram maravilhosos. Ficou parado, olhando os dois retratos. De repente, ouviu um soluço.

Virou-se e encontrou o prisioneiro condenado chorando. O artista ficou espantado. Perguntou: "Meu amigo, por que está chorando? Esses quadros o perturbam?"

O prisioneiro disse: "Tenho tentado todo este tempo esconder uma coisa de você, mas hoje não consigo. Obviamente você não sabe que esse outro retrato também é meu. Os dois são meus. Sou o mesmo pastor que você encontrou há vinte anos atrás nas montanhas. Choro pela minha queda nestes últimos vinte anos. Caí do céu para o inferno, de Deus para o Demônio".

Não sei se essa estória é verdadeira, mas de uma coisa tenho certeza: a vida de cada homem tem dois lados opostos; é possível fazer dois retratos de todo o mundo. Em cada homem existe tanto Deus quanto o Diabo; em cada um há a possibilidade do céu e a do inferno. Um buquê de belas rosas pode brotar do homem tanto quanto um monte de lama pode acumular-se sobre ele. Todo homem oscila entre esses dois extremos. Pode chegar a qualquer um deles, mas a maioria das pessoas tende para o infernal. Os poucos afortunados que aspiram pelo eterno, que permitem o crescimento do divino dentro deles, são raros. Podemos fazer de nossas vidas templos de Deus? Podemos nos tornar como o retrato que tinha em si um vislumbre de Deus?

Como essa pergunta, resumo o que falarei hoje. Como o homem pode tomar-se o reflexo de Deus? Como é possível tornar a vida do homem um paraíso repleto de fragrância, beleza e harmonia? Como é possível ao homem conhecer aquilo que é imortal? Como é possível ao homem entrar no templo de Deus?

Nesse contexto, os fatos da vida indicam que todo o nosso progresso, até agora, tem sido na direção oposta. Na infância, estamos no paraíso, mas conforme vamos crescendo, aos poucos acabamos no inferno. O mundo da infância é cheio de inocência e pureza, mas gradualmente começamos a trilhar uma estrada pavimentada com mentiras e traições, e quando amadurecemos estamos velhos — não apenas física, mas espiritualmente também. Não só o corpo se torna fraco e cambaleante, como a alma também cai num estado de ruína. Mas simplesmente aceitamos isso, e deixamos que o assunto termine aí. Mas terminamos conosco mesmos também.

A religião é fatalista sobre essa questão, sobre essa queda, sobre essa jornada do céu para o inferno. Mas essa jornada tem que ser invertida. Essa jornada deve ser gratificante — da dor à alegria, da escuridão à luz, da mortalidade à imortalidade. O anseio interior do homem é alcançar a imortalidade e sair dos limites da morte; essa é a sede de sua alma. A única busca da alma é ir da escuridão à luz. A direção básica de nossa energia primal é ir da mentira à verdade.

Mas para essa viagem, o homem precisa conservar sua energia; precisa permitir que sua energia cresça. Para escalar a verdade, para alcançar a alma, o homem deve esforçar-se para ser um reservatório de força ilimitada; só então alcançará o eterno.

O céu não é para os fracos.

Repito, o céu não é para os fracos. A verdade da vida não é para os que dissipam suas energias, que se permitem ser débeis e fracos. Os que desperdiçam energia vital, os que se tornam interiormente insípidos e impotentes, não podem empreender esta expedição. Requer-se grande energia para a escalada às alturas.

A conservação de energia é o primeiro requisito da religião. Mas somos uma geração fraca, doente, o através dessa perda de energia estamos mergulhando progressivamente em níveis cada vez mais fracos. Nossa vitalidade está escoando e tudo o que resta dentro de nós é uma máquina sem bateria; não há mais nada além de um terrível vazio. Nossas vidas são uma triste e interminável estória de perdas; nossas vidas não são de modo algum produtivas.

Por que existe essa situação tão pouco atraente? E como perdemos nossa energia?

A maior válvula de escape da energia do homem é o sexo. O sexo é um escoamento contínuo que deve parar. Ninguém quer perder nada, mas, como já lhes disse, há uma razão irresistível para que o homem desperdice tanta energia. Por causa da visão beatífica no sexo, o homem é levado, querendo ou não, a perder energia repetidamente. O êxtase luminescente, mas passageiro, que vem com o sexo exerce tanta atração sobre o homem que ele está consentindo impensadamente na perda exatamente daquilo que é a base de tudo.

Se o mesmo êxtase pudesse ser alcançado por outros meios, não se pararia de perder a própria energia através do sexo? Existe algum outro meio de se obter essa mesma experiência? Existe outra maneira de realizar a mesma experiência tão sublime, onde mergulhamos nos recessos mais profundos da alma, onde tocamos o mais alto pico da existência, onde nos é dado o revitalizante vislumbre da graça sutil e da felicidade pura, onde todas as definições e limitações evaporam? Há alguma outra maneira? Existe alguma técnica que nos lance nesse abismo sereno que há dentro de nós mesmos? Existe algum outro processo que nos una à eterna fonte de paz e alegria que existe em todos nós?

O conhecimento disso acenderá uma transformação no homem.

Então ele dará as costas para *kama* e se voltará para *Rama*; aí sua jornada será da luxúria a Deus. Uma revolução interna tomará lugar e uma nova porta se abrirá.

Se não se mostrar ao homem uma nova porta, ele continuará a dar voltas no mesmo círculo e eventualmente acabará se destruindo. Mas a idéia retrógrada que ele tem do sexo o impede até de pensar numa outra porta, em qualquer saída superior. E um grande e destrutivo caos está sendo criado em sua vida.

A natureza dotou o homem com apenas uma porta, a do sexo, mas os ensinamentos ao longo dos séculos fecharam essa porta, obstruíram essa saída. Na

falta de uma passagem adequada, a energia circula sem direção, esforçando-se inutilmente para subir, desintegrando a personalidade do homem, degenerando-o, tornando-o um neurótico.

Além disso, esse homem desintegrado e neurótico não pode nem utilizar a porta natural do sexo, e a arremetida da energia que vem de dentro destrói as paredes e janelas de seu ser. Como consequência, ela irrompe e o homem cai e quebra a cabeça, tropeça e quebra os braços e as pernas. Por estar confinada pelo fechamento da porta natural e não estando ainda aberta a porta sobrenatural, a energia sexual do homem escoia por saídas artificiais. É esse o maior infortúnio do homem. Nenhuma porta nova ainda se abriu, e a velha já está fechada.

É por isso que sou firmemente contra os ensinamentos tradicionais de inimizade ou repressão ao sexo. É por causa dos velhos ensinamentos que a sexualidade não só deixou de se desenvolver no homem como também tornou-se pervertida. Qual é o remédio? Não existe outra alternativa?

Observemos cuidadosamente a situação. A realização conseguida no momento do orgasmo consiste em dois elementos: ausência de ego e ausência de tempo. O tempo pára e o ego evapora. Por causa da ausência de ego e da parada de tempo, tem-se uma visão clara do próprio eu, do eu real. Mas essa glória é momentânea, e voltamos ao mesmo velho ponto. E nesse meio tempo perdemos quantidade considerável de energia.

A mente anseia por essa iluminação; a mente almeja consegui-la novamente, mas essa luz, essa realização é tão transitória que mal a vislumbramos e ela já desapareceu. O que permanece então é uma ânsia, uma obsessão, uma profunda ansiedade em novamente atingir essa experiência. Durante toda a extensão de sua vida, outra e outra vez o homem tenta agarrar esse vislumbre, essa experiência estimulante, mas ela nunca permanece.

Há dois meios para se chegar à supraconsciência, para se alcançar a essência do seu interior: sexo e meditação. O sexo é a porta provida pela natureza. O sexo é o curso natural: os animais o têm; os pássaros o têm; as plantas o têm; o homem o têm. Enquanto o homem se utilizar da porta natural, não estará acima dos animais, não poderá se elevar acima dos animais. Essa porta é acessível a eles também. No dia em que o homem encontrar uma nova porta, esse dia poderá ser considerado a alvorada do que há de humano no homem. Antes disso, nós não somos homens; antes disso, nosso centro coincide com o centro dos animais, com o centro da natureza. Até que nos ergamos acima disso, até que transcendamos isso, estamos realmente no nível dos animais. Na aparência, somos homens. Vestimo-nos como homens, falamos a linguagem dos homens, mas por dentro, no âmago, no centro, somos como os animais. E não podemos ser mais do que isso. É por esse motivo que o animal existente em nós irrompe na primeira oportunidade.

Durante o período de comoção, na época de formação da Índia e do Paquistão, viemos a perceber que um animal carnívoro ocultava-se por trás da máscara de homem. Soubemos o que as pessoas que oravam nas mesquitas e recitavam o *Geeta* nos templos eram capazes de fazer: saqueavam, matavam e roubavam. Os mesmos que estavam orando nos templos e mesquitas, no dia anterior, estavam agora saqueando pelas ruas. O que aconteceu a eles?

Um homem tira férias de sua humanidade sempre que tem a mais leve oportunidade de largar seus deveres de lado — e o animal, sempre de prontidão, salta para fora. O animal está sempre ansiando por rédeas soltas. E o homem está sempre tenso — detendo esse animal, prendendo-o.

Na multidão, num grupo, o homem encontra chance para se livrar de seus trajés de humanidade e esquecer de si mesmo. Na massa, ele cria coragem para esquecer de si, e deixa sair da identidade real que vem contendo. O animal é liberado. Individualmente, nenhum homem jamais comete tantos pecados quantos os que comete em meio à multidão. Quando só, o homem teme um pouco que alguém possa reconhecê-lo; preocupa-se com o que está demonstrando. Sozinho, pensará antes no que irá fazer; teme que possam chamá-lo de animal. Mas, no meio de um grande grupo de pessoas, perde sua identidade, não se preocupa em ser notado. É parte integrante da massa; faz o que as pessoas em volta estão fazendo.

E o que ele faz? Atira pedras, atea fogo, rouba e viola. Como parte da turba, aproveita a oportunidade de soltar seu animal. É por isso que, a cinco ou dez anos, o homem fica ansioso pela guerra; é por isso que está sempre esperando, querendo que estoure um motim. Está bem para ele que o pretexto seja um conflito entre hindus e muçulmanos; se não, a causa Gujarati-Marathi também servirá. Se os gujaratis e marathis não estiverem prontos para um conflito, então um confronto entre grupos de língua hindi e não-hindi também o satisfará. Ele só precisa de uma desculpa, qualquer que seja, para libertar sua insaciável besta interior.

O animal que há no homem é frustrado pela barreira constante; está urrando para sair. Mas a menos que esse animal seja vencido, destruído, a consciência do homem jamais se erguerá acima da bestialidade.

Nossa natureza, nossa força vital, nossa energia, só tem uma saída fácil, que é o sexo. Vedar esse canal criará problemas, assim, antes de fechá-lo, é muito importante abrir uma nova porta para que a energia possa ser desviada numa nova direção. Isso é possível, mas ainda não aconteceu, pela simples razão de que a repressão é muito mais fácil do que a transformação. É mais fácil cobrir uma coisa, abafá-la, do que tentar resolvê-la ou transformá-la — porque isso exige o esforço de um *sadhana*; de uma conduta constante de ação meditativa. Por isso, temos escolhido a repressão interna do sexo.

Ao mesmo tempo, não percebemos que nada pode ser destruído pela

repressão; pelo contrário, é fortalecido como uma reação. Nós nos esquecemos também de que reprimir qualquer coisa intensifica nossa atração por ela. Aquilo que reprimimos não apenas se torna o centro de nossa consciência como também penetra nos níveis mais profundos do nosso subconsciente. Podemos reprimir enquanto estamos despertos, mas, à noite, isso se manifesta em nossos sonhos. Fica esperando lá dentro, ansioso para atacar violentamente à primeira oportunidade.

A repressão não livrará o homem de nada; pelo contrário, suas raízes entrarão cada vez mais fundo em seu subconsciente e, como consequência, prendê-lo-ão numa armadilha. No processo de tentar dar cabo do sexo, o homem acabou se emaranhando, caiu na armadilha.

Enquanto o animal tem seus limites e períodos, o homem não tem nem uma coisa nem outra. O homem é sexual o tempo todo, durante o ano inteiro. Sem exceção, nenhum animal é tão sexual a esse ponto. Os animais possuem épocas específicas para isso, um período, um cio que vem e vai. Terminado esse momento, o animal não pensa nisso novamente. Mas veja o que acontece com o homem. Aquilo que ele tentou reprimir, tentou suprimir, continua crescendo por toda a sua vida. É um vulcão eternamente ativo.

Você já observou que nenhum animal é o tempo todo sexual, mas que o homem tende para o sexo em todas as situações? A sexualidade exala do homem como se o sexo fosse tudo na vida. Como aconteceu essa perversão? Como ocorreu tamanho desastre? Por que isso não aconteceu a nenhum animal? Só existe uma causa: o homem fez o que pôde para reprimir o sexo. E ele irrompeu através da sua personalidade na mesma medida.

E pense no que fizemos para reprimir o sexo! Tivemos que desenvolver uma atitude insultante em relação a ele; tivemos que degradá-lo; tivemos que corrompê-lo. Tivemos que chamá-lo de pecado; tivemos que gritar do alto das torres: "Sexo é pecado!" Tivemos que proclamar que aqueles que a ele se entregavam eram desprezíveis, deviam ser menosprezados. Tivemos que inventar incontáveis nomes degradantes para o sexo, de modo a justificar nossa repressão a ele. Mas nem por um momento nos preocupamos em ver que esses abusos e objeções iriam fatalmente envenenar todo o nosso ser,

Certa vez, Nietzsche fez uma declaração muito significativa. Disse que embora a religião tenha tentado matar o sexo por envenenamento, ele não havia morrido, mas continuava vivo e cheio de veneno. Teria sido melhor que tivesse morrido, mas isso não aconteceu; foi envenenado e mesmo assim continuou vivo. O truque não deu certo. A sexualidade que vemos hoje à nossa volta é o resumo do sexo envenenado.

O sexo existe também no animal porque é a fonte da vida, mas a sexualidade só existe no homem. Não há sexualidade entre os animais. Olhe nos olhos de um animal; você não encontrará luxúria neles. Mas se olhar nos olhos de um homem,

não verá nada além da luxúria; nada além de um desejo grosseiro pelo sexo. Assim, os animais hoje em dia, de um certo modo, são belos; mas não há limite para a feiúra e mau cheiro do homem, o louco repressor.

Como primeiro passo para livrar o homem da sexualidade, as crianças — meninos e meninas — devem, como eu disse ontem, receber instrução sobre o assunto. Além desse conhecimento, também deve desaparecer essa distância feia e artificial entre eles. Na verdade, devem crescer mais próximos uns dos outros; a segregação é completamente antinatural.

Homens e mulheres tornaram-se espécies completamente diferentes. Olhando essa separação, essa divisão criada entre ambos, é difícil acreditar que pertençam à mesma espécie, que ambos façam parte da raça humana. Se os meninos e meninas fossem livres para andar pela casa despidos, como e quando quisessem, a curiosidade obscena e antinatural que mais tarde acaba se desenvolvendo seria cortada pela raiz. Já sabemos muito bem o quanto a ignorância que temos do corpo do outro provoca curiosidade nas crianças. Veja como os filhos de pais civilizados adoram brincar de "médico".

Além do mais, não sei se vocês já ouviram falar de um novo movimento iniciado por um segmento da sociedade americana, formado por pessoas ditas religiosas. O seu objetivo é impedir que os cães, gatos, cavalos e outros animais sejam exibidos sem roupas; querem que eles sejam vestidos para sair às ruas. A idéia por trás disso é que as crianças podem ser corrompidas se olharem para os animais despidos. Como é engraçado pensar que uma criança poderá se corromper por olhar um animal nu! Mas, de qualquer maneira, está se formando uma associação para banir os animais despidos das ruas. Veja quantas coisas estão sendo feitas para salvar a humanidade!

Esses pseudo-salvadores são justamente os que estão destruindo o homem. Você já notou como os animais são belos e maravilhosos, mesmo despidos? Mesmo em sua nudez, são inocentes, simples e plenos. Raramente se pensa num animal como estando nu, e você jamais os verá como tal a menos que esteja escondendo dentro de si a sua própria nudez! Mas aqueles que sentem medo, que são covardes, tentarão de tudo para compensar o medo que têm da própria nudez. Devido à invenção de tais reparações é que a humanidade está degenerando dia a dia.

O homem deveria ser tão simples a ponto de poder estar nu, despido, inocente e cheio de graça. Alguém como Mahavir resolveu fazer a experiência de ficar nu, e, da mesma maneira, todo homem deveria cultivar uma mentalidade com a qual também pudesse estar nu. As pessoas chamadas de religiosas dizem que Mahavir rejeitou as roupas como sendo indesejáveis, abandonando o uso de qualquer traje. Mas eu nego isso. Seu *chitta*, sua consciência tornou-se tão clara, tão inocente — tão pura quanto a de uma criança — que ele se ergueu nu para encarar o mundo. Quando não existe mais nada para ocultar, o homem pode se desnudar.

O homem se cobre porque sente que há alguma coisa lá dentro que precisa ser encoberta. Mas quando não há nada para esconder, não é preciso nem vestir roupas. Há uma grande necessidade de um tipo de mundo onde todos os indivíduos sejam tão isentos de culpa, tão puros de mente e tão serenos que sejam capazes de abandonar suas roupas.

Qual é o crime? Que perigo existe em estar nu?

A questão é outra quando as roupas são usadas por outras razões, mas quando usadas apenas por causa do medo da nudez, isso é desprezível. Usar roupas por causa do terror pela nudez indica uma nudez ainda maior, prova que a mente está contaminada. Mas, hoje em dia, sentimo-nos culpados até mesmo usando roupas, como se ainda não tivéssemos conseguido limpar a existência da nossa nudez interior.

Ah! Deus é tão infantil! Poderia tão facilmente ter criado o homem com roupas.

A propósito, por favor não conclua que sou contra o uso de roupas. Mas não tenho nenhum problema em afirmar que usar roupas por puro medo da nudez não cobre a nudez; pelo contrário, descobre-a. Essa noção antinatural da nudez é desprezível e degenerante. E essa noção tem sido decretada por uma longa tradição social.

Uma pessoa pode parecer nua mesmo usando roupas e outra, mesmo estando nua, pode parecer vestida. É preciso pensar melhor nesse assunto, depois de se ver as roupas modernas, justas ao corpo, usadas tanto por homens quanto por mulheres? Essa é a consequência de um desejo insatisfeito de vislumbrar o corpo e exibi-lo. Se homens e mulheres estivessem familiarizados com seus corpos, as roupas automaticamente não teriam outro propósito além de protegê-los. Mas, em vez disso, atualmente as roupas são criadas com a intenção do despertar a sexualidade.

Para onde está indo a civilização quando as roupas não são mais roupas, mas incentivos à sexualidade? É por isso que insisto em se deixar as crianças ficarem nuas até uma certa idade. Elas devem compreender que a necessidade de roupas tem a ver com outra coisa além de sexo!

Além disso, o conceito de nudez é subjetivo. Para uma mente simples, para uma mente inocente, a nudez não é ofensiva; tem sua própria beleza. Mas, até agora, o homem tem se alimentado de veneno e, gradualmente, com o passar do tempo, esse veneno se espalhou de um pólo a outro de sua existência. Consequentemente, nossa atitude diante da nudez é completamente antinatural.

Quando falei sobre este tópico em nosso primeiro encontro no Bharatiya Vidya Bhavan Auditorium, fui procurado por uma senhora que me disse: "Estou muito aborrecida. Estou zangada com você. O sexo é um assunto escandaloso. É um pecado. Por que você fala tanto sobre isso? Eu realmente desprezo o sexo".

Agora, veja, essa senhora despreza o sexo, embora seja casada e tenha filhos e filhas. Como pode amar o marido que a levou ao sexo? Como pode amar os filhos que nasceram do sexo? Sua atitude para com a vida está permeada de veneno; seu amor permanecerá envenenado. E assim fatalmente terá que haver uma fenda profunda entre essa mulher e seu marido. Também haverá uma cerca de espinhos entre ela e os filhos, porque estes são, para ela, frutos do pecado. O relacionamento dela com o marido é orientado pelo pecado; ela é assaltada por um complexo de culpa inconsciente relacionado ao sexo. Pode-se viver em harmonia com o pecado?

Aqueles que difamam o sexo perturbam a vida conjugal de todos. Em vez de proporcionar qualquer tipo de libertação, essa atitude destruidora contra o sexo tem causado efeitos profundamente prejudiciais. O homem que se depara com uma barreira invisível entre ele mesmo e sua mulher jamais se sentirá satisfeito com ela: procurará outras, preferirá as prostitutas. Se ele se sentisse gratificado em casa, todas as mulheres do mundo seriam como irmãs e mães para ele, mas por essa insatisfação, agora ele verá todas elas como mulheres em potencial, estará sempre atrás de alguma outra coisa. É natural; tem de ser assim. Ele encontra veneno, repulsa e acusações de pecado onde deveria sentir-se abençoado com felicidade, êxtase e serenidade. Suas necessidades básicas não são satisfeitas em casa e, por isso, ele vagueia por toda parte, buscando satisfação em todos os cantos. E o que o homem não inventou para satisfazer essas necessidades básicas! Você se surpreenderia se tentássemos enumerar todos os truques inventados por ele.

O homem se desviou de seu caminho para ficar inventando truques, mas jamais parou para pensar cuidadosamente sobre essa atitude reversa básica. Agora, aquilo que era uma lagoa de amor tornou-se uma poça de sexo, e a poça está envenenada. E quando existe um agudo senso de pecado, de veneno, quando há um sentimento de hesitação entre marido e mulher, essa abordagem de culpa acaba com a possibilidade de qualquer crescimento em suas vidas em comum.

Conforme posso ver, se um casal tentar considerar o sexo com harmonia, com um amor no qual haja compreensão, com um sentimento de alegria pura e sem qualquer sensação de obscuridade, se não hoje, amanhã o relacionamento entre ambos poderá ser transformado, elevado. E depois disso, é possível que a esposa, a mesma esposa, continue ali, mas na forma de uma mãe!

Ouvi contar que Kasturba esteve certa vez no Ceilão juntamente com Gandhi e sua comitiva. No seu discurso de boas-vindas, o anfitrião disse o quão afortunado se sentia por ser honrado pela presença da mãe de Gandhi que acompanhava o filho em sua viagem e estava sentada a seu lado. O secretário de Gandhi não sabia o que fazer. O erro havia sido dele. Antes de mais nada, deveria ter apresentado os membros da comitiva aos organizadores da recepção. Mas então já era tarde: Gandhi já estava diante do microfone e começava seu discurso. O secretário temia ser repreendido por Gandhi depois, mas não sabia que Gandhi não se zangaria com ele,

porque a mulher que consegue transformar-se de esposa em mãe é realmente alguém muito raro.

Gandhi disse: "Foi uma feliz coincidência que o amigo que nos apresentou tenha, por engano, falado a verdade. Nos últimos anos, Kasturba tornou-se realmente minha mãe. Antes já foi minha esposa, mas agora é minha mãe".

Juntos, isso pode acontecer. Se um casal se esforçar um pouco em examinar sua vida sexual, poderão se tomar bons amigos e ajudar-se mutuamente na transformação do sexo. E no dia em que conseguirem isso, um sentimento de gratidão nascerá entre eles. Mas hoje em dia não existe Outra coisa além de uma inimizade insidiosa e inata entre maridos e esposas. Há uma luta constante; jamais uma amizade serena.

Um sentimento de gratificação profunda nasce entre um casal quando cada um serve de veículo para transformar os desejos sexuais do outro. Uma amizade verdadeira floresce quando ambos se tornam parceiros na ascendência, na transcendência do sexo. Nesse dia, o homem fica pleno de respeito pela mulher, porque ela o ajudou a encontrar a libertação da luxúria. Nesse dia, a mulher se enche de gratidão pelo marido por livrá-la da paixão. Desse dia em diante, eles vivem na verdadeira harmonia do amor, e não mais na luxúria. Esse é o começo da viagem através da qual o marido torna-se um deus para sua mulher e ela torna-se uma deusa para o marido. Mas essa possibilidade tem sido envenenada.

Ontem, declarei que é difícil encontrar maior inimigo do sexo do que eu. Isso não implica em que eu despreze ou reprove o sexo; disse isso apreensivamente, como um guia na direção da transcendência, como uma indicação de como a luxúria pode ser transformada. Sou inimigo do sexo no sentido de que sou a favor da transformação do carvão em diamante. Eu gostaria de transformar o sexo.

Como fazer isso? Como proceder?

Digo que uma outra porta precisa ser aberta, uma nova porta.

O sexo não se manifesta logo que a criança nasce. O corpo acumula energia, as células ganham força, e ainda há tempo até que o pleno desenvolvimento do corpo aconteça. Aos poucos, a energia vai se juntando, e então empurra a porta que esteve fechada nos primeiros catorze anos de vida — este é o momento em que a criança se introduz no mundo do sexo.

Quando uma porta está aberta é muito difícil abrir outra. Devido à natureza da força da vida, toda a vitalidade, toda a energia de uma pessoa corre na direção onde ela forçou a abertura. Desde que o Ganges instalou o seu curso, nunca mais deixou de fluir por ele; não ficou buscando diariamente outros cursos. Água nova pode brotar diariamente, mas o rio continua a fluir pelo mesmo canal. De modo similar, a força vital do homem cava um curso por si mesma e então segue sua viagem por ele.

Se o homem deve ser curado da sexualidade, é muito importante criar uma nova abertura antes que a porta do sexo se abra. Essa nova abertura é a meditação.

Cada criança, desde pequena, deve ser ensinada a meditar, deve ser introduzida na meditação. Os falsos ensinamentos sobre o sexo deveriam ser abolidos e, em seu lugar, deveria ser ensinada a meditação. A meditação é uma porta positiva; é uma abertura superior. É preciso que se faça uma escolha entre sexo e meditação, e a meditação é a alternativa mais alta. **Não reprove o sexo; ensine a criança a meditar.**

Opor-se ao ensino do sexo às crianças apenas as torna alertas para a existência dele. E essa abordagem é altamente perigosa. Mais tarde, isso levará a perversões de sexualidade imatura. Quando ainda não há nenhuma porta aberta, quando ambas estão fechadas, quando a energia ainda está retida, qualquer uma das portas pode ser empurrada — mas essa insistência contra o sexo é como bater na porta do sexo.

Uma planta nova e flexível pode ser inclinada para qualquer direção; pode até pender humildemente por conta própria. Mas conforme cresce, torna-se dura. Se você quiser dobrá-la então, ela quebrará ou ficará disforme. Aqui é o mesmo caso.

É muito difícil conseguir um estado meditativo quando se é mais velho. Pessoas idosas tentando a meditação é como semear após a estação. A semente da meditação pode ser facilmente semeada nas crianças, mas o homem, assim como é, só se mostra interessado na meditação, próximo ao fim da vida. Aí tem ânsia de meditar — quando sua energia baixou, quando todas as possibilidades de progresso secaram completamente. Só então ele pergunta sobre meditação e ioga. Quer reformar-se quando a sorte já foi lançada, quando a transformação é realmente muito difícil. Um homem com um pé na cova pergunta se alguma coisa pode ser feita para conseguir a liberdade através da meditação. Isso é estranho. É uma noção um tanto louca.

Este planeta não poderá jamais ter paz enquanto não dermos início a uma jornada rumo à meditação, em todas as mentes jovens. Mas é inútil tentar isso com os que estão no fim da estrada, que estão no crepúsculo de suas vidas. Mesmo que fosse tentado, isso exigiria um enorme esforço e, mesmo assim, as vantagens não seriam muito grandes. Mas pode ser conseguido se for tentado mais cedo na vida, quando não é preciso tanto esforço.

Assim, o primeiro passo em direção à transformação do sexo é iniciar as crianças pequenas na meditação — ensiná-las a serem calmas e guardarem para si mesmas suas opiniões; ensiná-las a serem silenciosas e esclarecê-las sobre o estado de não-mente. Embora as crianças já sejam calmas e pacíficas pelos padrões adultos, se fossem guiadas na direção certa e ensinadas a praticar a discricção e a serenidade, mesmo que fosse um pouco a cada dia, abrir-se-ia uma nova porta antes que elas completassem catorze anos de idade. Assim, quando o sexo apontasse, quando a energia aflorasse e estivesse pronta para transbordar, fluiria pela nova porta que já

estaria aberta. Já teriam percebido a serenidade, a felicidade, a graça, a atemporalidade e a ausência de ego da meditação muito antes da experiência sexual. Essa familiaridade impediria que suas energias se movessem por canais errados e as conduziria para os caminhos corretos.

Em vez de ensinar a tranqüilidade da meditação, ensinamos as crianças a abominar o sexo. "Sexo é pecado", "sexo é sujeira", dizemos. Dizemos a elas que é feio e mau; dizemos que é o inferno. Mas esses insultos absolutamente nada fazem para alterar a situação real. Pelo contrário as crianças tomam-se curiosas; querem saber mais sobre esse inferno, esse mal, essa coisa suja que deixa seus pais e mestres em pânico, cheios de medo. Procuram pela resposta em toda parte; anseiam por entender porque existe tanta comoção a respeito disso.

E em pouco tempo, as crianças descobrem que seus próprios pais estão envolvidos na mesma busca; dia e noite eles fazem exatamente aquilo a respeito do qual não lhes é permitido saber nada. O resultado instantâneo e automático da descoberta desse fato é o fim da admiração que sentem por seus pais. A educação moderna não é responsável, como se crê por aí, pelo grande decréscimo na veneração pelos pais; os próprios pais são culpados disso. Rapidamente as crianças percebem o paradoxo; ficam logo sabendo que seus pais estão totalmente submersos exatamente naquilo que lhes ensinaram a odiar.

As crianças são observadoras perspicazes. Vêem que a vida noturna deles é bem diferente da diurna, que os ensinamentos deles diferem largamente de suas práticas. Elas vêem o que se passa em casa. A despeito do pai chamar de "sujo" e a mãe chamar de "mau", elas vêem que exatamente aquilo está se passando dentro de casa. Compreendem o que acontece e, nesse caso, perdem toda a reverência por seus pais. Os pais são ardilosos, hipócritas, conclui a criança.

E lembre-se, as crianças que perdem a fé em seus pais, jamais conseguirão desenvolver a fé em Deus. Elas têm o primeiro vislumbre de fé, o primeiro vislumbre de Deus, através dos pais. Se essa fé é destruída, certamente elas crescerão como ateus. As crianças têm o primeiro reconhecimento de Deus na retidão de seus pais, e se isso se mostrar ilusório, será difícil fazer com que elas se voltem para Deus. A relação entre essas crianças e Deus será abalada porque elas foram traídas por suas primeiras divindades, seus pais, que provaram não serem honrados.

Hoje em dia, a geração mais jovem nega a existência de Deus, ridiculariza a idéia de liberação e chama a religião de fraude, não porque tenha chegado a isso por ela mesma e tirado suas próprias conclusões, mas por causa dessa traição cometida por seus pais. Eles condenaram essa geração a uma vida de cinismo.

Esse sentimento de traição passou a existir porque o sexo foi erroneamente apresentado pelos mais velhos. Deveria ser abertamente explicado a eles que o sexo é parte integrante da vida, que nós todos nascemos do sexo, e que ele faz parte de

suas vidas. Isso os ajudaria a entender o comportamento dos pais na sua devida perspectiva, e quando crescessem e experimentassem a vida por eles mesmos, sentiriam respeito e reverência pela honestidade de seus pais. O início dessa fé e reverência numa criança deitaria as bases para uma vida religiosa. As crianças de hoje suspeitam que seus pais sejam hipócritas; daí o atual conflito ideológico entre gerações. A repressão do sexo separou maridos de esposas e colocou os filhos contra os pais. Não precisamos dessa repressão do sexo; o que é necessário é o esclarecimento sobre o sexo. Tão logo as crianças amadureçam, tão logo comecem a especular, os pais devem expor, de maneira agradável, os principais fatos da vida diante delas. Isso deve ser feito antes que as crianças se tomem desnecessária ou prejudicialmente curiosas, antes que elas comecem a nutrir atrações doentias que possam levá-las a satisfazer a curiosidade em lugares errados. Caso contrário, assim como ocorre hoje, as crianças descobrirão o que querem saber, mas pelas pessoas erradas; descobrirão em condições anormais e através de práticas perigosas. Esses caminhos são prejudiciais e ruinosos. Os resultados torturam e doem pelo resto da vida, e, por fim, um muro de vergonha e segredos se ergue entre pais e filhos.

Os pais jamais ficam sabendo sobre a vida sexual de seus filhos, assim como eles ignoram a dos pais. A alienação que resulta desse jogo de esconde-esconde é realmente muito perigosa. As crianças precisam ser apropriadamente educadas sobre o sexo; devem receber uma educação correta:

Em segundo lugar, as crianças deveriam aprender a meditar — como estarem calmas, serenas, silenciosas; como alcançar o estado de não-mente. As crianças podem aprender isso muito, muito rapidamente. Todos os lares deveriam ter um programa criado para ajudar as crianças a entrarem em silêncio. Isso só será possível quando vocês, como pais, também praticarem com elas. Sentar-se em silêncio durante uma hora por dia deveria ser obrigatório em todas as casas. Essa hora de silêncio deveria ser observada a qualquer custo, mesmo que fosse preciso ficar sem comida. É errado dizer que uma casa é um lar quando ali não se observa o silêncio diariamente. Não deveria nem se chamar família.

Uma hora diária de silêncio é suficiente para conservar a energia. Então, aos catorze anos de idade, ela aumentará repentinamente seu fluxo e empurrará a porta da meditação — esse estado meditativo no qual o homem toca no atemporal e no não-ego, no qual vislumbra a alma, no qual vislumbra o Supremo. Um encontro com esse ápice antes da experiência sexual poderia dar um fim à louca corrida atrás do sexo; a energia encontraria um caminho melhor, mais cheio de graça, e de maior dignidade.

Este é o primeiro estágio no processo do celibato: transcender o sexo. E o caminho é a meditação.

A segunda coisa fundamental é o amor. As crianças devem ser ensinadas a amar desde a infância. O medo mais comum é que o ensino do amor leve o homem aos

labirintos do sexo. Mas esse medo não tem fundamento. O ensino do sexo pode levar o homem ao amor, mas o ensino do amor jamais o arrastará para a sexualidade. A verdade não corresponde à crença geral. A energia do sexo transforma-se em amor.

Um homem é capaz de espalhar amor aos que o circundam na proporção direta ao amor que cresce dentro dele. Os que estão vazios de amor estão cheios de sexo. E permanecem obcecados, sexo-intencionados. Quanto menos o homem ama, mais ele odeia; quanto menos amor houver em sua vida, mais rancorosa ela será. E aqueles que são carentes de amor estão cheios de ciúme exatamente no mesmo grau. Quanto menos o homem ama, mais lutas conhecerá. As pessoas são preocupadas e infelizes proporcionalmente à falta de amor em suas vidas. E quanto mais um homem for engolido pela vaidade, pelo ciúme, pelo orgulho, pelas mentiras e coisas do gênero, mais suas energias enfraquecerão, tomando-se débeis e frágeis; o tempo todo ele se sentirá tenso. E a única saída para esse conjunto rude, grosseiro, baixo e degradante de emoções é o sexo.

O amor transforma a energia. O amor é fluido, criativo, harmonioso; o amor satisfaz. E a gratidão do amor é muito mais profunda e muito mais valiosa do que a obtida pelo sexo. Aquele que conhece essa satisfação jamais olhará para qualquer outro substituto, tal como o homem que adquire jóias jamais procurará bijuterias.

Mas um homem cheio de ódio jamais encontra satisfação. Está sempre inquieto; destrói tudo em seu caminho. E a destruição jamais traz felicidade; somente a criação pode encher o homem de um sentimento gratificante. Um homem cheio de ciúmes é beligerante e competitivo, mas ser assim jamais traz satisfação. Um homem agressivo somente desrespeita e abusa dos outros.

A graça só pode ser conseguida quando se dá, nunca tomando. Agarrar e acumular tudo que estiver ao alcance da vista nunca trará paz de espírito, mas ela pode ser conseguida quando se dá, quando se distribui beneficentemente. Um homem ambicioso está sempre desejando; nunca está em paz — mas aqueles que não estão atrás de poder mas em busca do amor, os que distribuem amor em toda parte, vivem em felicidade suprema. A profundidade da satisfação depende de quanto amor o homem tem em si; essa satisfação, essa alegria, essa sensação de realização existem no fundo de seu coração. Uma pessoa assim iluminada não se importará com sexo; nem mesmo precisará tentar desviar-se dessa direção. Isso acontece porque a satisfação e a bem-aventurança encontradas no sexo lhe são perpetuamente disponíveis através do amor.

O próximo movimento: crescer na totalidade do amor. Devíamos venerar o amor, acolher o amor, viver no amor. Mas apenas amar os outros não é o objetivo almejado; ser devotado ao amor é abastecer de amor toda uma personalidade. Estou falando de uma educação totalmente baseada no amor. Devíamos conseguir apanhar uma pedra como se estivéssemos tocando num amigo; devíamos dar a mão a um

inimigo como se a estivéssemos dando a um amigo.

Alguns homens lidam com as coisas materiais com carinho, enquanto que outros dão aos seus semelhantes um tipo de tratamento que não se deve dar nem a objetos inanimados. Para um homem preocupado com ódio, os humanos não são melhores do que os objetos inanimados, mas um homem cheio de amor até mesmo concede uma individualidade, uma personalidade, a tudo o que toca!

Certa vez, um viajante culto visitou um afamado faquir. Por alguma razão, o homem estava aborrecido, provavelmente devido à viagem difícil. Assim, ele desamarrou os cordões dos sapatos e raivosamente atirou-os a um canto. Depois, abriu a porta com toda a força.

Quando um homem está com raiva, tira seus sapatos como se eles fossem seu pior inimigo. E chega a abrir uma porta como se houvesse entre ambos uma grande hostilidade.

O homem abriu a porta, entrou e apresentou seus respeitos ao faquir.

O faquir disse: "Não, não aceito sua homenagem. Antes, peça desculpas à porta e aos sapatos".

"O que há com você?", perguntou o outro. "Pedir desculpas a uma porta? A um par de sapatos? Por quê? Eles estão vivos?"

O faquir respondeu: "Você não pensou nisso quando estava jogando sua raiva naqueles objetos inanimados. Lançou fora seus sapatos como se eles tivessem culpa de alguma coisa, e abriu a porta de tal modo que ela parecia ser sua inimiga. Quando alguém atribui individualidade às coisas, lançando sua raiva sobre elas, deve estar preparado para pedir-lhes perdão também. Por favor, vá e ofereça-lhes suas desculpas. Caso contrário, não estou disposto a continuar esta entrevista com você".

O viajante pensou que, como havia vindo de tão longe para encontrar-se com o ilustre faquir, seria ridículo encerrar a conversa por um assunto tão trivial. Assim, chegou perto de seus sapatos e, com as mãos postas, disse: "Amigos, perdoem-me por minha insolência". À porta disse: "Desculpe-me. Foi um erro empurrá-la com tanta raiva".

Que momento para aquele homem!

Em suas memórias, o viajante escreveu que, a princípio, sentira-se muito ridículo, mas que quando acabou de se desculpar, algo novo surgiu dentro dele: sentiu-se tão calmo, tão sereno, em paz. Não poderia imaginar que alguém pudesse sentir-se tão calmo, tão centrado e tão feliz só por pedir desculpas a uma porta e a um par de sapatos.

Depois de pedir suas desculpas, entrou e sentou-se diante do faquir que começou a rir e disse: "Agora está tudo bem. Agora você está harmonizado e

podemos conversar. Você demonstrou amor e está mais leve. Agora é possível haver um encontro entre nós dois".

O princípio não é amar apenas os seres humanos, mas sim estar pleno de amor.

Dizer que uma pessoa deve amar sua mãe está errado; é um embuste. Se um pai pede a seu filho que o ame só por ser seu pai, é uma fraude; está dando uma razão para o amor. Da mesma maneira, se uma mãe diz a seu filho que deve amá-la pela simples razão de ser sua mãe, é uma imposição. O amor que está sujeito a "porquês" e "portantos" não é amor. O amor não pode ter nenhum motivo; não pode estar atolado em razões. A mãe diz: "Cuidei de você, eduquei-o, portanto, você deve me amar". Ela está dando uma razão. E aí, o amor acaba. Se uma criança é forçada, pode mostrar alguma afeição pela mãe, mesmo sem querer, mas o alvo do aprendizado do amor não é forçar a criança a expressar amor por alguma razão, mas sim criar um ambiente onde ela ficará plena de amor.

É preciso que vocês aprendam que isso é uma questão de crescimento da criança, de toda a sua personalidade, de seu futuro, de seu prazer em ser amorosa com quem quer que ela encontre — seja uma pedra, um ser humano, uma flor, um animal, qualquer coisa ou pessoa. O ponto não é amar apenas um animal, uma flor, sua mãe ou seja lá quem for. O ponto é a criança estar cheia de amor. Disso depende não só o seu futuro, mas o futuro da humanidade. As tremendas possibilidades de florescimento da alegria e da felicidade na vida do homem depende de quanto amor há dentro dele. Um homem amoroso pode estar livre da sexualidade também. Mas nós não concedemos amor; não zelamos pelo amor.

Você acha que um homem pode amar uma pessoa e odiar outra ao mesmo tempo? Não, é impossível. Um homem amoroso, mesmo quando só, está cheio de amor, porque essa é a sua natureza; não tem nada a ver com os seus relacionamentos. Um homem raivoso sente raiva mesmo quando só; um homem cheio de ódio, odeia mesmo quando só. Observe-o quando estiver só, e verá sua raiva mesmo que ele não a esteja demonstrando a ninguém em particular naquele momento. Todo seu ser simplesmente transborda de ódio, de raiva. De maneira oposta, se você vir um homem cheio de amor, poderá senti-lo jorrando amor mesmo quando só.

As flores que nascem na mata espalham sua fragrância, havendo ou não alguém para apreciá-las, esteja alguém passando por elas ou não. Ser perfumada é a natureza da flor. Não se iluda pensando que a flor está exalando seu perfume só para você!

As pessoas deveriam estar simplesmente cheias de amor; não deveriam depender de "para quem". Mas um amante quer que seu amado ame apenas a ele e a mais ninguém. "Ame só a mim", ele diz, mas não sabe que os que não podem amar todos não podem amar ninguém. A mulher diz ao marido que ame apenas a ela e

não mostre afeição por mais ninguém, mas não compreende que o amor dele é falso e que ela foi a causa disso. Como um marido que não sente amor por mais ninguém pode amar sua esposa? Ser amorosa é a natureza da vida.

Não é possível estar cheio de amor por uma pessoa e não sentir amor por mais ninguém. Mas a humanidade não tem conseguido ver essa verdade pura e simples. O pai quer que o filho o ame, mas ensinou a criança a amar o velho criado da *casa*? Ele também não é um homem? O criado pode ser velho, mas pode também ser o pai de alguém. Não, ele é só criado e, portanto, não há por que ser cortês ou amável com ele. Mas esse pai não compreende que quando envelhecer irá queixar-se de que seus filhos não demonstram nenhuma afeição. Seus filhos poderiam ter se tomado homens cheios de amor se tivessem sido ensinados a amar a todos. E então, da mesma maneira, teriam respeitado o velho pai.

O amor não é um relacionamento, o amor é um estado de espírito. É um componente essencial da personalidade de um homem. Portanto, o segundo estágio no aprendizado do amor é ensinar a criança a amar tudo. Se uma criança nem mesmo consegue colocar um livro de volta no lugar, sua atenção deveria ser chamada para o fato de que não é conveniente deixar um livro daquela maneira. Deveria ter consciência do que as pessoas vão pensar dela, vendo-a tratar o livro desse modo. Se você se comporta brutalmente, mesmo com seu cão, isso indica falha na sua personalidade; é uma prova de que você carece de amor. E quem não tem amor não é absolutamente um homem.

Lembro-me da estória de um faquir que vivia numa pequena cabana. Uma noite, por volta da meia-noite, chovia fortemente e o faquir e sua mulher estavam dormindo. De repente, bateram à porta: alguém procurava abrigo.

O faquir acordou a esposa: "Alguém está lá fora", disse ele. "Algum viajante, algum amigo desconhecido."

Você notou a expressão? Ele disse: "amigo desconhecido". E você não considera amigo nem aqueles a quem conhece. A atitude dele era de amor.

O faquir disse: "Algum amigo desconhecido espera lá fora. Por favor, abra a porta".

Sua esposa disse: "Não temos quarto. Não temos lugar nem para nós dois. Como podemos receber mais uma pessoa?"

O faquir respondeu: "Minha querida, este não é o palácio de um homem rico. Não pode tomar-se menor do que é. O palácio de um homem rico parece diminuir quando chega um único hóspede, mas esta é a cabana de um homem pobre".

A esposa perguntou: "O que essa questão de pobreza ou riqueza tem a ver com isso? O fato é que esta cabana é muito pequena!"

O faquir respondeu: "Se houvesse espaço suficiente em seu coração, sentiria que esta cabana é um palácio, mas se seu coração é estreito, mesmo um palácio parecerá pequeno. Por favor, abra a porta. Como podemos repelir um homem que bateu à nossa porta? Até agora, nós estivemos deitados. Talvez não possamos deitar os três, mas poderemos nos sentar.

Haverá lugar para todos se ficarmos sentados.

A mulher teve que abrir a porta. O homem entrou com as roupas ensopadas. Eles se sentaram e começaram a conversar. Depois de um tempo, chegaram mais duas pessoas e bateram à porta.

O faquir disse: "Parece que há mais alguém". E pediu ao hóspede, sentado mais perto da porta, que a abrisse. O homem disse: "Abrir a porta? Não há espaço".

O homem que havia recebido abrigo na cabana momentos antes esqueceu-se de que não havia sido o amor que o faquir sentia por ele que lhe havia dado o lugar, mas sim o amor que havia na cabana. Agora, haviam chegado outras pessoas. E o amor devia acolher os recém-chegados.

Mas o homem disse: "Não, não é preciso abrir a porta. Não vê a dificuldade que temos agachados aqui?"

O faquir disse: "Meu caro, não tive lugar para você? Você foi recebido porque aqui há amor. E ele ainda está aqui; não acabou com a sua entrada. Abra a porta, por favor. Agora estamos sentados longe uns dos outros; nós nos sentaremos mais perto. Além do mais, a noite está fria e nos dará calor e prazer sentarmos bem perto uns dos outros".

A porta foi aberta e os dois recém-chegados entraram. Todos sentaram-se bem juntos e começaram a se apresentar.

Então, chegou um burro e empurrou a porta com a cabeça. O animal estava molhado; queria abrigar-se da noite. O faquir pediu a um dos homens, que estava sentado quase encostado na porta, que a abrisse. "Um novo amigo chegou", disse o faquir.

Olhando lá fora, um dos homens disse: "Não é um amigo ou nada parecido com isso. É apenas um asno. Não é preciso abrir".

O faquir disse: "Talvez você não saiba que à porta de um homem rico os homens são tratados como animais, mas esta é a cabana de um pobre faquir e estamos acostumados a tratar os animais como seres humanos. Por favor, abra a porta".

Em uníssono, todos reclamaram: "Mas, e o espaço?"

"Há bastante espaço. Em vez de ficarmos sentados, podemos ficar de pé. Não se

aborreçam. Se for necessário, eu sairei e haverá lugar para todos."

Pode o amor deixar de fazer tudo isso?

É imperativo ter-se um coração pleno de amor. Uma atitude de amor é o que todos deveríamos ter.

A humanidade só nasce num homem quando ele tem um coração amoroso. E com um coração amoroso vem um sentimento de profunda satisfação, de contentamento profundo e agradável. Você já notou que, após demonstrar um pouco de amor por alguém, uma onda de contentamento, uma grande sensação de felicidade invade todo seu ser? Já percebeu que os mais serenos momentos de satisfação foram os que vieram nos momentos de amor incondicional?

O amor puro só pode sobreviver se não é adulterado por condições; um amor condicional não é amor. Você nunca sentiu uma satisfação, depois de ter sorrido para um estranho na rua? Não sentiu, a seguir, uma paz, como uma brisa soprando? É infinita a onda de felicidade serena que você sente quando ajuda um homem caído a levantar-se, quando dá apoio a alguém, quando leva flores para um doente — mas não quando faz isso porque essa pessoa é seu pai ou sua mãe. Pode não ser ninguém em particular, mas simplesmente dar um presente já é uma grande recompensa, um grande prazer.

O amor deveria jorrar de dentro de você — amor pelas plantas, amor por seres humanos, por estranhos, por estrangeiros, amor por aqueles a caminho da lua e das estrelas. Seu amor deveria estar sempre aumentando.

A possibilidade do sexo na vida de um homem diminui à medida que o amor aumenta dentro dele. O amor e a meditação abrem aquela porta que é a porta para Deus. Juntos, o amor e a meditação atingem Deus, e então o celibato floresce na vida de um homem. Então, toda a força vital ascende por uma nova passagem, e não mais escoa gradualmente, nunca mais retrocede. A energia cresce a partir de dentro; ergue-se em sua viagem rumo ao céu. Nossa jornada, no presente, vai em direção a níveis inferiores. Pela própria natureza, a energia flui apenas para baixo, para o sexo, mas o celibato é uma jornada para cima. E o amor e a meditação são os ingredientes básicos do celibato.

Amanhã, falaremos sobre o que atingimos através do celibato. O que ganhamos? A que alturas ele nos conduz?

Hoje eu falei de duas coisas: amor e meditação. Disse-lhes que o treinamento deve começar na infância, mas não se deve inferir disso que, desde que não se é mais criança, não há mais nada a fazer. Nesse caso, meus esforços seriam inúteis. Seja qual for a sua idade, este trabalho pode começar a qualquer momento. Embora torne-se mais difícil com o passar dos anos, a jornada nesse caminho pode ser empreendida a qualquer momento da vida. É melhor iniciá-la na infância, mas é bom

compreendê-la seja qual for o estágio da vida. Pode-se começá-la hoje. Os velhos que desejam aprender, que têm uma atitude de aprendizagem, ainda são crianças, mesmo que possuam muitos anos. Da mesma maneira, podem começar outra vez; podem também aprender, se não estiverem convencidos de que já sabem tudo ou que já conseguiram tudo o que queriam.

Gautama Buda tinha um discípulo que há muitos anos lhe era devotado. Um dia, Buda lhe perguntou: "Monge, qual é a sua idade?"

"Cinco", respondeu o monge.

Buda surpreendeu-se. "Cinco anos de idade? Parece ter pelo menos setenta. Que resposta é essa?"

O monge respondeu: "Digo isso porque a luz da meditação entrou em minha vida há cinco anos atrás, e só nos últimos cinco anos o amor derramou-se em minha vida. Antes, ela era apenas um sonho, eu vivia dormindo. Quando conto meus anos, não considero os anteriores. Como poderia? Minha vida real começou há apenas cinco anos. Só tenho cinco anos".

Buda chamou a atenção de seus discípulos para a resposta do monge.

Todos deveriam contar suas idades dessa maneira; esse é o padrão para contagem de idade. Se o amor e a meditação ainda não nasceram em você, sua vida pode ser anulada até agora; você ainda não nasceu. Mas nunca é tarde para tentar. Todos nós deveríamos nos esforçar por uma vida superior. E para isso nunca é tarde.

Portanto, não conclua pelas minhas palavras que, se você já passou da infância, elas só podem interessar para as gerações futuras. Em tempo nenhum, o homem foi tão longe no caminho errado a ponto de não poder mais voltar ao certo; nenhum homem tornou-se tão obstinado a ponto de não poder ser beneficiado pela luz verdadeira.

Falando comparativamente, esta jornada não requer muito empenho. O que se recebe em realizações e satisfações no despertar da iluminação é muito maior do que qualquer esforço que se faça. Um mero vislumbre do raio daquela luz, daquela felicidade, daquela verdade, dá-nos a sensação de ter conseguido muito com pouco esforço; mostra-nos que conseguimos o inestimável com esforços realmente insignificantes.

Por favor, não ouçam as minhas palavras com uma má disposição de espírito. Este é meu humilde pedido a todos vocês.

Sexo, o superátomo

4º Discurso

Gowalia Tank Maidan

30 de setembro de 1968

Bombaim

Aqui está uma estória: Numa pequena escola de aldeia, um professor ensinava a estória de *Rama*. Quase todas as crianças estavam cochilando. Isso era comum durante a recitação do *Ramayana*; até mesmo os adultos tiravam uma soneca nessa hora. A estória havia sido contada e recontada tantas vezes que havia perdido a importância; não era mais novidade.

O professor recitava mecanicamente, sem nem mesmo olhar de vez em quando para o livro aberto à sua frente, e qualquer pessoa podia ver que ele também cochilava. Sabia aquilo de cor e narrava os episódios como um papagaio. Não tinha nenhuma consciência do que estava dizendo. Todos os que memorizam coisas jamais sabem o significado do que estão dizendo.

De repente, houve uma surpresa na classe: o inspetor havia entrado. Os alunos ficaram atentos e o professor também ficou alerta. E continuou a aula.

O inspetor disse: "Fico feliz em ver que você está ensinando o *Ramayana*. Farei algumas perguntas às crianças sobre *Rama*". Sabendo que as crianças memorizam facilmente acontecimentos sobre coisas quebradas e batalhas, fez uma pergunta simples: "Digam-me, crianças, quem quebrou o arco de *Shankara*?"

Um menino levantou a mão, ficou em pé e disse: "Desculpe-me, senhor. Mas não fui eu quem quebrou. Estive fora por quinze dias. E também não sei quem foi. Quero esclarecer isso imediatamente, porque sempre que qualquer coisa acontece nesta escola, sou sempre o primeiro a ser culpado".

Isso atingiu o inspetor como um raio. Voltou-se para o professor, que já erguia a sua bengala, e ouviu-o dizer: "É claro que esse malandro é o culpado. É o pior de todos". E lançou-se sobre o garoto. "Se você não fez isso, por que se levantou e disse que não fez?" E para o inspetor: "Não se deixe enganar pelas palavras inocentes desse garoto!"

O inspetor achou melhor não dizer nada; apenas se virou e saiu da classe. Mas estava furioso, e foi direto à sala do diretor narrar o incidente. Queria saber o que ele faria a respeito.

O diretor insistiu para que o inspetor não levasse o assunto adiante.

Explicou que seria perigoso dizer qualquer coisa aos alunos. "Não interessa quem possa tê-lo quebrado", disse, "abandone esse assunto. Faz apenas dois meses que conseguimos ter paz nesta escola. Antes, os alunos quebravam e queimavam os móveis. É melhor ficarmos quietos. Dizer qualquer coisa a eles agora seria apenas um convite a maiores problemas. Pode haver uma greve, um *dharna*, um jejum até a morte a qualquer momento!"

O inspetor estava pasmo; completamente atônito. Foi ao presidente do comitê escolar e contou-lhe o que estava acontecendo — que o *Ramayana* estava sendo ensinado numa classe, que um aluno dissera que não havia quebrado o arco de *Shankara*, que o professor achava que esse aluno era o culpado, que o diretor havia implorado para que o assunto fosse posto de lado não importava quem fosse o responsável, dizendo ser inútil insistir naquilo, pois havia um medo constante de greve, etc., etc. O inspetor pediu a opinião do presidente.

O presidente disse que considerava sábia a política do diretor. "Além disso", acrescentou, "não importa quem seja o culpado. Não interessa quem quebrou o arco, o comitê cuidará de repará-lo. É melhor consertá-lo do que insistir na questão".

O inspetor, totalmente desgostoso diante da situação, relatou-me sua experiência. Eu lhe disse que não havia nenhuma novidade em sua estória. É uma fraqueza humana comum gabar-se de coisas das quais nada se sabe.

Ninguém se lembrava da parte do *Ramayana* onde o arco de *Shankara* fora quebrado. Não teria sido muito melhor que eles tivessem perguntado: "Qual Shankara?" Mas ninguém está pronto para assumir a própria ignorância. Ninguém é tão corajoso. Essa tem sido a maior cilada da história da humanidade. Essa fraqueza é suicida. Agimos como se soubéssemos tudo, e como resultado confundimos nossas vidas. Todas as nossas respostas aos nossos problemas são como aquelas dadas pelo aluno, pelo professor, pelo diretor e pelo presidente do comitê escolar. Tentar dar uma resposta sem compreender a pergunta torna o homem um trapaceiro. É pura auto-enganação.

Além disso, há a atitude de indiferença. O homem indiferente perguntaria: "Agora, realmente, o que temos a ver com o fato de terem quebrado o arco de *Shankara*?"

Em contraste com os problemas dessa estória tola, existem enigmas mais profundos na vida, e da solução correta desses enigmas depende se uma vida é decente ou não, se uma vida é harmoniosa ou não, se a direção atual rumo ao progresso está certa ou não, e assim por diante. Achamos que conhecemos as respostas, mas as conseqüências nos mostram quão inexata é realmente a nossa percepção da vida. A vida de cada um de nós mostra que não conhecemos nada sobre ela. Caso contrário, como seria possível haver tanto desespero, tanta miséria,

tanta ansiedade?

Digo a mesma coisa no que diz respeito ao nosso conhecimento do sexo. Não sabemos nada sobre ele. Talvez você não concorde e argumente: "É bem possível que não saibamos nada sobre a alma ou sobre Deus, mas como você pode dizer que não sabemos nada sobre sexo?" Provavelmente você dirá que tem uma esposa e filhos. E mesmo assim ousa dizer que vocês não sabem nada sobre o sexo, embora possa ser muito difícil que concordem comigo. Pode ser que tenham passado por experiências sexuais mas, sobre o sexo, não sabem mais que um animal. Passar mecanicamente por um processo não basta para conhecê-lo.

Um homem percorre mil milhas dirigindo um automóvel, mas isso não implica necessariamente que ele conheça mecânica. Ele pode achar ridícula essa minha afirmação, dizendo que acabou de dirigir mil milhas, mas eu continuo me arriscando a acusá-lo de não saber nada sobre carros. Repito: dirigir um carro é diferente de conhecer o seu mecanismo interno. Um homem aperta um botão e acende uma luz. Aperta novamente a luz se apaga. Ele faz isso inúmeras vezes. Então pode dizer que conhece tudo sobre eletricidade porque apaga e acende a lâmpada quando quer, mas nós diremos que esse homem é um tolo, que até uma criança pode fazer isso, que para isso não é necessário nenhum conhecimento de eletricidade.

Qualquer um pode casar. Qualquer um pode procriar filhos. Isso não tem nada a ver com a compreensão do sexo. Os animais procriam, mas isso não significa que conheçam algo sobre o sexo.

A verdade é que o sexo não tem sido estudado cientificamente. Nenhuma filosofia ou ciência do sexo se desenvolveu porque todos acham que sabem a respeito do sexo. Não se sente necessidade de estudos sobre o sexo. Este é um grave erro da humanidade.

No dia em que desenvolvermos completamente um estudo, uma ciência, um sistema completo de pensamentos sobre o sexo, produziremos uma nova raça de homens. Então, não se procriará seres humanos tão feios, insípidos, aleijados e frágeis. Não se verá sobre a terra homens doentes, fracos e estúpidos.

Não é absolutamente necessário continuar procriando a atual espécie de geração, uma geração nascida do pecado e da culpa. Mas não temos consciência disso. Estamos habituados a acender e apagar a luz, e concluímos que sabemos tudo sobre eletricidade. Mesmo no fim da vida, um homem não fica sabendo o que é o sexo. A única coisa que sabe é "acender" e "apagar" — e mais nada.

Nunca nos aprofundamos na questão do sexo, nunca refletimos sobre a prática do sexo, nunca tentamos ir ao fundo da questão, nunca meditamos sobre ele — devido ao engano de que já conhecemos tudo o que há para se conhecer a respeito. Quando todos já sabem tudo, para que discutir o assunto? Mas gostaria de lhes dizer que não existe mistério mais profundo, segredo mais profundo, assunto mais

profundo do que o sexo — neste mundo e na própria vida.

Apenas recentemente aprendemos sobre o átomo e o mundo sofreu com isso uma tremenda mudança. Mas quando conseguirmos conhecer completamente o átomo do sexo, a humanidade entrará numa nova era de sabedoria. É impossível prever a enormidade, a grandeza das alturas a que poderemos chegar quando nos aprofundarmos no processo e na técnica da criação da vida. Mas uma coisa pode ser afirmada como certa: o sexo é o assunto mais misterioso, mais profundo, mais precioso e, ao mesmo tempo, o mais maldito; e estamos na total escuridão no que diz respeito a ele. Jamais demos atenção a esse importante fenômeno. Um homem passa pela rotina do coito durante toda a vida, mas não sabe o que ele é.

Quando, no primeiro dia, falei sobre o vazio, a ausência de ego, a não-mente, muitos amigos não se convenceram. Depois, um deles me disse: "Nunca havia pensado nisso antes, mas aconteceu o que você disse". Uma senhora falou: "Jamais tive essa experiência. Quando você falou a respeito, reparei que minha mente torna-se satisfeita e silenciosa nessa hora, mas jamais experimentei a ausência do ego, ou qualquer outra experiência profunda". É possível que muitos não tenham pensado sobre isso antes, e por esse motivo vamos elaborar alguns pontos.

Em primeiro lugar, o homem não nasce com um conhecimento prévio sobre a ciência do sexo. Raras são as pessoas que, retendo as impressões de muitas vidas passadas, são capazes de entender completamente a arte do sexo, a estratégia do sexo ou o conhecimento das complexidades do sexo. Essas são almas que podem alcançar o estágio real do celibato. A uma pessoa que conheça a realidade completa do sexo e todas as suas implicações, ele se torna inútil. Essa pessoa simplesmente passa por ele; ela o transcende. Mas não faz parte da nossa tradição discutir o sexo com aqueles que já o transcenderam. Por outro lado, aqueles que já conseguiram alcançar a pureza do celibato só podem falar de seus nascimentos e vidas passadas depois de um esforço imenso.

Só um celibatário perfeito pode revelar a verdade perfeita sobre o sexo e a divindade. Os sensualistas não compreendem as sutilezas, e por causa dessa ignorância, suas vidas ficam mergulhadas na sexualidade até o fim. Como eu disse antes, os animais têm uma época para a relação sexual; eles possuem um cio. Esperam pelo momento, pela disposição, mas o homem não tem um tempo definido para isso. O que isso significa? É que o animal vive num nível mais profundo de sexo que o homem.

Aqueles que pesquisaram o sexo, que se aprofundaram nele, que meditaram sobre as múltiplas experiências da vida, deduziram que, se o coito durar apenas um minuto, o homem o desejará de novo no dia seguinte, mas se puder ser prolongado por três minutos, ele não pensará em sexo durante uma semana. Além disso, observaram que, se o coito puder ser prolongado por sete minutos, o homem ficará tão livre do sexo, que não terá nenhum sentimento de paixão nos três meses

seguintes. E se um período de coito puder ser estendido por três horas, o homem se libertará do sexo para sempre; jamais o desejará outra vez!

Mas a experiência do sexo geralmente tem a duração de um momento; é difícil até imaginar um período de três horas. Entretanto, reitero: se uma pessoa puder permanecer em posição coital, em *samadhi*, se ficar nessa submersão por três horas, então um único ato sexual será suficiente para libertá-lo do sexo para o resto da vida. Isso deixa uma experiência de satisfação tal, uma experiência de graça tão grande, que dura pelo resto da vida. Após um coito perfeito, não permanece nenhuma barreira para que se alcance o real celibato.

Mesmo depois de toda uma vida de experiências sexuais, nós nunca chegamos perto desse estágio supremo, dessa divindade. Por quê? Um homem chega a uma idade avançada, chega ao fim de sua vida, mas nunca se livra de sua luxúria pelo sexo, de sua paixão pelo coito. Por que? É porque ele nunca entendeu e nem lhe disseram nada sobre a arte do sexo, sobre a ciência do sexo. Ele nunca ponderou sobre isso; nunca discutiu sobre isso com os que se iluminaram.

Você pode não acreditar que uma experiência geralmente com um minuto de duração possa ser prolongada por três horas, por isso eu lhe darei algumas indicações. Se você as observar, a jornada rumo ao celibato se tornará mais simples.

Quanto mais rápida for a respiração, mais curta será a duração do intercurso; quanto mais calma e lenta for a respiração, mais ele será prolongado. E quanto mais longo for o tempo do intercurso, maior possibilidade haverá do sexo tornar-se uma porta para o *samadhi*, um canal para a supraconsciência. Como eu disse antes, a realização do não-ego, da atemporalidade, surge no homem nesse *sexo-samadhi*. A respiração deve ser muito lenta. A lentidão da respiração abrirá perspectivas cada vez mais profundas de realização.

Outra coisa que deve ser lembrada durante o intercurso, é que a sua atenção deve estar focada entre os olhos, no ponto do *agnichakra*. Se a atenção estiver focada aí, a duração do clímax poderá ser estendida — mesmo até três horas. E um ato coital dessa espécie pode enraizar a pessoa firmemente no solo do celibato — não apenas por esta vida mas pela próxima também.

Uma senhora escreveu-me, perguntando se eu não concordava em que Vinoba, sendo celibatário, provavelmente nunca havia experimentado o *samadhi*. Continuava dizendo que eu também, sendo celibatário e solteiro, da mesma maneira talvez não tivesse experimentado o *samadhi*. Se essa senhora estiver presente neste auditório, quero dizer a ela que nem Vinoba, nem eu e nem ninguém pode compreender o estágio e a importância do celibato sem a experiência real do sexo. Quero também dizer que a experiência pode ter acontecido nesta vida ou na anterior. Aqueles que alcançam o celibato nesta vida devem isso a uma profunda união coital numa vida anterior e a nada mais. Essa é a única explicação. Se um homem teve uma profunda

experiência sexual numa vida passada, nascerá livre do sexo nesta vida; o sexo não o perturbará, nem mesmo em sua imaginação. Pelo contrário, ele ficará surpreso de como as outras pessoas se comportam em relação ao sexo; ficará espantado ao ver o quanto as pessoas são loucas pelo sexo. Um homem assim terá até que se esforçar para distinguir um homem de uma mulher.

Se alguém imaginar que pode simplesmente ser um celibatário desde a infância, que pode ser um celibatário sem ter experimentado o sexo, tomar-se-á um neurótico. Aqueles que estão sempre insistindo no celibato, que apregoam que o celibato seja observado, estão causando a desintegração do homem. Nada além de desintegração advém disso. O celibato não pode ser imposto; o celibato se desenvolve apenas como a nata de uma experiência anterior. *Brahmacharya*, celibato, é o resultado de uma experiência sexual serena e profunda. Se, durante o ato sexual, uma pessoa tiver uma revelação absoluta, mesmo que seja uma vez, estará livre do sexo pela jornada infinita de vidas.

Até agora discutimos dois fatores para se alcançar a experiência absoluta: a respiração deve ser superficial, tão superficial a ponto de ser imperceptível, e a atenção deve estar focada no *agnichakra*, no ponto entre os olhos. Quanto mais a atenção estiver focada nesse ponto, mais profundo será o intercuro. E a duração do coito será na proporção direta da lentidão da respiração. Assim, pela primeira vez, você perceberá que a atração não é pelo intercuro em si; o que atrai é o *samadhi*. Se você puder escalar tais altitudes, se puder vislumbrar esse brilho, ele iluminará seu caminho futuro.

Um homem está dormindo há muito tempo num quarto sujo e mal cheiroso. As paredes estão rachadas e podres. Um dia, ele se levanta e abre a janela. Pode ver, então, a luz do sol brilhando no céu e os pássaros voando livremente. Súbito, ele se dá conta da vastidão do céu, do sol e da lua, dos pássaros voando, das árvores balançando ao vento e do perfume das flores. Então não viverá mais na sujeira e na escuridão de seu quarto por um só momento — correrá para o ar livre.

Aquele que vislumbrou o *samadhi* no sexo, embora rapidamente, logo reconhece a diferença entre o interior e o exterior, entre a liberdade e a prisão. Todos nós nascemos dentro de celas apertadas, fechadas por muros, e elas são escuras e sujas. É essencial perceber que existe o mundo exterior; esse conhecimento nos inspira a voar para fora. Mas uma pessoa que não abre sua janela e fica apenas sentada num canto dizendo que não quer saber da sujeira de sua casa, não pode mudar sua situação nem um pouco. Permanecerá para sempre na casa suja.

O que se autodenomina celibatário está tão aprisionado à cela do sexo quanto qualquer pessoa. A única diferença entre ele e você é que a atitude dele é fechada, enquanto que os seus olhos estão abertos. O que você faz fisicamente, ele faz mentalmente. Além do mais, o ato físico é natural, mas a imaginação vicária é uma

perversão. Portanto, insisto em que não sejam contra o sexo, mas que tentem compreendê-lo com simpatia. Dêem ao sexo uma posição sagrada em suas vidas. Já discutimos dois aspectos importantes. O terceiro é a atitude de seu enfoque. No momento do coito, estamos perto de Deus. Deus está presente no ato da criação que dá origem a uma nova vida; portanto, a atitude deve ser a mesma de quem vai a um templo ou igreja. No momento do orgasmo, estamos mais próximos do Supremo. Tomamo-nos instrumentos; uma nova vida está sendo introduzida na existência; nós concebemos uma criança. Como? Num intercurso, estamos mais perto do Criador, e Sua sombra nos converte em criadores. Se abordarmos o sexo com a mente pura e com sentimento de reverência, poderemos facilmente ter um vislumbre Dele.

Mas em vez disso, abordamos o sexo indiferentemente. Dirigimo-nos ao sexo com uma atitude condenatória, com um sentimento de culpa, e fracassamos em sentir a existência do Criador. Não se deve nunca abordar o sexo quando se está angustiado, com ódio, com ciúme ou indignação; não se deve nunca abordar o sexo cheio de preocupações ou numa atmosfera poluída. Mas a prática geral é oposta a tal orientação. Quanto mais raiva se sente, quanto mais triste, quanto mais atormentado ou desesperado se está, mais a pessoa se move para o sexo. Um homem alegre não sai à caça de sexo, mas aquele que está cheio de tristeza se move para o sexo porque o vê como a saída perfeita para a sua infelicidade. Mas lembre-se, se você entrar no sexo com amargura, com irritação, com condenação ou tristeza, jamais alcançará aquela satisfação, aquela realização da qual toda sua alma está sedenta.

Insisto em que vocês só devem abordar o sexo quando estiverem cheios de alegria, quando estiverem cheios de amor e, por último, mas não menos importante, quando estiverem em atitude de prece. Somente quando sentirem que seus corações estão repletos de alegria, paz e gratidão, deverão pensar em ter uma relação sexual. Praticando o intercurso desta maneira, o homem pode alcançar a sublimação. E alcançando a realização suprema, nem que seja por uma única vez, isto será suficiente para livrá-lo do sexo para sempre. Com uma única experiência, você pode romper a barreira e penetrar a periferia do *sumadhi*.

Uma criança emergindo do útero do sua mãe passa por um grande desconforto; é como uma árvore sendo arrancada do solo. Todo o seu ser clama por ser reunido à terra; sua ligação com a terra significa a sua vida, a sua vitalidade, o seu alimento. Ela foi arrancada e clama pela volta porque agora está separada de sua linha vital. Uma criança é arrancada de seu mundo quando sai do útero materno, e agora a sua alma, todo seu ser, quer reunir-se à mãe, à fonte. Esse desejo é a sede de amor. O que mais significa amor?

Todos querem se entregar ao toma-lá-dá-cá do amor; todos querem se reunir à corrente da vida — e essa unidade vem na consumação do ato sexual, no intercurso, na junção de um homem e uma mulher. O sexo é a re-experiência da unidade

original.

A cópula de um homem e uma mulher tem uma profunda importância: o ego evapora nessa assimilação de dois seres humanos. Uma pessoa que entende realmente a essência dessa unidade, desse desejo de amor e união, pode também compreender uma outra espécie de unidade — um iogue se une; um asceta se une; um santo se une; um meditador se une. Uma pessoa também se une num intercuro: sua identidade é diluída na do outro, e ambos tornam-se um. No *samadhi*, a pessoa une-se a todo o universo e toma-se um com ele. No sexo, há a fusão de duas pessoas, enquanto no *samadhi* a pessoa perde sua identidade e unifica-se com o universo. Um encontro entre duas pessoas é temporário, mas a união de uma pessoa com o universo é eterna.

Duas pessoas são seres finitos, e por isso a união de ambas não pode ser infinita, não pode ser eterna. E existem dificuldades; existem as limitações do matrimônio e do amor físico: não podemos nos unir para sempre. Nós nos aproximamos num momento de êxtase, mas logo temos de nos separar. A separação é dolorosa e por isso os amantes estão em constante estado de desespero. A outra pessoa parece ser a causa desse sentimento de depressão, dessa sensação de solidão, e a irritação explode no relacionamento.

As pessoas que sabem dirão que dois indivíduos possuem basicamente identidades diferentes, e que podem encontrar-se temporariamente, mas não podem permanecer fundidos para sempre, nem mesmo no nível espiritual; que é por essa paixão insaciável que surgem conflitos entre os amantes e que um começa a desprezar o outro; uma tensão, uma disputa, um sentimento de alienação e até mesmo um ódio começa a insinuar-se, e tudo isso porque um imagina que o outro provavelmente não o quer mais e que, por isso, a união não é completa. Mas nenhum dos dois pode ser culpado por essa falta de totalidade. Os seres humanos são seres finitos e da mesma maneira a fusão de ambos também só pode ser finita. Não podem fundir-se para sempre.

A fusão eterna só pode ser com Deus, com *Brahma*, com a Existência. Aqueles que chegaram à sutileza do intercuro podem imaginar, se um momento de união com um indivíduo é capaz de causar tanta bem-aventurança, o que deve ser então um encontro com o Eterno. Mas o homem comum não pode nem imaginar tal pico de êxtase. É estupendo, etéreo, está além das palavras. É eterna felicidade.

Suponha que você esteja sentado na frente de uma vela, tentando imaginar a diferença entre a luz da vela e a luz do sol. A tentativa de comparação é inútil. A vela é uma coisa tão fraca e o sol é tão imenso, cerca de sessenta mil vezes maior do que a nossa terra. Embora esteja a dez bilhões de milhas distante, ele nos aquece, nos queima a pele; então, como podemos avaliar a diferença entre a luz de uma vela e a luz do sol?

Entretanto, não interessa que número astronômico possa ser, matematicamente é possível calcular a diferença, porque ambos estão ao alcance do conhecimento humano; a diferença pode ser avaliada. Mas é impossível avaliar a diferença entre o êxtase do orgasmo e a felicidade eterna do *samadhi*. O encontro sexual de dois seres temporais é frenético; na união com o Universal a pessoa se perde como uma gota no oceano. Não há meio de compará-los; nenhuma unidade pode medir a magnitude dessa união.

Poderia alguém desejar o sexo depois de tocar essa felicidade? Poderia alguém até mesmo pensar nesse prazer fugidio depois de alcançar o oceano eterno? Um vislumbre do Eterno convence o homem de que o prazer sensual é insignificante, de que, em comparação com o outro, ele é loucura. Então, as paixões de uma pessoa tornam-se algo desprezível; parecem um escoadouro, um desperdício de energia, uma fonte de angústia. Depois dessa convicção surgir no homem, ele está a caminho do objetivo desejado, do celibato em si.

É um longo caminho do sexo ao *samadhi*. *Samadhi* é a meta suprema; o sexo é apenas o primeiro passo. E quero salientar que aqueles que se recusam a reconhecer o primeiro passo, que censuram o primeiro passo, não podem chegar nem mesmo ao segundo. Não podem progredir de modo algum. É imperativo dar o primeiro passo com consciência, compreensão e atenção. Mas esteja prevenido: o sexo não é um fim em si mesmo; o sexo é o começo. Para progredir é necessário dar cada vez mais passos.

Mas o maior obstáculo da humanidade tem sido sua indisposição para dar o primeiro passo. E ela aspira chegar ao último! Um homem despreza o primeiro degrau da escada e mesmo assim ambiciona alcançar o último; ele não tem nem a experiência da luz de uma vela e, mesmo assim, exige o esplendor do sol! Isso é impossível. Temos de aprender a compreender a tênue luz de uma vela, a qual vive por um momento e imediatamente é vencida por uma leve brisa, para depois alcançarmos o significado do sol. Para despertar o anseio, o desejo, a inquietude pelo último passo, o impulso de alcançar o sol, o primeiro passo deve ser iniciado corretamente.

Uma apreciação propícia da música trivial pode abrir caminho para a música eterna; a experiência da luz vaga de uma vela pode nos conduzir para a luz infinita; conhecer uma gota é um prelúdio para conhecer o oceano.

O conhecimento do átomo pode revelar o mistério de todas as forças materiais, das forças da matéria, e a natureza nos dotou com um pequeno átomo de sexo, mas não o reconhecemos de modo algum. Nem mesmo o agradecemos e admitimos totalmente. Isso acontece porque não temos nem a clareza de mente nem o senso de mistério para reconhecê-lo, para entendê-lo ou vivenciá-lo. Assim, estamos tremendamente longe da compreensão desse processo que pode nos levar do sexo ao *samadhi*. Tão logo

homem compreenda e acate esse processo de transcendência, ele introduzirá uma nova e mais elevada ordem na sociedade.

Homem e mulher são dois pólos diferentes, o pólo de energia positivo e o negativo. O encontro correto desses dois pólos completa um circuito e produz um tipo de eletricidade. Um conhecimento direto dessa eletricidade é possível se o período de coito, no qual vocês estão em profunda e total entrega um ao outro, puder ser estabilizado por um tempo maior. Se ele puder ser prolongado por uma hora, uma alta carga, produzindo uma auréola de eletricidade, se desenvolverá por si mesma; se as correntes do corpo estiverem num completo e total abraço, será possível até ver um fragmento de luz na escuridão. Um casal ao experimentar essa corrente elétrica de energia está bebendo um cálice repleto de vida.

Mas nós não temos consciência desse fenômeno. Achamos que tudo isso é muito estranho porque não acreditamos no que não experimentamos, porque isso está fora do campo da experiência comum. Mas eu lhe digo: se você não teve essa experiência, deveria pensar sobre ela e tentar novamente. Deveria rever sua vida, especialmente o capítulo sobre sexo, desde o ABC.

O sexo não deveria ser apenas um instrumento de prazer, deveria ser também um meio de elevação espiritual. O sexo é um processo iogue. Não penso que o nascimento de Cristo, de Mahavir ou de Buda tenha sido acidental; cada um deles foi o fruto da mais plena união entre duas pessoas. Quanto mais profunda a união, melhor o fruto; quanto mais superficial o encontro, pior o fruto. Mas atualmente, o grau da humanidade está caindo cada vez mais. Algumas pessoas põem a culpa disso na deterioração dos padrões morais, enquanto outras atribuem isso aos efeitos de *Kaliyuga*, a era predestinada do caos, mas todos esses pressupostos são falsos e sem valor. A deterioração no homem é devida apenas à grosseria de nossa atitude em relação ao sexo, tanto na teoria como na prática. O sexo perdeu sua santidade original. O sentido original de reverência que o homem tinha em relação ao sexo tem sido poluído. O sexo degenerou-se num pesadelo mecânico. E essa atitude em relação ao sexo denuncia uma violência sutil, no sentido estrito do termo. O sexo não é mais uma experiência de amor. O sexo não é mais um veículo para o sagrado. O sexo não é mais um ato meditativo. E por causa disso, a humanidade está caindo diretamente num abismo.

O resultado de qualquer coisa depende da atitude mental com que a fazemos. Se um escultor bêbado estiver fazendo uma estátua, você espera que ele crie uma bela obra de arte? Se uma bailarina ao dançar estiver perturbada, com raiva ou deprimida, você espera dela uma brilhante atuação? Similarmente, nossa abordagem do sexo tem sido errada.

O sexo é a coisa mais negligenciada em nossas vidas. Não é um tremendo erro que o fenômeno do qual depende a procriação da vida, do qual dependem novas crianças, do qual depende a entrada de novas almas neste mundo, seja o mais

negligenciado? Você provavelmente não está consciente de que o clímax do coito cria uma situação na qual uma alma desce e uma nova vida é concebida. Você cria apenas a circunstância; quando a condição necessária e apropriada para uma determinada alma é preenchida, essa alma nasce. A qualidade da alma tem uma relação direta com as circunstâncias. A criança concebida com raiva, culpa ou ansiedade é afligida desde o nascimento.

O padrão da nossa progenitura pode ser aperfeiçoado, mas para conceber uma alma mais elevada, as circunstâncias também devem ter uma qualidade mais alta. Só então almas superiores podem nascer; só então o padrão da humanidade pode ser finalmente elevado. É por isso que eu digo que quando o homem se familiarizar com a ciência do sexo, com a arte do sexo, quando ele for capaz de partilhar esse conhecimento tanto com os jovens quanto com os velhos, nós seremos capazes de prover as circunstâncias que darão origem ao que Aurobindo e Nietzsche chamaram de Super-homem. Uma tal posteridade pode ser procriada! Um mundo assim pode ser criado! Mas até então, não poderá haver nenhum progresso; até então, não poderá haver paz no mundo; até então, as guerras não poderão ser evitadas, o ódio não poderá ser abolido, a imoralidade não poderá ser curada, o mal não poderá ser erradicado, a libertinagem não poderá ser desenraizada e a atual escuridão não poderá ser eliminada.

Mesmo que utilizemos todas as vantagens e inovações modernas; mesmo que políticos, sociólogos e líderes religiosos façam o máximo possível, as guerras não cessarão, as tensões não diminuirão e a violência e o ciúme não desaparecerão. Nos últimos dez mil anos, os apóstolos, os messias e os líderes pregaram contra a guerra, contra a violência, contra a raiva e assim por diante — mas ninguém os ouviu. Pelo contrário, matamos um homem que pregava o evangelho do amor, que tentou nos ensinar a não sermos violentos, que nos mostrou um caminho espiritual. Gandhi nos ensinou a praticar a não-violência, a refinar nossas almas, a viver juntos em harmonia, e nós o recompensamos com tiros. Foi assim que expressamos nossa gratidão por seus nobres serviços.

Todos os apóstolos da humanidade, tanto no passado como no presente, não tiveram sucesso. Eles fracassaram. Nenhum dos ideais e valores previstos e incentivados por eles deram frutos. Nenhum deles foi capaz de oferecer uma panacéia prática; todos os altos e sonoros ideais fracassaram. O maior entre os maiores, o mais valioso entre os mais valiosos — todos foram insuficientes. Eles vieram, pregaram, e morreram. E o homem continua tateando no escuro, se afundando cada vez mais numa espécie de inferno na terra. Isso não mostra que houve algum erro básico na concepção dos ensinamentos deles e no que pregaram?

O homem é frustrado porque foi concebido num momento de frustração. Carrega o germe da frustração desde o princípio; sua própria alma está doente. Essa doença, esse câncer de miséria e tristeza está enraizado nas profundezas do sua

alma. Seu ser inteiro é formado no momento em que ele é concebido; assim sendo, iludas, Mahavirs, Cristos e Krishnas fracassarão. Todos eles já fracassaram.

Talvez não admitamos isso abertamente, por um senso de decência e polidez, mas a humanidade está se tornando cada vez mais inumana, diariamente. A despeito de tantos ensinamentos sobre a não-violência, o amor e a tolerância, só melhoramos na evolução do punhal para a bomba de cobalto. Disseram-me que matamos cerca de trinta milhões de pessoas durante a Primeira Guerra Mundial — e após o armistício falamos sobre paz e amor. Na Segunda Guerra Mundial matamos setenta e cinco milhões de pessoas — e depois começamos a negociar a paz e a coexistência novamente. De Bertrand Russell a Vinoba, todo o mundo grita que a paz deve ser mantida e, mesmo assim, estamos nos preparando para a terceira guerra mundial. E, em comparação, essa guerra fará as anteriores parecerem brincadeira de crianças.

Certa vez, alguém perguntou a Einstein o que poderia acontecer na terceira guerra mundial. Einstein disse que ele não podia predizer nada sobre a terceira guerra, mas poderia prever alguma coisa sobre a quarta guerra mundial. Surpreso, o entrevistador perguntou como poderia prever algo sobre a quarta, se ele não podia dizer nada sobre a terceira? Einstein replicou que uma coisa era certa: não haveria uma quarta guerra mundial, porque não haverá nenhuma possibilidade de alguém sobreviver à terceira. Esse é o fruto dos ensinamentos morais e religiosos da humanidade, mas a causa encontra-se num outro lugar e há uma necessidade urgente de revisão. A menos e até que consigamos trazer harmonia para o ato sexual, conceder uma estrutura espiritual ao sexo, chegar a respeitar o sexo como porta para o *samadhi*, uma humanidade melhor não poderá existir. A menos que isso aconteça, é certo que a humanidade vindoura será cada vez pior, porque as crianças inferiores de hoje procriarão, através do sexo, crianças piores do que elas mesmas. A qualidade de cada nova geração será cada vez pior; isto pelo menos pode ser profetizado. Mas nós já chegamos num nível tão baixo que não há, provavelmente, mais nada para descer. O mundo todo quase já se tornou um imenso manicômio.

A partir de estatísticas compiladas, psiquiatras americanos deduziram que apenas dezoito por cento da população da cidade de Nova York pode ser considerada mentalmente normal. Se apenas dezoito por cento é mentalmente normal, qual então é a condição dos oitenta e dois por cento restantes? Estão num estado de virtual desintegração. E você ficará surpreso ao perceber a quantidade *de* loucura escondida em seu interior, se simplesmente se sentar calado num canto e refletir sobre si mesmo por um momento. Como você controla e reprime sua loucura é, entretanto, outra questão. Um leve contratempo emocional e qualquer homem pode se tornar um maníaco completo.

É realmente provável que num espaço de cem anos o mundo inteiro se torne um imenso manicômio. É claro que, por um lado, haverá muitas vantagens: não precisaremos de psiquiatras para tratar de neuróticos; não precisaremos de

tratamentos para insanidade. Ninguém sentirá que está louco, porque o primeiro sintoma de um louco é que ele nunca admite que está louco. Essa doença está sempre em alta. Essa enfermidade, essa angústia mental, essa escuridão mental, está sempre se elevando. Uma nova humanidade não poderá ser produzida nunca, a menos que o sexo seja sublimado, a menos que o ato sexual se torne divino.

Tenho dado ênfase a uma certa idéia nos últimos três dias: um novo homem deve nascer! A alma do homem está ansiosa por escalar as alturas, por alcançar o céu, por se iluminar como a lua e as estrelas, por desabrochar como uma flor, por fazer música, por dançar. A alma do homem está angustiada; sua alma está sedenta. Mas o homem está cego. Ele dá voltas num círculo vicioso: é incapaz de sair dele; é incapaz de se elevar acima dele. Qual é a causa? Há uma causa, e apenas uma: seu atual processo de procriação é absurdo; está repleto de loucura. E é assim porque não temos sido capazes de fazer do sexo uma porta para o *samadhi*. Um ato sexual iluminado pode abrir a porta para o *samadhi*.

Durante estes três dias, trabalhei apenas sobre alguns princípios. Agora, gostaria de recapitular um ponto, e então concluir a palestra de hoje.

Quero dizer que aqueles que nos levam para longe das verdades da vida são os inimigos da humanidade. Aqueles que lhes dizem para nunca pensar sobre o sexo são seus inimigos, eles não permitiram que você pensasse sobre o sexo, que refletisse sobre ele. Do contrário, como seria possível ainda não termos uma atitude justa e adequada em relação a esse assunto?

Além disso, as pessoas que dizem que o sexo não tem nenhuma relação com a religião estão inteiramente erradas, porque é a energia do sexo, numa forma transformada e sublimada, que entra na esfera da religião. A sublimação dessa energia vital eleva o homem a reinos sobre os quais conhecemos muito pouco. A transformação dessa energia sexual eleva o homem para o mundo onde não há morte, não há tristeza, para o mundo onde nada mais existe além de felicidade, de felicidade pura. E qualquer um que possuir essa energia, essa força vital, poderá elevar-se para esse reino de alegria, de verdadeira consciência, de *satchitanand*.

Mas nós temos desperdiçado essa energia. Somos como baldes furados, e estamos usando esses baldes para tirar água do poço. Mas a água toda escoou durante o processo e, no fim, o que temos é um balde vazio. Somos como canoas com buracos do fundo; remamos apenas para naufragar. Um barco assim nunca pode chegar à outra margem; está destinado a afundar no meio da correnteza. Todo esse vazamento é devido ao desvio do fluxo de energia sexual.

Aqueles que exibem fotos de nus, escrevem livros obscenos e produzem filmes eróticos não são responsáveis por essa perda de energia. A responsabilidade por esses tipos de perversão está com aqueles que colocaram barreiras no caminho da nossa compreensão do sexo. É por causa dessas pessoas que desenhos e fotos de nus

estão sendo solicitados, que livros pornográficos estão à venda, que filmes eróticos são produzidos, e nós vemos os resultados sórdidos e absurdos todos os dias. Os responsáveis são aqueles que chamamos de santos e ascetas. Se você olhar profundamente para isso, verá que eles são os verdadeiros agentes publicitários da obscenidade.

Uma pequena história e terminaremos a palestra de hoje.

Um padre estava indo para officiar uma missa na igreja de um povoado vizinho. Estava quase correndo para chegar na hora. Ao atravessar um campo, viu um homem ferido estatelado numa vala próxima. O homem havia sido esfaqueado no peito e estava sangrando. O padre pensou em erguê-lo e ajudá-lo, mas num segundo pensamento, achou que isso poderia atrasar sua chegada na igreja. Havia escolhido o tema "Amor" para seu sermão; havia decidido falar sobre a famosa máxima de Cristo: "Deus é amor". Mentalmente vinha preparando seus comentários enquanto corria pelo caminho.

Mas o homem ferido abriu os olhos e gritou: "Padre, sei que você está indo para a igreja fazer um sermão sobre o amor. Eu estava indo para a igreja também, mas alguns bandidos me esfaquearam e me jogaram aqui. Ouça, se eu sobreviver, direi às pessoas que um homem estava morrendo na beira da estrada e que, em vez, de salvá-lo, você saiu correndo para fazer um sermão sobre o amor. Eu o previno não me ignore!"

Isso amedrontou um pouco o padre. Ele viu que, se esse homem sobrevivesse e contasse o incidente, as pessoas da vila iriam dizer que todos os seus sermões eram falsos. O padre não estava preocupado com o homem moribundo, mas com a opinião pública, assim aproximou-se relutantemente do homem. Quando chegou mais perto viu mais nitidamente o rosto do homem: parecia de algum modo familiar. Ele disse: "Meu filho, parece que já o vi em algum outro lugar antes".

O homem ferido disse: "Você deve ter me visto. Sou Satã, e tenho velhas relações com os padres e líderes religiosos. Se eu não fosse familiar a você, quem mais seria?"

O padre lembrou-se então claramente; havia visto um quadro dele na igreja. Recuou e disse: "Não posso salvá-lo. É melhor que você morra. Você é o Diabo. Nós sempre quisemos que você morresse e é bom que esteja morrendo. Por que eu deveria tentar salvá-lo? Até tocar em você é um pecado. Vou seguir meu caminho".

O diabo começou a rir bem alto e disse: "Ouça-me, no dia em que eu morrer você estará desempregado; você não pode existir sem mim. Você só é quem é porque estou vivo; sou a base da sua profissão. Você faria melhor se me salvasse, porque se eu morrer todos os padres e ministros ficarão desempregados. Eles serão extintos; não haverá mais necessidade deles".

O padre pensou nisso por um segundo e viu que era verdade. Imediatamente ergueu o homem ferido em seus ombros e disse: "Meu caro Satã, não se preocupe. Eu o levarei para o hospital. Por favor, fique bom logo. Não morra, pelo amor de Deus. Você está certo. Se morrer, nós ficaremos desempregados".

Talvez você não possa conceber que o demônio esteja na raiz do sacerdócio e que o sacerdócio esteja por trás do trabalho do demônio. Satã está muito ocupado na exploração do sexo e a exploração do sexo é a raiz de tudo. Através do nevoeiro, não podemos ver que os padres estão por trás de todo esse distúrbio, que o sexo se tornou cada vez mais atraente por causa da sua degradação pelos padres, que o homem se tornou cada vez mais libidinoso por causa da contínua difamação do sexo pelos padres.

Quanto mais eles batalham para aniquilar os pensamentos das pessoas sobre sexo, mais misterioso ele se toma, e mais curiosidade ele provoca.

O homem é impotente; o homem é um escravo do sexo, e essa impotência deve ser desprezada. Nós queremos o conhecimento, não a ignorância. O conhecimento em si é poderoso, e o conhecimento do sexo é um poder ainda maior. É perigoso continuar a viver na ignorância sobre o sexo.

Talvez não possamos chegar à lua. Não há necessidade real de se chegar à lua. A humanidade talvez não ganhe muito com a nossa ida à lua, nem o mundo acabará se não chegarmos à profundidade de cinco milhas no Oceano Pacífico, onde os raios de sol não podem penetrar. Conseguir essas coisas não beneficiará muito a humanidade. Também não é terrivelmente importante se dividimos o átomo ou não. Mas, ter sucesso na produção de um novo homem é uma questão de interesse supremo; é de terrível necessidade que aceitemos o sexo, que venhamos a conhecer o sexo totalmente, que o compreendamos e o transcendamos.

Expliquei algumas coisas a vocês durante os últimos três dias, e amanhã procurarei responder suas perguntas. Suas perguntas devem ser propostas com toda a honestidade. A atitude com a qual vocês têm perguntado sobre a alma e sobre Deus não ajudará. Esta é uma questão de vida, é vital, e somente se suas perguntas forem diretas e honestas é que poderemos penetrar profundamente no assunto. A verdade está sempre pronta para ser descoberta; nós precisamos apenas de uma curiosidade verdadeira, honesta e conscienciosa para chegar a conhecê-la. Mas, infelizmente, disso nós carecemos.

Da luxúria ao Senhor

Discurso Final

Gowalia Tank Maidan

1º de outubro de 1968

Bombaim

Muitas perguntas têm sido feitas por amigos. Um deles me perguntou por que escolhi o sexo como tema de minhas palestras.

Deixe-me ilustrar. Num encontro público organizado em uma grande praça em Bombaim, um pândita falava sobre Kabir e sua filosofia. Recitou o dístico: *Kabira khada bazarmen liye lukathi hath; jo ghar barai aapna chale hamare saath*. "Kabir está de pé no meio da praça. Está brandindo sua vara, clamando e chamando a todos: 'Só aqueles que têm coragem para queimar suas casas podem me seguir'."

Observei que as pessoas estavam gostando do chamado, e supus que, se elas se sentiam à vontade ouvindo uma mensagem de Kabir tão profunda e drástica, deviam realmente ter coragem para queimar suas casas e sair em busca da verdade. Com tais pessoas, pensei, poderia falar francamente, do fundo do meu coração. Mas, na verdade, nenhuma delas estava pronta para abandonar e queimar sua casa. A questão é: se Kabir estivesse lá, não teria de modo algum ficado feliz com a situação. Todos nós aqui gostamos de ouvir o que Kabir disse, mas nenhuma das pessoas presentes quando Kabir disse isso, há trezentos anos atrás, ficou feliz. Eu estava sendo vítima da mesma ilusão de Kabir, de Cristo. O homem é um animal tão maravilhoso — sente prazer em ouvir falar sobre os que morreram, e ameaça matar os que estão vivos.

Esperavam que eu dissesse alguma coisa sobre a verdade. Mas para falar sobre a verdade, é necessário solapar as inverdades que o homem tem aceito como verdades. Muitos princípios que aceitamos como verdadeiros são, na realidade, falsos. A menos que essas inverdades sejam expostas, o primeiro passo em direção à verdade não poderá ser dado.

Disseram-me para falar sobre o "Amor". Mas senti que enquanto estivéssemos tolhidos por certas suposições incorretas sobre sexo e luxúria, nunca seríamos capazes de compreender ou apreciar o amor. Enquanto essas crenças enganosas estiverem enraizadas, seja o que for que dissermos sobre o amor será incompleto, será um desperdício, será falso. Assim, para enfocar esse ponto, falei sobre luxúria e sexo durante aquele encontro. Disse que a própria energia sexual pode ser

transformada em amor.

Se um homem adquirir esterco, sujo e mal cheiroso, e o empilhar na calçada em frente à sua casa, isso trará dificuldades para qualquer um que passe por ali. Mas se ele espalhar o esterco em seu jardim, então suas sementes crescerão. As sementes se tomarão plantas, as plantas darão flores e a sua fragrância será um convite a todos. As pessoas que passarem por ali ficarão encantadas. Você provavelmente nunca pensou sobre isso, mas a fragrância de uma flor nada mais é do que o cheiro fétido do esterco — erguendo-se da semente através da planta, o mau cheiro do esterco torna-se o perfume da flor. Um mau cheiro pode ser transformado num doce perfume.

Do mesmo modo, o sexo pode tornar-se amor. Mas como pode alguém que odeia o sexo tornar-se pleno de amor algum dia? Como pode alguém transformar o sexo quando é inimigo dele? Portanto, dei ênfase à necessidade de compreender a luxúria, de conhecer o sexo. Naquele dia, salientei que o sexo deve ser transformado.

Pensei que aqueles que tinham sido capazes de considerar a questão de queimar suas casas ficariam felizes em ouvir um discurso franco. Mas estava tristemente enganado. Quando terminei meu discurso naquele dia, fiquei surpreso ao ver que todo o público que estava sobre o palanque, os amigos que organizaram o encontro haviam sumido de vista. Não vi nenhum deles quando desci a atéia para sair. Pensei que, provavelmente, haviam corrido para suas casas no caso delas terem pegado fogo — entretanto, o mais provável é que eles correram para casa a fim de apagar seus próprios fogos.

Até mesmo o principal organizador não estava presente para me agradecer. Todos os boinas brancas, todas as pessoas de roupa khadi não estavam na plataforma; já tinham escapado bem antes do término da palestra. Os líderes são realmente tipos muito fracos. E velozes também. Fogem antes que seus seguidores o façam.

Mas algumas pessoas corajosas se aproximaram de mim — alguns homens e mulheres animados: alguns velhos, outros jovens. Eles todos disseram que eu havia dito coisas que ninguém nunca dissera antes. Disseram que seus olhos haviam sido abertos, que se sentiam muito mais leves interiormente. Havia uma expressão de gratidão em seus olhos, em suas lágrimas de alegria. Eles me pediram para completar a série de palestras. Aquelas pessoas honestas estavam prontas para compreender a vida; perguntaram se eu poderia desenvolver o assunto, e esta foi uma das razões da minha volta a Bombaim.

Uma grande multidão se reuniu, até mesmo enquanto eu saía do Bhavan, e as pessoas me congratulavam pelo que eu havia dito. Assim, apesar dos líderes terem fugido, senti que o público estava comigo. E, naquele momento, decidi fazer uma exposição completa sobre o tópico. Foi por isso que selecionei este tema.

Outra razão foi que aqueles que fugiram do palanque começaram a falar para as pessoas em todos os lugares que eu havia dito tantas blasfêmias que a religião seguramente seria destruída, que eu havia dito coisas que tomariam as pessoas irreligiosas! Assim, para contestá-los, senti que devia desenvolver meu ponto de vista. Senti que eles deviam compreender que as pessoas não se tornariam irreligiosas por ouvirem palestras sobre sexo, mas que, pelo contrário, as pessoas são irreligiosas porque não compreenderam o sexo até agora.

A ignorância pode torná-lo irreligioso; o conhecimento nunca o tornará irreligioso. E, eu digo, se o conhecimento pode causar irreligiosidade, ainda assim prefiro o conhecimento. Mas, é claro que não é esse o caso. Conhecimento é religião, e Ignorância é irreligião. Além do mais, uma religião que prospera em cima da falta de conhecimento não é de modo algum religião — é irreligião — e quanto antes estivermos livres dela, melhor. A luz que carece de luz não é luz; é escuridão sob o disfarce de luz. Não, a luz sempre atrai a luz; o conhecimento sempre dá boas-vindas ao conhecimento. E lembre-se, religião nada mais é do que outro nome para a busca do conhecimento sublime, para a realização da luz perfeita. A ignorância, a escuridão, são sempre prejudiciais.

Se a humanidade se tornar mais degradada, se uma perversão total ocorrer, se a humanidade ficar completamente neurótica por causa da ignorância do sexo, a culpa cairá não sobre aqueles que refletiram e meditaram sobre o assunto, mas na porta das pessoas chamadas de pregadores da moral e da religião. Elas têm tentado manter o homem enclausurado na ignorância há milhares de anos. Se não fossem esses líderes opressivos, a humanidade estaria livre da sexualidade há muito tempo. O sexo é normal, mas a invenção da sexualidade é obra desses gurus. Esse obstáculo não poderá nunca ser superado enquanto existir a ignorância sobre o sexo.

Não sou a favor da ignorância em qualquer nível de vida. Estou sempre pronto para dar boas-vindas à verdade a qualquer custo, a qualquer risco. Senti que se um pequeno raio de verdade pôde espalhar tanta agitação entre as pessoas, então era apropriado falar sobre todo o espectro, toda a gama dessas coisas, de modo a clarear a questão sobre se o conhecimento do sexo torna o homem religioso ou irreligioso. Esses são os antecedentes; é por isso que escolhi este assunto. Sem isso, não me teria ocorrido escolher este tema; sem isso, eu não teria falado sobre este tópico absolutamente. E assim, aqueles que criaram esta oportunidade e me levaram, indiretamente, a escolher este assunto para estas palestras são dignos de alguns agradecimentos. Portanto, se você tem em mente me agradecer pela escolha deste assunto, por favor não o faça; ao invés disso, congratule aqueles que propagaram falsidades a meu respeito. Eles me forçaram a escolher.

Agora, vamos ao assunto.

Um amigo perguntou: "Se a transformação do sexo está no amor, então isso quer dizer que o amor de uma mãe por seu filho também é causado pelo sexo?"

Outras pessoas fizeram perguntas similares.

Ajudará bastante entender isso. Se você ouviu atentamente, lembrar-se-á de que eu lhes disse haver uma grande profundidade na experiência do sexo, uma profundidade que uma pessoa normalmente não alcança. Há três níveis de sexo o pretendo falar sobre eles agora.

O primeiro nível de sexo é o grosseiro. Por exemplo, um homem que vai a uma prostituta. A experiência que ele obtém lá não pode ser mais profunda do que a física. Uma prostituta pode vender seu corpo mas não seu coração e, certamente, não existe nenhum meio de se vender a alma.

Nesse nível, os corpos se encontram — como num estupro. Num estupro, não há encontro de corações ou almas; o estupro acontece apenas no nível físico. Não existe Jeito de violar uma alma; a experiência do estupro é unicamente física.

A experiência primária de sexo é no nível fisiológico, mas aqueles que se detêm nele não chegam nunca à completa experiência do sexo. Eles não podem nunca conhecer as profundezas sobre as quais tenho falado. Atualmente, muitas pessoas estão estacionadas no nível físico.

Em relação a isso, é importante saber que em países onde os casamentos acontecem sem amor, o sexo fica estagnado no nível físico. Não consegue nunca progredir além disso. Esses casamentos podem ser de dois corpos, mas nunca de duas almas. O amor só pode existir entre duas almas. O casamento pode ter um significado mais profundo se acontece por amor, mas os casamentos que acontecem por causa dos cálculos de pânditas e astrólogos, ou a partir de considerações de casta, credo ou dinheiro, nunca vão além do nível físico.

Há uma vantagem para esse sistema, pois o corpo é mais estável do que a mente, e assim, numa sociedade na qual o corpo é a base do casamento, os casamentos são mais estáveis. Duram mais porque o corpo não é instável, porque o corpo é um fator quase constante e a mudança insinua-se nele muito, muito devagar, quase imperceptivelmente. O corpo tem um estado de constância, e essas sociedades que pensam ser necessário estabilizar a instituição do casamento, permanecer com a monogamia, não deixar nenhuma possibilidade de mudança, têm que matar o amor; têm de extirpar o amor. Porque o coração é a sede, a morada do amor e o coração é instável; o divórcio é inevitável nas sociedades onde os casamentos estão baseados no amor. Não pode haver casamentos estáveis nessas sociedades porque o amor é fluido. O coração é mercurial; o corpo é constante, estável.

Se há uma pedra em seu quintal, ela estará à noite no mesmo lugar em que estava de manhã, mas uma flor se abre de manhã e à noite murcha e cai na grama. A pedra é um objeto inanimado: o que quer que seja de manhã, será também à noite. Um casamento realizado no nível físico trará estabilidade, mas não será diferente de

uma pedra. Esse tipo de casamento é de interesse para a sociedade, mas é prejudicial ao indivíduo.

Em tais casamentos, o sexo entre marido e mulher não toca as camadas mais profundas; torna-se meramente uma rotina mecânica. O ato é simplesmente repetido com frequência e torna-se viciado; nada mais acontece, e então os participantes tornam-se cada vez mais entediados. Há muito pouca diferença entre ir a uma prostituta e se casar sem amor. Você compra uma prostituta por uma noite, enquanto adquire uma esposa pela vida inteira; essa é a única diferença. Quando não há amor, uma compra está sendo feita — ou você está contratando uma mulher por uma noite ou está fazendo arranjos vitalícios. É claro que por causa da associação diária, um tipo de relacionamento acontece — e chamamos isso de amor. Isso não é amor; amor é uma outra coisa completamente diferente. Esses casamentos são simplesmente do corpo, e então o relacionamento nunca pode ir além do físico. Nenhum manual ou escritura sobre o amor, de Vatsyayan a Koka Pundit, vai além do nível físico.

Outro nível é o psicológico — da mente, do coração. O casamento de pessoas que se apaixonam e então se casam vai um pouco mais adiante, é um pouco mais profundo do que os casamentos no nível físico. Eles chegam ao coração; chegam à profundidade psicológica, mas por causa da monotonia retrocedem para o nível físico a cada dia. A instituição do casamento que se desenvolveu no Ocidente nestes últimos duzentos anos está nesse nível. E por causa disso, a sociedade ocidental está desarticulada e depravada.

A razão disso é que não se pode confiar na mente. Hoje a mente deseja uma coisa; amanhã pedirá outra. Ela quer uma coisa de manhã e uma outra à noite. O que ela sente agora é totalmente diferente do que sentiu alguns momentos atrás.

Você deve ter ouvido falar de Lord Byron. Antes de finalmente se casar, havia sido íntimo de pelo menos sessenta ou setenta mulheres.

Apesar disso, no momento em que estava saindo da igreja após o casamento, de braços dados com sua noiva, ele viu uma bela mulher passando. Ficou paralisado pela beleza dela e, por um momento, esqueceu-se de sua esposa, de seu recente casamento. Mas ele deve ter sido um homem muito honesto, porque, assim que entrou na carruagem com sua noiva, disse a ela: "Você percebeu? Uma coisa estranha aconteceu justamente agora. Ontem, antes de nos casarmos, eu estava preocupado, pensando se eu realmente seria capaz de cativar você ou não — você era a única mulher na minha cabeça — mas, agora que já estou de fato casado com você, vi uma mulher bonita na calçada, quando estávamos acabando de sair da igreja e, por um momento, me esqueci de você: minha cabeça começou a correr atrás daquela mulher; e isto cruzou em minha mente: "Será que eu conseguiria conquistar aquela mulher?"

A mente é muito mutável; assim, as sociedades querendo estabilizar a vida familiar, não permitiram que os casamentos chegassem ao plano psicológico; empenharam-se em deter o casamento no nível físico. Disseram: "Casem-se, mas não por amor. Se surgir amor após o casamento, ótimo; do contrário, deixem as coisas serem como são".

A estabilidade é possível no nível físico mas no plano psicológico é muito difícil. A experiência sexual é mais profunda e mais sutil no plano mental, portanto a experiência no Ocidente tem sido mais profunda do que no Oriente. Os psicólogos do Ocidente, de Freud a Jung, tem escrito sobre esse segundo estágio do sexo, sobre o nível psicológico. Mas o sexo sobre o qual estou falando é do terceiro nível, o qual até agora, não foi compreendido no Oriente nem no Ocidente. Esse terceiro nível de sexo é o nível espiritual.

Pelo corpo ser inerte há um tipo de estabilidade no nível físico. Há também um tipo de estabilidade no nível espiritual, porque não há nenhuma mudança nesse nível: nele, tudo é calmo; nele, tudo é eterno. Entre esses dois estágios, existe o nível psicológico. Ele é inconstante, como a memória.

A experiência do Ocidente está nesse nível, e assim os casamentos se rompem e as famílias se desintegram. Um casamento que nasce de um encontro de mentes não pode produzir uma situação familiar estável, e agora a tendência no Ocidente é para o divórcio. Os divórcios agora ocorrem a cada dois anos, mas isso pode mudar para duas horas! A mente da pessoa pode mudar até em uma hora! A sociedade no Ocidente está se desintegrando. Em comparação, a sociedade oriental tem se mantido estável, mas o Oriente também não tem sido capaz de penetrar as sutis e sublimes profundezas do sexo.

Um homem e uma mulher que conseguem encontrar-se no nível espiritual, que conseguem unir-se espiritualmente — ainda que uma vez — sentem que se uniram pela eternidade. Há uma fluidez profunda; a atemporalidade e o êxtase puro são o dote do casamento.

O sexo do qual estou falando é o sexo espiritual, a experiência divina. O que desejo é uma orientação espiritual do sexo.

E se você compreender o que estou dizendo, perceberá que o amor da mãe por seu filho também faz parte do sexo espiritual. Você dirá que esta é uma afirmação absurda. Perguntará que tipo de relação sexual pode haver entre uma mãe e seu filho. Para compreender completamente isso, temos de examinar muitos outros aspectos do sexo e suas interações no relacionamento entre marido, esposa e filho.

Como eu lhes disse, um homem e uma mulher se encontram apenas durante certo tempo. Suas almas também se encontram, mas apenas por um momento, enquanto que a criança permanece no útero da mãe por nove meses. Durante esse período sua existência está unida à da mãe. O marido também se encontra com a

mulher nesse nível — onde há apenas existência, onde há apenas o ser — mas é apenas por um momento e então eles se separam. Maridos e esposas se encontram por um momento e depois se separam; assim, a intimidade que uma mãe tem com seu filho não é possível com seu marido; não pode ser.

A criança no útero respira a respiração da mãe; seu coração bate através do coração da mãe. A criança está unida ao sangue e à vida da mãe: ainda não tem uma existência individual; ainda é parte da mãe. Nenhum homem pode preencher uma mulher tanto quanto um filho; nenhum marido pode jamais dar à esposa o profundo sentimento de intimidade que um filho dá. Do mesmo modo, o crescimento pleno de uma mulher é incompleto a menos que ela se torne mãe. A menos que ela chegue à maternidade, a radiância total da personalidade de uma mulher, o florescimento supremo de sua beleza não é possível. Uma mulher não pode jamais ficar totalmente satisfeita a menos que se torne mãe, a menos que tenha conhecido o profundo relacionamento espiritual que existe entre mãe e filho.

E em vista disso, tenha em mente que tão logo uma mulher se torna mãe, seu interesse pelo sexo diminui. Ela bebeu profundamente da maternidade; por nove meses coexistiu com uma nova vida pulsando, e agora sente pouca atração pelo sexo. Às vezes, o marido fica desorientado pela apatia da esposa, porque tornar-se pai não muda seu comportamento sexual de modo algum; ele não tem uma relação profunda com o processo do parto. O pai não tem a sensação de unidade espiritual com a nova vida que nasceu. Tomar-se mãe ocasiona uma mudança básica na mulher, mas a paternidade é apenas uma instituição social. Uma criança pode crescer sem um pai, mas tem um relacionamento profundamente enraizado com a mãe.

Um novo tipo de bem-estar espiritual preenche a mulher após o nascimento de uma criança. Se você olhar para uma mulher que se tornou mãe e para uma que não se tornou, sentirá a diferença em suas personalidades; a primeira demonstra uma sensação de tranquilidade. Você encontrará numa mãe uma resplandecência, uma calma — o tipo de quietude que se vê num rio quando chega à planície — mas numa que ainda não se tornou mãe, verá uma espécie de fluidez borbulhante como a de um rio através das montanhas — ribombando, rugindo, transbordando, correndo para as planícies. Uma mulher se torna tranquila, calma e serena interiormente após ser mãe.

Em relação a isso, gostaria de afirmar também que as mulheres que estão atormentadas pela paixão do sexo, como é o caso das ocidentais de hoje, são mulheres que não querem tornar-se mães. Após a maternidade, a atração da mulher pelo sexo diminui subitamente, e as mulheres ocidentais que se recusam a tornar-se mães estão fazendo isso porque sabem que, tão logo se tornem mães, perderão seu interesse pelo sexo. Elas mantêm o prazer no sexo, não se tornando mães.

Os governos de muitos países ocidentais estão preocupados com isso. Se essa

situação continuar, o que acontecerá com a população? O Oriente se preocupa com o aumento da população, mas alguns países no Ocidente temem o decréscimo da população porque nada poderá ser feito se as mulheres decidirem não se tornar mães, por saberem que assim perderão o interesse pelo sexo. Um programa de planejamento familiar pode ser implantado por lei, mas nenhuma lei pode forçar uma mulher a tornar-se mãe. Esse problema dos países ocidentais é mais complexo do que o nosso de explosão populacional. Podemos deter o aumento da população pela força, ou legalmente, mas eles não podem aumentar a população pela lei. Nos próximos duzentos anos esse problema atingirá proporções gigantescas no Ocidente, e a população dos países orientais, crescendo aos trancos e barrancos, poderá dominar o mundo todo. Simultaneamente, com o passar dos anos, o potencial humano do Ocidente diminuirá. Eles terão de fazer com que as mulheres concordem em se tornar mães novamente.

Alguns psicólogos ocidentais começaram a se tornar favoráveis ao casamento entre crianças. Uma mulher entrando na maturidade não se interessará por se tornar mãe — estará mais interessada no prazer sexual — e assim, esses psicólogos estão aconselhando as pessoas a se casarem cedo. Nesse caso, as mulheres não terão outros pensamentos e desejos antes de se tomarem mães. Esta foi também uma das razões por trás dos casamentos entre crianças no Oriente; sabia-se que uma moça não iria querer casar-se e tomar-se mãe quando chegasse à adolescência, quando se conscientizasse do sexo, quando tivesse desenvolvido um gosto por ele. Essa mentalidade, essa imensa atração pelo sexo, existe nas mulheres até que saibam o que obterão tornando-se mães. Mas isso elas não podem compreender a menos que atinjam a maternidade. Não existem meios de se ter uma vaga idéia disso antes de se tornar realmente uma mãe.

Por que uma mulher se sente tão gratificada ao tornar-se mãe? Porque ela tem uma divina, completa e perfeita experiência de sexo espiritual com seu filho. E é apenas por causa disso que há uma intimidade tão intensa entre mãe e filho. Uma mulher dará sua vida pela criança, mas não pode nem imaginar tirar a vida de seu próprio filho. Uma esposa pode matar o marido — isso acontece freqüentemente — e, mesmo que não faça isso de fato, pode criar circunstâncias em casa que levem à mesma coisa. Mas com respeito a seu filho, ela não pode nem pensar em tal coisa. Isso porque a relação com seu filho é muito profunda, muito íntima.

Mas, ao mesmo tempo, quero dizer que quando uma mulher desenvolve uma relação profunda com seu marido, o marido também se torna um filho para ela. Então não é mais um marido.

Há muitos homens e mulheres sentados aqui neste auditório. Gostaria de perguntar aos homens aqui presentes se eles não se comportam exatamente como Criancinhas com suas mães, quando estão num estado de total amor por suas esposas. Vocês sabem por que a mão de um homem inconscientemente se dirige

para o seio da mulher? É a mão de bebê procurando pelo seio de sua mãe. Assim que o, homem se sente transbordar de amor por uma mulher, sua mão automaticamente procura pelo seio dela. Por quê? O que tem o seio a ver com o amor? Ou com o sexo? O sexo não tem de modo algum relação com o seio, mas uma criança tem uma profunda associação com o seio da mãe. Desde o nascimento, ela vai tomando consciência de que o seio é o seu elo, sua ligação com a vida. Quando um homem transborda de amor, torna-se um filho!

E para onde vai a mão da mulher? Sua mão se estende para a cabeça do homem; seus dedos começam a acariciar os cabelos dele: essa é a lembrança do filho; ela está acariciando os cabelos de seu filho. É por isso que, se o amor floresce completamente no nível espiritual, o marido se torna o filho; é por isso que o marido deve se tornar um filho. Então a pessoa sabe que chegou ao terceiro nível do sexo, ao nível espiritual. Mas nós somos completamente ignorantes a respeito desse relacionamento.

O relacionamento entre marido e mulher é o início de uma jornada e não o fim. E lembre-se, por ser uma jornada é que maridos e esposas estão sempre num estado de tensão. Uma jornada é sempre cansativa; a paz só é encontrada na chegada. Maridos e esposas nunca estão calmos porque estão sempre a caminho, sempre na estrada — e a maior parte das pessoas perecem no caminho, nunca chegam à meta. Por causa disso, há sempre um estado de conflito entre maridos e esposas; há uma luta constante. E é isso o que chamamos de "amor".

Infelizmente, nem o marido nem a mulher compreendem a causa real da tensão, da luta. Cada um pensa que escolheu o parceiro errado. O marido pensa que tudo seria melhor se tivesse se casado com outra mulher, a esposa pensa que tudo provavelmente estaria bem se tivesse se casado com outro homem. Quero lhes dizer que essa é a experiência de todos os casais do mundo. Se lhes deram a chance de mudar de parceiro, a situação não mudará nem um pouco. Será a mesma coisa que mudar de ombro quando se está carregando um caixão para o cemitério: você se sente aliviado por um tempo, então nota que o peso novamente se tornou o mesmo. A experiência no Ocidente, onde o divórcio é desenfreado, é que a nova esposa, em pouco tempo, mostra-se exatamente como a anterior — e em duas semanas, o novo marido também acaba sendo igual ao primeiro. A razão não pode ser encontrada na superfície, mas num nível mais profundo. A razão não tem nada a ver com o indivíduo, com o homem ou a mulher; a razão é que o casamento é uma jornada, um processo. O casamento não é o alvo, não é o objetivo. A meta só será alcançada quando a mulher se tomar uma mãe e o homem, um filho.

Um amigo perguntou algo sobre essa questão. Disse que não me aceita como uma autoridade em sexo. Disse que posso falar sobre Deus, mas não sobre sexo. Disse que ele e alguns amigos vieram aqui para ouvir falar em Deus e que eu, portanto, deveria falar apenas sobre Deus. Talvez eles não tenham percebido que é

absurdo perguntar a alguém sobre Deus se não consideram essa pessoa uma autoridade nem mesmo em sexo. É possível perguntar a respeito do pico dourado a alguém que não sabe nada sobre o sopé da montanha? Se o que eu tenho a dizer sobre sexo não é aceitável para você, então não deveria me perguntar sobre Deus também. Se eu não sou considerado capaz de falar sobre o primeiro passo, então como serei competente para falar sobre o último?

A psicologia por trás dessa questão é que *kama* e *Rama*, a luxúria e o Senhor, têm, até agora, sido considerados inimigos um do outro. Até agora, tem-se tido por certo que aqueles que estão em busca de religião não podem ter nada a ver com sexo, e que aqueles que investigam sobre o sexo não podem ter nada em comum com a espiritualidade. Ambos são ilusões. A jornada para *kama* é também a jornada para *Rama*. A jornada para a luxúria é também a jornada para a luz. A tremenda atração pelo sexo é também a busca pelo Sublime.

O homem nunca sente que sua jornada está completa, por estar completamente envolvido pelo sexo. A menos que *Rama* seja alcançado, a menos que a sublimação seja atingida, sua busca nunca terá fim. E a busca daqueles que reprovam *kama* e estão à procura de *Rama* não é uma autêntica busca por Deus; nada mais é do que um escapismo em nome de *Rama*. Eles se escondem por trás de *Rama* para fugir de *kama*. Isso porque morrem de medo do sexo, porque suas vidas estão num estado de constante agitação causada pelo sexo. Procuram refúgio repetindo alto o nome de *Rama*, "*Rama, Rama, Rama*", a fim de que possam se esquecer de *kama*, do sexo.

Sempre que você observar um homem cantando o nome de *Rama*, olhe bem de perto para ele: por trás da repetição de *Rama* estará o eco de *kama*; uma consciência do sexo estará presente. Se uma mulher estiver à vista, eles começarão a recitar — "*Rama, Rama, Rama*" — girando seus rosários a grande velocidade e cantando o nome de *Rama* aos berros. O *kama* interior empurra-os de dentro, e esses escapistas tentam ignorar, sufocar, reprimir isso cantando o nome de *Rama*. Se um truque tão simples pudesse mudar a vida de uma pessoa, o mundo teria mudado para melhor há muito tempo. A religião não é assim tão fácil de se atingir.

É imperativo conhecer *kama* se você quer alcançar *Rama*, se quer buscar o Sublime. Por quê? Tome o exemplo de um homem que deseja ir de Bombaim a Calcutá. Primeiro, ele obtém informações sobre Calcutá — onde é, qual a direção a seguir — mas se ele não conhecer nem onde é Bombaim, onde está em relação a Calcutá, como poderá ser bem sucedido em sua missão? Para ir de Bombaim a Calcutá, é absolutamente necessário saber primeiro onde está Bombaim. Se eu não sei onde fica Bombaim, todas as minhas informações sobre como ir de Bombaim a Calcutá não valerão nada. Antes de mais nada, tenho de começar de Bombaim; minha jornada tem de começar em Bombaim. O ponto inicial sempre vem primeiro. A chegada sempre vem por último.

Onde você está agora?

Você diz que anseia fazer a jornada para *Rama*?

Ótimo.

Você diz que deseja chegar a Deus?

Muito bem.

Mas onde você está agora?

Agora você está enalhado na luxúria; agora está enalhado no sexo — e é a partir desse ponto, de onde você está agora, que precisa dar o primeiro passo à frente. É imperativo compreender onde você está agora. Pela aceitação desse fato simples, pela compreensão dessa realidade dura, você pode ver também a possibilidade para o futuro. Para saber o que você pode atingir, é importante saber o que você é.

Para chegar ao passo final, é necessário dar o primeiro — porque o primeiro passo preparará o terreno para o segundo e, finalmente, para o último passo da jornada. Se o seu primeiro passo for dado na direção errada, você nunca chegará ao destino almejado; poderá acabar, ao invés disso, no deserto. Portanto, se você quer alcançar o Supremo, é mais importante para você compreender trama do que compreender *Rama*. Você não pode chegar a Deus sem primeiro compreender o sexo.

Também fui informado por carta que as opiniões de Freud sobre sexo podem ser aceitáveis e valiosas, mas me perguntaram como as minhas podem ser consideradas verdadeiras e sinceras.

Como você pode decidir se eu sou honesto e sincero ou não? Nesse caso, seja o que for que eu diga, não será decisivo porque eu mesmo é que estou sendo o tema sob consideração. Se eu disser que sou honesto, isso não terá sentido. E também não terá sentido dizer que não sou honesto, porque o próprio objeto de debate é se a pessoa que está fazendo essas afirmações é um homem honesto ou não. Assim, o que eu disser neste contexto não terá sentido; será inútil. O que posso dizer é: experimente com o sexo e descubra por si mesmo se sou honesto ou não. Você virá a conhecer a verdade das minhas afirmações quando chegar à experiência por si mesmo. Não existe outro jeito.

Por exemplo, se eu estivesse, falando sobre uma determinada técnica de natação, você poderia duvidar se meu método é praticável ou não. Minha resposta a isso seria pedir a você que fosse a um lugar onde pudesse nadar. Se meu conselho fosse útil para ajudá-lo a nadar no rio, então você saberia que o que eu disse não era mentira nem algo sem valor.

No que diz respeito a Freud, gostaria de explicar para essa pessoa que me

escreveu que é bastante provável que Freud não tivesse consciência do que estou dizendo aqui. Freud foi uma das poucas pessoas de visão que guiaram a humanidade em direção à liberação sexual, mas ele não tinha nenhuma idéia sobre a existência do sexo espiritual. O conhecimento que Freud sistematizou era o do sexo doentio; suas pesquisas foram com o patológico. Freud era um tipo de médico e suas descobertas foram usadas como tratamentos administrados a pessoas doentes. Freud não estudou o sexo normal, sadio. Ele foi um sábio pesquisador lidando com a doença, a perversão, e sua preocupação foi fundamentalmente com tratamentos, com cura.

Portanto, se você está inclinado a comprovar a veracidade do que estou dizendo, terá de se voltar à filosofia do Tantra. O Tantra fez as primeiras tentativas para espiritualizar o sexo, e, embora tenhamos proibido o pensamento sobre o Tantra há milhares de anos atrás, os monumentos de Khajuraho e os templos de Puri e Konarak são testemunhos vivos. Você já esteve em Khajuraho? Você já viu as imagens lá? Se viu, deve ter experimentado dois fenômenos maravilhosos. Primeiro, mesmo após ver as imagens de casais nus em relação sexual, você não terá qualquer sensação de vulgaridade; não verá nada de feio ou mau nas imagens de homens e mulheres nus copulando. E a segunda coisa é que você experimentará uma sensação de paz. Um sentimento do sagrado o envolverá. Sua reação o surpreenderá. Os visionários que criaram aquelas estátuas eram pessoas que tinham visto e conhecido intimamente o sexo espiritual.

Se você olhar para um homem dominado pelo sexo, se olhar para seu rosto e olhos, ele parecerá feio, assustador, bestial; verá nele uma luxúria perturbada o feroz. Quando uma mulher vê um homem se aproximando dela, e ele está cheio de luxúria, mesmo que ele seja querido, ela verá nele um inimigo e não um amigo. Ele não lhe parecerá nem mesmo humano; será como um mensageiro do inferno. Mas no rosto daquelas estátuas você encontrará a sombra gloriosa de Buda, o reflexo sublime de Mahavir. A compostura e serenidade nos rostos das estátuas é a do *samadhi*. Uma serenidade sagrada emana deles. Se meditar sobre aquelas estátuas nada menos do que uma onda de paz eterna o cingirá. Você ficará admirado.

Se tem medo de que a sexualidade o esmagará após ver as estátuas nuas, eu lhe peço: vá direto ao Khajuraho, sem perda de tempo. Khajuraho é um monumento único nesta terra, embora os moralistas como o falecido Shree Purshottamdas Tandon e seus colegas sejam da opinião de que os muros de Khajuraho deveriam ser cobertos por uma camada de terracota, pois acreditam que as imagens tomam as pessoas sexuais. Fiquei atônito quando ouvi isso! Os construtores de Khajuraho tinham um propósito: se as pessoas sentassem em frente das estátuas e meditassem, ficariam livres da luxúria. Por milhares de anos essas imagens têm sido objetos de meditação. Mostram-nos um exemplo tão admirável que se pedia às pessoas muito sexuais para irem aos templos de Khajuraho, a fim de meditarem sobre as estátuas e extasiarem-se com elas.

Embora tenhamos observado freqüentemente essa mesma verdade na experiência humana comum, não fomos realmente capazes de ver isso. Por exemplo: se você está passando e vê duas pessoas brigando na rua, tem vontade de parar e observar a briga. Por quê? Alguma vez você já pensou sobre o que ganha vendo os outros brigarem? Deixando de lado seu trabalho, você fica parado por meia hora para ver as pessoas brigando. Vai também às lutas de boxe. Por quê? Provavelmente não percebeu que elas têm um efeito terapêutico. Ao observar dois homens brigando, o instinto de brigar que existe profundamente enraizado em seu interior é satisfeito. Ele se dissipa; é jogado fora, e você fica muito mais calmo. Se alguém senta-se e medita com uma mente pacífica sobre as imagens de relação sexual, o maníaco interior, a sexualidade louca do homem, pode evaporar.

Um homem foi ao psiquiatra com um problema: estava muito aborrecido com seu chefe. Se seu chefe lhe dizia alguma coisa, imediatamente ficava zangado e sentia vontade de tirar seu sapato e jogá-lo em seu chefe.

Mas como você pode bater em seu chefe? Existe algum homem que não sinta vontade de bater em seu chefe de vez em quando? Um empregado assim é raro.

De qualquer modo, o homem foi reprimindo o desejo de bater em seu chefe, mas começou a criar um complexo por causa disso e, com medo de que pudesse realmente bater em seu chefe algum dia, passou a deixar seus sapatos em casa. Mas não conseguia esquecer-se dos sapatos. Sempre que via o chefe, suas mãos automaticamente iam em direção aos pés. Mas felizmente os sapatos tinham sido deixados em casa, e ele se sentia um pouco mais tranqüilo porque sabia que um dia, num arrebatamento, poderia tirar um sapato e atirá-lo em seu chefe.

Mas não ficou livre dos sapatos apenas por deixá-los em casa; eles continuavam a avultar em sua consciência. Se ele estivesse rabiscando com uma caneta, desenhava sapatos no papel; nos momentos de lazer, fazia esboços de sapatos. Os sapatos preenchiam seus pensamentos, e ele estava morrendo de medo de atacar seu chefe algum dia.

Em casa, disse à família que seria melhor que ele não fosse mais trabalhar. Agora, sua condição mental estava de um jeito, que ele não precisava mais dos próprios sapatos: poderia arrancar os sapatos de qualquer pessoa para bater em seu chefe; suas mãos já tinham até começado a se mover em direção aos pés de seus colegas. A essa altura, sua família decidiu que estava na hora dele ir a um psiquiatra. E assim ele foi.

O psiquiatra disse que a doença dele não era nada grave, que era curável. Aconselhou-o a pendurar uma fotografia de seu chefe em casa e bater nela com um sapato cinco vezes, todas as manhãs. Devia bater na foto religiosamente, antes de ir trabalhar, e, além disso, não deveria deixar de bater nem um único dia. O ritual tinha de ser observado diariamente, como se fosse uma oração matinal, e, então, ao voltar

para casa deveria repetir o mesmo processo.

A primeira reação do homem foi dizer: "Que absurdo!" Embora ele estivesse atônito com a idéia, sentiu-se muito feliz com ela. A foto foi pendurada e ele iniciou o ritual prescrito.

Já no primeiro dia, quando foi para o escritório após ter batido na foto cinco vezes, notou uma estranha sensação: não estava com tanta raiva de seu chefe como antes. E, em quinze dias, tornou-se muito polido com seu patrão. Seu chefe também percebeu a mudança nele, mas é claro que não sabia o que estava acontecendo. Disse ao empregado que ele havia se tornado muito polido, muito obediente e realmente muito simpático nos últimos tempos, e queria saber o que havia acontecido. O empregado replicou: "Por favor, não me pergunte nada sobre isso ou tudo vai ficar de pernas para o ar outra vez. Eu simplesmente não posso lhe dizer".

Qual é a verdade por trás dessa estória? Alguma coisa realmente pode ser conseguida apenas por se bater numa foto? Sim — por bater na foto, a obsessão de bater no chefe com um sapato simplesmente se dissolveu, desapareceu.

Templos como os de Khajuraho, Konarak e Puri deveriam existir em todos os cantos deste país. Não existe nada tão importante em outros templos; não há nada de científico, nenhum projeto, nenhum significado neles. Não são absolutamente necessários. Mas a existência dos templos de Khajuraho e outros como eles está repleta de significado. Qualquer pessoa cuja mente esteja opressivamente ansiosa com sexo deveria ir lá e meditar. Quando retomasse, sentiria o coração leve, sentir-se-ia em paz.

Os tântricos tentaram transformar o sexo em espiritualidade, mas os pregadores da moralidade em nosso país não permitiram que a mensagem chegasse às massas. E foram essas mesmas pessoas que quiseram acabar com minhas palestras.

Em meu retorno a Jabalpur, três dias após minha palestra no Bharatiya Vidya Bhavan Auditorium aqui em Bombaim, recebi uma carta de um amigo dizendo que se eu continuasse com estas palestras, eu seria morto. Gostaria de ter respondido a carta, mas o gentil cavalheiro parece ser um covarde: não assinou sua carta nem colocou seu endereço; provavelmente ficou com medo de que eu contasse a ameaça à polícia. Contudo, se ele estiver presente aqui, deve aceitar minha resposta agora. Mesmo que ele esteja aqui, estou certo de que está escondido atrás de algum muro ou árvore. Caso esteja em algum lugar por perto, quero lhe dizer que não irei denunciar a ameaça, mas que ele devia me dar seu nome e endereço para que eu possa, pelo menos, lhe enviar uma resposta. Mas, se não se atreve a tanto, darei minha resposta aqui. Ele deve ouvi-la cuidadosamente.

Provavelmente, ele não está consciente disso, mas em primeiro lugar, não deveria ter pressa em atirar em mim, porque, com o disparo da bala, o que estou

dizendo se tornaria uma verdade eterna. Se Jesus não tivesse sido crucificado, o mundo o teria esquecido há muito tempo. De um certo modo, a perseguição foi benéfica para Jesus. O autor George Goulette disse que Jesus planejou sua própria crucificação. Jesus quis ser crucificado porque, assim, todas as palavras que havia pregado se tornariam a verdade viva por séculos e seriam benéficas a milhões de pessoas.

Isso é totalmente possível. Judas, que vendeu Jesus por trinta moedas, foi um de seus discípulos mais amados. É inacreditável que alguém que tenha passado tantos anos com Jesus fosse vendê-lo por uma quantia tão insignificante, a menos que o próprio Jesus tivesse sugerido que ele fizesse isso ou que mudasse de lado e organizasse a perseguição, a fim de que suas palavras pudessem se tornar uma fonte de néctar eterno, liberando bilhões.

Poderia haver trezentos milhões de *jainistas* no mundo ao invés de apenas três milhões, como é o caso, se Mahavir tivesse sido crucificado. Mas Mahavir morreu pacificamente; provavelmente nunca pensou em morrer numa cruz. Ninguém tentou fazer isso para ele, nem ele mesmo tentou organizar isso. Não foi Buda, nem Maomé, nem Rama, nem Krishna, nem Mahavir, mas Jesus quem foi pregado na cruz — e hoje metade do mundo é cristã. E o mundo inteiro talvez se converta ao cristianismo, um dia. Este é o lado mais glorioso de ser crucificado. Portanto, digo ao meu amigo para não se precipitar atirando em mim; do contrário, se arrependerá de seu ato pelo resto de seus dias.

A segunda coisa é que ele não deve se preocupar muito com isso, porque não tenho a intenção de morrer na cama. Quando o tempo certo chegar, farei o máximo que puder para alguém dar um tiro em mim. Ele não deve apressar-se; eu mesmo darei um jeito nisso. A vida é proveitosa, mas, quando uma pessoa é assassinada, a morte também se torna proveitosa. Uma morte à bala pode muitas vezes consumir o que a vida não pôde.

As pessoas estão sempre repetindo esse mesmo erro — aqueles que envenenaram Sócrates, aqueles que mataram Mansur, os que crucificaram Jesus. Todos esses atos foram infantis, auto-abortivos. E, mais recentemente, o homem que atirou em Gandhi não estava consciente de que nenhum dos seguidores de Gandhi poderia ter tido tanto sucesso em prolongar sua memória quanto ele, ao praticar o assassinato. Gandhi cruzou suas mãos e fez um gesto de reverência quando recebeu o tiro e estava morrendo. Esse cumprimento foi muito significativo. Era uma indicação de que o último e melhor discípulo de Gandhi finalmente havia chegado: o homem que tomaria Gandhi imortal. Deus enviara o homem necessário.

Ninguém morre ao ser assassinado; isso apenas ajuda um homem a se tornar imortal. A trama da vida é complexa; a história da vida está repleta de suspense: as coisas não são tão simples como parecem. O homem que morre na cama morre para sempre, enquanto que o homem que morre por assassinato nunca morre.

Quando o veneno estava sendo preparado para Sócrates, alguns de seus amigos perguntaram como seu corpo deveria ser tratado após a morte. "Deve ser cremado, enterrado ou o quê?" eles perguntaram. Sócrates riu e disse: "Homens tolos! Vocês não sabem disso, mas nunca serão capazes de me enterrar. Viverei até mesmo quando todos vocês não estiverem mais vivos. O truque é que eu preferi morrer apenas para viver para sempre!"

Portanto, meu amigo, se você está aqui, não deve agir impensadamente; do contrário, logo se verá como perdedor. Eu não serei prejudicado; não sou daqueles que balas podem destruir. Sou daqueles que sobrevivem às balas. Você não deveria estar com pressa de atirar em mim. Não deveria estar perturbado também, pois farei o que puder para não morrer na cama. Esse tipo de morte é impróprio. Esse tipo de morte não tem valor.

O terceiro ponto para lembrar-se é não ter medo de assinar cartas, não ter medo de dar seu endereço. Se eu estiver convencido de que há alguém corajoso o suficiente e pronto para me dar o tiro, escolherei o candidato sem contar a ninguém, assim, mais tarde, ele não será envolvido.

Mas não existe nada de muito estranho nesse homem. Ele escreveu com a convicção de que estava protegendo a religião. Escreveu porque pensou que eu queria destruir a religião, e ele quer restaurar a religião. Suas intenções não são más. Seus sentimentos foram muito sinceros e, para ele, muito religiosos.

Essas pessoas chamadas de religiosas estão brincando com as emoções do mundo. Suas intenções podem ser muito boas, mas sua inteligência é muito pobre. Por séculos, essas pessoas aparentemente santas e as do mesmo tipo têm sufocado o florescimento completo da verdade, e porque o conhecimento tem sido abafado do mesmo modo, a ignorância está se difundindo. Nós estamos tateando no escuro, estamos perdidos na noite da ignorância. E em meio à nossa escuridão, esses pregadores da moral construíram altos púlpitos de onde proferem sermões para nós.

Mas é igualmente verdadeiro também que, quando o fulgor da verdade começar a despontar em nossas vidas, esses homens chamados de santos estarão desempregados. Quando formos capazes de gerar um relacionamento vivo com Deus; quando chegarmos a conhecer o samadhi; quando nossas vidas comuns, mundanas, começarem a ser transformadas em vidas divinas, nada será deixado para esses moralistas e pregadores. O pregador só predomina enquanto as pessoas estão tateando na escuridão.

Um médico é necessário quando as pessoas ficam doentes, mas os médicos serão supérfluos se as pessoas pararem de ficar doentes. Como a profissão de pregador, a profissão médica desenvolve-se em cima do conflito interno, porque o sustento do médico depende das pessoas ficarem doentes. Um médico trata dos pacientes exteriormente, mas interiormente espera que eles fiquem doentes. E

quando há uma epidemia, ele agradece a Deus pelo trabalho.

Ouvi uma estória:

Uma noite, um grupo de amigos fazia uma grande festa. Bebendo e comendo, eles se divertiram até de madrugada. Quando começaram a ir embora, o proprietário do hotel disse à sua mulher que agradecesse a Deus por lhes ter mandado um número tão grande de fregueses. Se tal movimento continuasse, ficariam ricos. O anfitrião, ao pagar a conta, pediu ao proprietário que orasse pela prosperidade do seu negócio também, assim ele poderia voltar novamente.

O proprietário perguntou: "A propósito, qual é o seu negócio, senhor?"

"Sou agente funerário", disse ele. "Meu negócio prospera mais quando muitas pessoas morrem."

Similarmente, a profissão de um médico pode ser curar as pessoas, mas quanto mais as pessoas ficam doentes, mais dinheiro ele ganha. Interiormente, ele espera que o paciente não se recupere muito depressa. Assim, leva tempo para curar seus pacientes, especialmente os ricos. Os pacientes pobres se recuperam mais depressa, porque o médico não ganha muito quando o pobre fica doente por longo tempo. O lucro vem dos clientes ricos, assim ele vai devagar quando está curando o rico. De qualquer modo, os ricos estão sempre indispostos; eles são a resposta às preces de um médico.

O pregador está na mesma classe. Quanto mais as pessoas forem imorais, quanto mais elementos marginais houver, quanto mais anarquia espalhada, mais alto seu púlpito se elevará — porque então haverá mais necessidade dele exortar as pessoas a observarem a não-violência, a serem verdadeiras, a se comportarem honestamente, a observarem os regulamentos, a cumprirem as regras, e assim por diante. Se as pessoas fossem corretas, disciplinadas, pacíficas, honestas e santas, a profissão de pregador deixaria de existir.

E por que existem tantos pregadores e líderes religiosos na Índia — mais do que em qualquer outra parte do mundo? Por que, em toda e qualquer vila, em toda e qualquer casa, há um pândita, um guru, um swami ou um padre? Por que existe um exército tão grande de líderes religiosos neste país?

Não se deve presumir que somos um povo profundamente religioso pelo fato de termos tantos santos e gurus. É fato que somos, hoje, um dos países mais irreligiosos e imorais do mundo. É por isso que tantos pregadores encontram oportunidades de ouro em nosso país. Pregaram tomou-se nossa imagem nacional. Um amigo me enviou um artigo de uma revista americana. Ele queria minha opinião sobre uma falha que havia notado nem Artigo. Era um artigo humorístico, afirmando que o caráter nacional de qualquer país pode ser determinado, deixando bêbado um homem desse país. Se um holandês fica babado, o artigo dizia, lança-se à comida e se

recusa a deixar a mesa do Jantar; tão logo toma uma bebedeira, começa a comer por duas ou três horas. Se um francês bebe, toma-se agitado; quer cantar e dançar. Se um inglês fica muito bêbado, vai sentar-se num canto e se isola. Um inglês é normalmente quieto e quando fica bêbado torna-se totalmente reservado. Tais são as reações típicas das várias nacionalidades, de acordo com o artigo.

Mas, por erro ou ignorância, não havia nenhuma menção aos indianos. Meu amigo perguntou o que eu tinha a dizer sobre o caráter indiano; perguntou-me o que aconteceria se um indiano bebesse excessivamente. Escrevi a ele que a resposta já era mundialmente famosa: quando um indiano fica bêbado, imediatamente começa a pregar. Esse é o nosso caráter nacional. Essa fila interminável de pregadores, ascetas, monges e gurus é sinal de uma doença muito difundida; é indicação de uma grande imoralidade.

E o mais estranho é que, no fundo, nenhum desses líderes quer que a imoralidade seja extinta, ou que a doença seja erradicada — porque se e quando ela for curada, os pregadores não terão mais ocupação. O íntimo desejo deles é que a doença continue, que o mal aumente.

O meio mais fácil de permitir que essa doença continue incontrolada é restringir o crescimento de um conhecimento totalmente abrangedor sobre a vida, e amedrontar os homens para que não queiram compreender os mais profundos e significativos aspectos da vida. E é essa ignorância que provoca automaticamente a propagação da imoralidade, da libertinagem e da corrupção. Se as pessoas tentassem examinar e conhecer essas profundas e esclarecedoras facetas da vida, a irreligiosidade e suas subseqüentes doenças começariam a desaparecer, uma a uma.

Quero chamar a atenção para o fato de que o sexo é o aspecto da vida mais responsável pela imoralidade. Tem sido sempre a causa mais básica e influente da perversão, da libertinagem e da estupidez no homem. Por isso, os líderes religiosos nunca querem falar a respeito disso.

Outro amigo me enviou uma mensagem dizendo que nenhum santo ou *guru* fala sobre sexo. Escreveu que a alta estima que tinha por mim diminuiu por causa das minhas palestras sobre sexo. Gostaria de dizer a ele que ao há razão nenhuma para ficar desapontado comigo. Antes de mais nada, se você alguma vez me respeitou, isso foi um erro seu. Por que teve necessidade de me honrar? Qual foi o seu motivo? Quando eu pedi o seu respeito? Se você me tinha respeito, esse erro foi seu; se não está mais tão favorável, esse privilégio é seu. Não sou nenhum *mahatma*, nem estou disposto a ser um.

Se eu tivesse o mais leve desejo de me tornar um *mahatma* ou um *guru*, nunca teria selecionado este assunto, em primeiro lugar. Um homem não pode jamais se tornar um *mahatma* se não for muito sagaz na seleção dos tópicos para suas palestras. Eu nunca fui um *mahatma*, não sou um *mahatma* e certamente não quero

tornar-me um *mahatma* — esse desejo em si é uma projeção de um ego sutil, refinado. Sou um homem, e isso é suficientemente bom para mim. Não é suficiente ser apenas um homem? Um homem não pode ser feliz sem estar sendo carregado nos ombros de outros homens, sem se impor aos outros, sem adquirir poder de uma forma ou de outra? Um homem não pode ser feliz simplesmente sendo um homem? Seja qual for a posição na qual me encontro estou feliz e satisfeito.

Anseio pela grandeza da humanidade; quero ver um homem melhor. Não é uma grandeza tornar-se um homem, chegar à dimensão total de humanidade? Todo homem pode tornar-se grande; todo homem é capaz de se tornar grande no verdadeiro sentido da palavra. Os dias dos *mahatmas e gurus* se foram; eles não são mais necessários. Uma grande humanidade é essencial; a necessidade do momento é a de uma grande humanidade. Tem havido muitos grandes homens, mas o que ganhamos com eles? A necessidade não é de grandes homens, mas de uma grande raça humana, de uma humanidade melhor.

Pelo menos uma pessoa está desiludida; pelo menos um homem chegou a saber que eu não sou um grande homem. É um grande alívio a desilusão desse homem. Ele escreveu para me tentar com o *mahatmatismo*; ele disse que eu poderia me tornar um grande *guru* se parasse de falar sobre tais assuntos. Até agora, os *mahatmas e gurus* têm sido enganados por tais propostas e, como resultado, essas grandes, mas frágeis pessoas não falaram sobre assuntos que poderiam tomar-se desastrosos para seus *guruísmos*, para seus *mahatmatismos*. Na preocupação de salvar seus próprios tronos, nunca se importaram com quantas pessoas estavam influenciando prejudicialmente.

Não estou interessado em nenhum alto pedestal. Não sonho com isso, nem tenho essa intenção. Por outro lado, *estou* preocupado com o fato de que alguém possa querer criar um *mahatma* algum dia. Hoje em dia, não há escassez de *gurus e mahatmas*, e para ser considerado um é muito importante adotar a postura correta. Sempre foi assim. Mas o ponto crucial da questão não é a disponibilidade de *mahatmas*, mas como um homem autêntico pode evoluir. O que podemos fazer para alcançar essa meta? Como podemos nos dedicar a essa tarefa?

Confio e acredito que o que falamos os guiará ao caminho apropriado para quebrar aquelas barreiras que se erguem no curso da evolução de um homem autêntico. Um caminho é visível; a transformação gradual da sua luxúria é possível. Seu sexo pode tornar-se seu *samadhi*.

Agora, como você é hoje, você é a sua luxúria; não é a sua alma. Vocês também podem tornar-se almas, mas só pela transformação gradual da sexualidade. Só então a jornada para Deus poderá começar.

Muitas outras questões similares têm sido enviadas a mim, assim deixe-me rever alguns pontos importantes.

Disse que vocês devem se esforçar por uma contínua conscientização do vislumbre do *samadhi* no coito. Devem tentar entender esse ponto, esse vislumbre de *samadhi*, o qual lampeja como um relâmpago no meio da relação sexual, o qual tremeluz por um segundo como um fogo-fátuo, e então se desvanece. O esforço deve ser para conhecer isso, para familiarizar-se com isso, para permanecer com isso. Se puderem estabelecer esse contato plenamente, pelo menos uma vez, nesse momento saberão que não são um corpo, que são incorpóreos. Por essa fração de tempo você não é um corpo; nesse momento é transformado em outra coisa: o corpo é deixado para trás e você se toma a alma, o eu real. Se tiver um vislumbre dessa glória, pelo menos uma vez, poderá persegui-la, através de dhyana, meditação, e estabelecer um relacionamento profundo e permanente com ela. Então, o caminho para o *samadhi* será seu. E quanto isso se tornar parte de seu entendimento, parte de seu conhecimento e de sua vida, não haverá mais espaço para a luxúria.

Outro amigo está com medo do que possa acontecer à nossa progeneritura, à nossa raça, se abandonarmos o sexo como tal. "Se todo o mundo chegar ao celibato pelo *samadhi*", ele diz, "como haverá futuras gerações?"

Pode-se afirmar definitivamente que o tipo de criança que está sendo procriado agora, não existirá. O modo atual de procriação está bem para produzir gatos, cachorros e outros animais, mas não é suficientemente bom para o homem. Que tipo de atitude para com a procriação é esse? Que tipo de produção impensada de crianças é esse? Esse tipo de procriação acidental em massa é sem propósito, é inútil. E como nosso povo se tornou numeroso! Nossa população explodiu em proporções tão incríveis que se não for controlada a tempo, dizem os cientistas, daqui a cem anos não haverá lugar nem para se mover os dedos! Em cem anos você se sentirá o tempo todo no meio de algum tipo de congregação. Para onde quer que olhar sentirá que uma assembléia está acontecendo. Convocar uma assembléia será desnecessário.

A pergunta desse amigo é muito relevante. Ele pergunta como as crianças serão procriadas se o celibato se tomar um lugar-comum.

Quero dar a ele mais um esclarecimento, e vocês também deveriam prestar atenção: crianças podem nascer do celibato, mas neste caso todo o propósito e significado da procriação terá uma nova dimensão. A luxúria não é o veículo correto para a procriação — o celibato é o único meio suficientemente judicioso. Como é agora, o nascimento de uma criança é acidental; você começa a relação sexual por algum outro motivo; as crianças simplesmente acontecem. As crianças são hóspedes não convidados, e você só pode ter por essas crianças o amor que tem pelos visitantes inesperados.

E como os hóspedes imprevistos são tratados? Você prepara uma cama para o conforto deles e serve comida; você os acolhe polidamente e os mima — mas tudo é feito por etiqueta; internamente não há nenhum sentimento de amor. Seu

pensamento constante é: "Quando será que esses chatos vão embora?"

Você trata as crianças indesejadas do mesmo modo, pela simples razão de que, em primeiro lugar, você nunca as quis realmente. Você estava atrás de alguma coisa; elas foram apenas subprodutos. As crianças de hoje não são produtos; são subprodutos. Elas não são produzidas; vêm junto com o sexo como a palha que aparece com o milho.

Assim, o mundo todo tem tentado proteger o sexo desses acidentes. O controle da natalidade se desenvolveu a partir dessa atitude; auxílios artificiais foram inventados para que pudéssemos desfrutar do sexo e, ao mesmo tempo, estar a salvo de crianças. Por séculos, esforços têm sido feitos para resguardar a humanidade desse pseudo mal. Até mesmo as antigas escrituras *ayurvédicas* mencionam remédios. Os respeitáveis cientistas de hoje também estão preocupados com a mesma coisa que preocupou os estudiosos *ayurvédicos* há três mil anos atrás.

Por quê? Por que o homem concentra-se nessa pesquisa? Crianças causam tumulto; crianças surgem inesperadamente no meio das coisas; crianças trazem o peso da responsabilidade, e há também o perigo da mulher se tornar apática sexualmente depois de dar à luz.

Os homens também não querem filhos. Um homem pode querer filhos enquanto não tem nenhum, não porque ame crianças, mas porque ama sua riqueza. Quando um homem quer uma criança, não se engane pensando que sua alma está ansiosa por um filho, por um novo e inocente ser humano. Ele acumulou sua riqueza com árduo trabalho. Quem sabe em que mãos sua riqueza cairá após sua morte? Ele precisa de um herdeiro, alguém nascido do seu próprio sangue, para salvar sua riqueza, para desfrutar de seus bens. Ninguém quer uma criança por amor à criança. Tentamos nos livrar delas, mas elas simplesmente vêm por conta própria. Queremos apenas desfrutar do sexo e uma criança aparece! Essa prole é o subproduto da sexualidade. Essas crianças são doentes, fracas, frágeis, oprimidas pela ansiedade.

As crianças podem ser procriadas pelos celibatários também, mas não serão o subproduto accidental do sexo. Quando isso acontece, o sexo é o veículo para gerar crianças, mas não um fim em si mesmo.

Você sobe a bordo de um avião para ir a Delhi. O avião é o veículo para se chegar a Delhi. Quando você chegar lá, não dirá que não quer sair do avião.

Quando você chegar ao estado de supraconsciência através do sexo, quando chegar ao *brahmacharya*, ao estado de comunhão com o divino, seu filho será um produto verdadeiro, será verdadeiramente uma criação! Mas até agora, a mente engenhosa do homem concentrou-se em construir mecanismos defensivos para ajudá-lo a evitar crianças, permitindo contudo o mais pleno gozo do sexo. Os esforços deviam ser feitos na direção contrária. Mas nós ainda queremos permanecer em nossos assentos mesmo depois de termos chegado ao aeroporto de

Delhi. Você percebe o meu ponto de vista? Se o *brahmacharya* se difundir, nossa criatividade poderá ser aplicada na direção da espiritualidade. No presente, o esforço está na direção oposta: abominação da idéia de crianças e gozo do sexo apenas pelo sexo.

Gostaria também de perguntar a esse homem por que ele está tão preocupado em salvar o mundo dos *brahmacharyas*. Ele está muito apreensivo no momento com o fato de que as pessoas possam tornar-se *brahmacharyas*, que o nascimento de crianças pare e o mundo se acabe. Meu amigo, como as coisas estão agora, a possibilidade das pessoas se tornarem *brahmacharyas* é nula. E isso permanecerá assim, enquanto esse desrespeito insensível, intencional e particular pelo sexo existir. Não, meu amigo, não há perigo para o mundo a partir desse ponto. Mas a possibilidade de extinção está aumentando dia a dia, por causa desses nascimentos contínuos e acidentais. Se vocês continuarem a procriar desse modo, o mundo certamente chegará ao fim. E não será preciso bombas atômicas ou de hidrogênio. Essa população constantemente multiplicada, esse obsceno subproduto de um enxame de vermes, destruirá a si mesmo.

O novo homem, nascido de *brahmacharya*, teria um desenvolvimento diferente. Teria uma longevidade que não podemos imaginar. Sua saúde seria excelente; seria livre de doenças. Sua forma e porte seriam como a de algumas estátuas majestosas. Uma fragrância etérea emanaria dele. Bondade, amor, verdade, beleza e religião seriam seus caracteres. Ele nasceria com a religião em si mesmo. Seria um tipo de divindade encarnada.

Nós fomos procriados irreligiosamente. Recebemos a pena de irreligiosidade desde o nascimento e morremos na irreligião. E no intervalo, da manhã à noite, do nascimento à morte, durante toda a extensão de nossas vidas, falamos e falamos sobre religião. Nesse homem superior, não haverá palavras inúteis ou discussões vazias sobre religião, porque a religião será seu modo de viver. Falamos sobre coisas que não fazem parte de nossas vidas, e não falamos sobre as coisas que fazem parte. Não falamos sobre sexo porque ele é o nosso modo de viver, mas ficamos falando sobre Deus porque o nosso modo de viver não tem nada a ver com Deus. Na verdade, mantemo-nos satisfeitos falando sobre coisas que não podemos atingir nem obter.

Vocês já repararam que as mulheres falam mais do que os homens?

As mulheres estão sempre ocupadas em falar sobre uma coisa ou outra — com suas vizinhas, com qualquer um que as ouça. Sem querer ofender, dizem que é muito difícil imaginar duas mulheres sentadas lado a lado por um tempo, sem que uma fale com a outra.

Ouvi contar que foi organizado um grande concurso na China para selecionar o maior mentiroso do país. O vencedor receberia um grande prêmio, e assim os

maiores mentirosos se reuniram no local escolhido para o concurso.

Quando chegou sua vez, um homem disse: "Fui a um parque e vi duas mulheres sentadas em um banco. As duas se mantiveram reservadas e não conversaram".

Houve uma grande algazarra. Todo o mundo aplaudiu. As pessoas gritaram: "Não pode haver uma mentira maior do que essa! Esse é o maior mentiroso de todos!"

Todos votaram nesse homem.

Por que as mulheres falam tanto assim? Os homens têm seu trabalho, mas as mulheres não têm muito que fazer. Onde não há muito trabalho, muita atividade, há sempre tagarelice. Esse tipo de inconveniente feminino é o caráter nacional da Índia. Não há nenhum progresso neste país; há apenas conversa fiada e discussão.

O novo homem, o homem nascido do *brahmacharya*, não será tagarela — ele viverá a vida. Não ficará falando e falando sobre religião, ele viverá na religião. Às pessoas se esquecerão da religião como um tópico de discussão ociosa, porque a religião será a própria natureza delas. Pensar sobre esse homem, imaginá-lo, é maravilhoso; inspira reverência.

Tais homens têm nascido, mas seus nascimentos têm sido raros. Ocasionalmente, muito ocasionalmente, um homem assim nasce. As roupas mais caras não podem embelezá-lo; ele se levanta despido, nu, e o esplendor de sua beleza se espalha por todos os cantos. As pessoas se aglomeram em torno dele — para vê-lo, para se maravilhar diante de uma divindade viva. Um homem assim existiu. Ele tinha um tal fulgor, uma tal vitalidade que, embora seu nome fosse Vardhamana, as pessoas o chamavam de Mahavir — o grande vitorioso. A glória de *brahmacharya* nele era tal que as pessoas se prostravam à sua frente, diante desse Deus-homem. Ocasionalmente um Buda nasce, ocasionalmente um Cristo nasce, ocasionalmente um Lao Tzu nasce. Podemos contar apenas alguns nomes como esses em toda a história da humanidade.

No dia em que as crianças nascerem do celibato, de uma comunhão divina — você provavelmente não gosta do som da frase "crianças nascidas do celibato", mas estou falando sobre um novo conceito, sobre uma possibilidade mais nobre — no dia em que as crianças nascerem do celibato, a humanidade será tão bela, tão forte, tão ponderada, tão energética e tão inteligente que o conhecimento do eu, do Supremo, da Consciência Universal, não estará muito longe de ninguém. Contudo, isso é difícil de imaginar. Deixe-me ilustrar com um exemplo.

Se a um homem que sofre de insônia eu disser que ele dormirá no momento em que deitar sua cabeça no travesseiro, o mais provável é que ele não me acredite. Ele me dirá que fica sempre rolando na cama, sentando-se ou levantando-se para rezar, ou contando carneiros, mas que não pode dormir. Dirá que sou um mentiroso.

Perguntará como é possível dormir instantaneamente só por deitar-se. Ele se queixará de que, a despeito de todos os tipos de experimentos não consegue dormir profundamente, nem mesmo por uma noite.

Trinta a quarenta por cento dos residentes da cidade de Nova York tomam pílulas para dormir. E os psiquiatras temem que em cem anos ninguém seja capaz de dormir naturalmente, que todo o mundo tenha de tomar tranqüilizantes quando for para a cama. Se esse é o estado corrente da saúde mental em Nova York, então a mesma coisa acontecerá na Índia daqui a duzentos anos. Os líderes indianos nunca ficam muito para trás em copiar estrangeiros. Portanto, não podemos estar muito atrás dos nova-iorquinos. Se plágamos tudo o mais, como podemos ignorar isso?

Assim, no espaço de quinhentos anos, é totalmente possível que todos os homens do mundo tomem soníferos antes de ir dormir. E imediatamente após nascer, as crianças irão querer tranqüilizantes ao invés de leite, porque não estarão tranqüilas nem mesmo no útero da mãe! Então será muito difícil convencer as pessoas de que, há quinhentos anos, as pessoas costumavam simplesmente fechar seus olhos e dormir, sem barbitúricos. Elas dirão que isso é impossível, perguntarão como isso podia ser feito.

Similarmente, será muito difícil convencer os que nascerem do celibato que as pessoas uma vez foram desonestas, que já houve ladrões e assassinos, que homens cometiam suicídio, que envenenavam e esfaqueavam um ao outro, que guerreavam. Eles também não acreditarão que as pessoas nasciam de uma sexualidade vulgar que não ia nem um pouco além do contato físico.

Um sexo espiritual *pode* surgir. Uma nova vida para a humanidade *pode* começar.

Durante os últimos quatro dias, falei a vocês sobre a possibilidade de se chegar a um novo nível de existência espiritual. Vocês ouviram minhas palestras pacientemente e com muito amor, embora ouvir tais discursos tranqüilamente deva ter sido difícil; vocês devem ter se sentido embaraçados algumas vezes.

Um amigo veio me ver e expressou seu medo de que alguns homens, sentindo que tal assunto não deveria ser comentado, pudessem se levantar e provocar um clamor para as palestras pararem. Ele sentia que algumas pessoas poderiam protestar intensa e ruidosamente contra a discussão de tal tópico em público. Eu disse a ele que o mundo seria melhor se houvesse pessoas tão corajosas ao redor. Onde você encontrará um homem tão corajoso a ponto de se levantar diante de uma reunião pública e pedir ao orador que pare seu discurso? Se uma pessoa tão corajosa existisse neste país, então as palestras loquazes e absurdas pronunciadas das altas plataformas, por uma longa série de homens tolos, teriam parado há muito tempo atrás. Mas não pararam ainda e nunca pararão. O tempo todo estive esperando por algum homem corajoso que se levantasse e me pedisse para interromper minhas

palestras. Então eu poderia discutir o assunto com ele em detalhes. Teria sido uma fonte de grande prazer para mim.

Assim, mesmo tais palestras, sobre tal tópico — a despeito de muitos amigos terem ficado com medo de que alguém pudesse se levantar para protestar, de que alguém pudesse criar pandemônio aqui. — vocês ouviram silenciosamente. Todos vocês são muito amáveis. Estou grato pela paciente pacífica atenção que tiveram.

Concluindo, do fundo do meu coração, desejo que a luxúria interior de cada um de nós possa tornar-se uma escada pela qual se possa chegar ao templo do amor; que o sexo dentro de cada um de nós possa tornar-se um veículo para a supraconsciência.

E, finalmente, inclino-me diante do Supremo que reina em todos nós.

Por favor, aceitem meus respeitos.